

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM  
DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE**

**DISSERTAÇÃO**

**“TODO DIA É DIA DE FEIRA”: RELAÇÕES DE GÊNERO A PARTIR  
DE UMA FEIRA DE PEQUENOS AGRICULTORES DE SANTA  
MARIA/RS**

**FABIANE DALLA NORA**

2017



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM  
DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE**

**“Todo dia é dia de feira”: Relações de Gênero a partir de uma feira de  
pequenos agricultores de Santa Maria/RS**

**FABIANE DALLA NORA**

*Sob a Orientação da Professora*  
**Maria José Teixeira Carneiro**

Dissertação submetida como requisito parcial para  
obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no  
Curso de Pós-Graduação de Ciências Sociais em  
Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade.

Rio de Janeiro, RJ  
2017

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N822 Nora, Fabiane Dalla, 1992-  
"Todo dia é dia de feira": Relações de Gênero a  
partir de uma feira de pequenos agricultores de Santa  
Maria/RS / Fabiane Dalla Nora. - 2017.  
117 f.: il.

Orientadora: Maria José Teixeira Carneiro .  
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, Pós-Graduação de Ciências Sociais em  
Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, 2017.

1. Relações de gênero . 2. feira de produtores. 3.  
comercialização direta . 4. pequenos agricultores. I.  
Carneiro , Maria José Teixeira, 1950-, orient. II  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Pós  
Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento,  
Agricultura e Sociedade III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento,  
Agricultura e Sociedade (CPDA)

**Fabiane Dalla Nora**

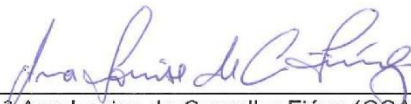
Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais  
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade como requisito parcial para  
obtenção do grau de mestre em Ciências Sociais.

Dissertação aprovada em 21/08/2017.



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria José Teixeira Carneiro (CPDA/UFRRJ)  
(Orientadora)



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Louise de Carvalho Fiúza (CCA/UFV)



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Sílvia Andriolli (CPDA/UFRRJ)

As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar a sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos.

(Michelle Perrot, 1988).

Não ri seu moço daquele colono  
Agricultor que ali vai passando  
Admirado com o movimento  
Desconfiado lá vai tropicando  
Ele não veio aqui te pedir nada  
São ferramentas que ele anda comprando  
Ele é digno do nosso respeito  
De sol a sol vive trabalhando  
Não toque flauta, não chame de grosso  
Pra ti alimentar, na roça está lutando.  
Se o terno dele não está na moda  
Não é motivo pra dar gargalhada  
Este colono que ali vai passando  
É um brasileiro da mão calejada  
Se o seu chapéu é da aba comprida  
Ele comprou e não te deve nada  
É um roceiro que orgulha a pátria  
Que colhe o fruto da terra lavrada  
E se não fosse este colono forte  
Tu ias ter que pegar na enxada.  
E se tivesse que pegar na enxada  
Queria ver que mocinho moderno  
Pegar no coice de um arado nove  
E um machado pra cortar o cerno  
E enfrentar doze horas de sol  
Num verão forte tu suavas o terno  
Tirar o leite, arrancar mandioca  
No mês de julho no forte do inverno  
Tuas mãozinhas finas delicadas  
Criava calo e virava um inferno.  
Este colono enfrenta tudo isto  
E muito mais eu não disse a metade  
Planta e colhe com suor do rosto  
Pra sustentar nós aqui na cidade  
Não ri seu moço mais deste colono  
Vai estudar numa faculdade  
Tire um "dr", chegue lá na roça  
Repare lá quanta dificuldade  
Faça algo por nossos colonos  
Que Deus lhe pague por tanta bondade.

(O Colono, Teixeira).

In memoriam de minha mãe, agricultora, que fez tudo que estava ao seu alcance para poder realizar os meus sonhos, mesmo que para isso tivesse que abrir mão dos seus. Dedico este trabalho como uma singela forma de agradecer pela vida, pelo cuidado e pelo amor incondicional.

## AGRADECIMENTOS

Antes mesmo de finalizar o processo de escrita, encerrar mais um ciclo, tornar-me mestre em Ciências Sociais, os agradecimentos já estavam prontos. É impossível esquecer das pessoas que contribuíram de alguma forma, cada uma ao seu modo, para a conquista desse título. A distância machucava, a saudade de casa e dos amigos apertava, mas graças as palavras de apoio e de incentivo, estou aqui, demonstrado em poucas palavras minha gratidão.

Agradeço especialmente ao meu pai, João, que apesar da baixa escolaridade sempre incentivou pela busca do conhecimento e do aprendizado. A minha mãe Matilde, que embora não se encontre mais entre nós, torceu por mim. As minhas irmãs, Daiane e Fabia, pelo amor, apoio e compreensão. Meu cunhado, Felipe, pelas palavras de otimismo. Obrigada por existirem e serem a minha FAMÍLIA.

As “Neconzetes”, como são carinhosamente chamadas, Patrícia, Jamile, Daniele, Diessica, Silvana e Maria Rita, que tive a oportunidade e a sorte de conhecer pelo intermédio do Núcleo de Estudos Contemporâneos (NECON). Apesar da distância física, jamais deixaram de estar presentes. Em todos os encontros que aconteceram ao longo da jornada, eram como se nenhuma de nós tivesse seguido caminhos diferentes e com muitos km de distância.

Não fiquem como ciúmes, amo todas, mas preciso deixar registrado um agradecimento especial para a Patrícia, pois compartilhávamos, entre muitas coisas, a saudade de casa. A saudade que apertava no Rio era a mesma que Patrícia sentia no Maranhão. Foram muitas lamentações, mas também infinitas palavras de conforto. Quando ousava pensar em desistir, em repetir que estava muito longe de concluir a pesquisa, ouvia, “mas tu vieste de mais longe, vai conseguir”.

À Karen, com quem cultivo uma amizade desde os tempos de União Universitária e que fez muita falta nestes dois anos. Foi a sua presença no dia da prova do CPDA, que não deixou o meu medo, a minha insegurança e, principalmente, que o pessimismo tomasse conta de mim. Graças a sua presença, pude escrever estes agradecimentos: não apenas ajudou a ingressar no mestrado, mas a sair dele. Em especial, obrigada pela ajuda com a bibliografia sobre gênero.

Thays que apesar de ter conhecido somente durante o processo de seleção do mestrado, um momento de tensão e ansiedade, construímos uma grande amizade. Agradeço pelas gargalhadas e os momentos de descontração, mas principalmente por me acolher no Rio



de Janeiro. Agradeço pelos lanches, pelas comidinhas gostosas e feitas com muito amor e carinho.

Sou muito grata à Grazi, minha irmã de coração, com quem dividi moradia, as piores e melhores experiências no Rio de Janeiro. Nunca esquecerei do seu companheirismo e instinto de proteção. Sempre será um dos meus exemplos, tanto profissional como pessoal.

Sou igualmente grata ao meu ruivo, Lizandro, pelo incentivo desde o início da jornada como pesquisadora.

Ao Paulo, agradeço pelo suporte emocional e pelo afeto.

Agradeço carinhosamente ao amigo carioca Wagner por sempre me tirar das encrencas colecionadas no Rio, ser meu GPS, meu companheiro e guia turístico.

Agradeço a professora Maria Catarina, a quem dedico o título de “mãe acadêmica”, por ter acreditado no meu potencial e principalmente ensinar que todo estudo tem seus limites e devemos, acima de tudo, manter a ética na pesquisa, respeitando os atores sociais da mesma.

Aos colegas da turma de mestrado do ano de 2015, Adriano, Afonso, Charles, Carlos, Fabiola, Juan, Rayane, Thaís, Daniel, Marcos, Manuela e aos demais estudantes do programa de pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ) que me acolheram com tanto carinho, por terem demonstrado preocupação, como se tivessem ganhado uma irmã mais nova para proteger, em especial a Maria Morena, pelo alto astral e as energias positivas, essenciais para aliviar as tensões ocasionadas pela pressão e cobranças da pós-graduação e de nós mesmos.

Ao meu colega de profissão e de UFSM, mega, super, hiper prestativo Fabrício por me dar suporte durante o processo de seleção e me abrigar em sua residência até conseguir moradia no Rio.

Não poderia esquecer daquelas pessoas que apesar da vida corrida doaram um pouco do seu tempo para a leitura dos meus escritos. Karen, Patrícia, Renan, João, Annagesse, Maria Rita, Fabia, meus agradecimentos.

Agradeço ao CPDA como instituição de ensino. Sou grata não somente pelos professores e funcionários maravilhosos, mas por demonstrarem a importância de se trabalhar em grupo, em coletividade. Ao professor Luiz Flávio, pelas aulas contagiantes e motivadoras, pela simpatia e bom humor, pela ajuda no processo de transição do projeto de pesquisa. À professora Fátima, a quem sou eternamente grata por confiar em mim. À professora Debora, minha conterrânea, que juntamente com a professora Fátima fez parte da banca de qualificação. Aos professores Renato, Eli, Regina, Roberto pelas disciplinas gratificantes.

A CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior) pelo apoio financeiro. Sem a bolsa de mestrado não teria condições de permanecer no Rio para a assistir as aulas, assim como me deslocar para o Rio Grande do Sul para a realização do campo.

A professora orientadora, Maria José Teixeira Carneiro, responsável por ter me oferecido um grande desafio acadêmico, um estudo sobre as relações de gênero e por compartilhar sua sabedoria e ensinamentos: gratidão!

Ao Rio de Janeiro, cidade maravilhosa, pela experiência inesquecível, por alegrar os meus dias com sua beleza natural.

A todos os atores dessa pesquisa, aos feirantes, por me acolherem e colaborarem durante os anos de pesquisa. Em especial, a Dona Margarida, seu marido, Seu Olinto, e também Dona Maria e Seu Antônio por serem meus informantes e amigos.

**A TODOS, MEUS SINCEROS AGRADECIMENTOS!**

## RESUMO

DALLA NORA, Fabiane. “Todo dia é dia de feira”: Relações de gênero a partir de uma feira de pequenos agricultores de Santa Maria/RS. Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Esta dissertação baseia-se em uma pesquisa etnográfica realizada em uma feira de pequenos agricultores localizada na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul/RS. Conhecida como *Feirinha de Camobi* ou *Feira da Roraima*, ocorre no bairro Camobi há aproximadamente dezoito anos e surgiu por uma iniciativa da Associação de moradores, Sociedade Amigos de Camobi (SACA). Atualmente, consiste em um importante meio para o desenvolvimento socioeconômico das famílias que se deslocam para a cidade com o propósito de comercializar seus produtos. É um espaço que possibilita a venda direta entre produtor e cliente, fazendo com que tenham mais autonomia sobre suas atividades. O objetivo principal deste trabalho é observar como as relações de gênero se manifestam no cotidiano destes trabalhadores, na organização e realização da feira. Compreender como esse espaço de comércio interfere nestas relações, tanto no meio doméstico como no âmbito do trabalho. Através da minha experiência etnográfica procurei demonstrar como a feira modifica a vida social das mulheres feirantes, que comercializam seus produtos, e como interfere no cotidiano doméstico, identificando os conflitos que pode acarretar na esfera familiar.

**Palavras-Chave:** Feira de produtores, Pequenos Agricultores, Comercialização direta, *Feirinha de Camobi*, Relações de Gênero, Santa Maria/RS.

## ABSTRACT

“A street fair every day, all day”: The gender relations from a street fair of small farmers located in Santa Maria/RS. Dissertation (Master of Social Sciences in Development, Agriculture and Society). Institute of Human and Social Sciences, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

This dissertation is based on an ethnographic research conducted in a street fair of small farmers located in the city of Santa Maria, Rio Grande do Sul/RS. Known as “Feirinha de Camobi” or “Feira da Roraima”, it occurs in the Camobi neighborhood for about eighteen years and it came up from an initiative of the residents association, Sociedade Amigos de Camobi (SACA). The street fair is currently very important for the socioeconomic development of the families that move towards the city with the purpose of marketing their products. It is a place that allows the direct sales between producer and customer, causing them to have more autonomy over their activities. The main objective of this research is to observe how gender relations are manifested in the daily lives of these workers in organizing and holding the street fair. Understanding how this trade area interferes in these relations, both in the domestic environment and the work. Through my ethnographic experience I tried to demonstrate how the street fair modifies the social life of the women that work there, And how it interferes in domestic life identifying the conflicts that may occur in the family sphere.

Keywords: Producers Fair, Small Farmers, Direct Marketing, *Feirinha de Camobi*, Gender Relations, Santa Maria/RS.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 01</b> - A feira há aproximadamente cinco anos atrás .....	41
<b>Imagem 02</b> - A feira nos dias atuais. ....	42
<b>Imagem 03</b> - Local onde ficam depositadas as vigas que dão suporte as barracas .....	43
<b>Imagem 04</b> - Feira realizada no sábado .....	48
<b>Imagem 05</b> - A feira vista de outro ângulo .....	48
<b>Imagem 06</b> - Produtos comercializados na feira .....	51
<b>Imagem 07</b> - Casal de clientes aproveitando a feira para passear com o animal de estimação.53	
<b>Imagem 08</b> - Bonsai que são comercializados na feira .....	56
<b>Imagem 09</b> - Dona Maria e seu marido Antônio na feira .....	82
<b>Imagem 10</b> - Dona Maria guardando as vigas que sustentam a feira .....	84
<b>Imagem 11</b> - Feirantes socializando .....	86
<b>Imagem 12</b> - Feirante interagindo com clientes no corredor da feira .....	86
<b>Imagem 13</b> - Filha adolescente carregando os produtos na madrugada. ....	99
<b>Imagem 14</b> - Quintal da casa de Dona Maria e Seu Antônio. ....	101
<b>Imagem 15</b> - Plantação de tomates na propriedade de Dona Maria e Seu Antônio. ....	103

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> – Croqui da <i>Feirinha de Camobi</i> .....	60
--	----

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 01</b> - Localização da <i>Feirinha de Camobi</i> .....	47
---	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AFRORA** - Associação dos Feirantes da Roraima

**CCR** - Centro de Ciências Rurais

**CPDA** - Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade.

**EMATER/RS** - Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural

**NECON** - Grupo de Estudos Contemporâneos

**SACA** - Sociedade Amigos de Camobi

**UFSM** - Universidade Federal de Santa Maria

**UFRRJ** - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**UFMA** - Universidade Federal do Maranhão

**IBGE** - Instituto Brasileiro Geografia e Estatística

**RS** - Rio Grande do Sul

**RJ** - Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO - Caminhando entre as bancas: Construindo a trajetória da pesquisa</b>	<b>15</b>
1.1. Escolha do tema .....	16
1.2. Aproximação com o universo de pesquisa .....	19
1.3. Antecedentes da pesquisa .....	28
1.4. Estrutura da dissertação .....	32
<b>PRIMEIRO CAPÍTULO - Hoje é dia de feira.....</b>	<b>33</b>
2.1. A feira na história e na memória .....	34
2.2. A memória de criação da <i>Feirinha de Camobi</i> .....	35
2.3. O processo de mudança da feira .....	39
2.4. O dia -a -dia da <i>Feirinha de Camobi</i> .....	45
2.5. “Tenho muito orgulho de ser feirante e amo o que eu faço” .....	59
2.6. Os produtos “de fora” .....	61
<b>SEGUNDO CAPÍTULO - “Da porta pra fora”: As Relações de Gênero na feira .....</b>	<b>65</b>
3.1. Por que estudo de gênero na feira .....	66
3.2. O protagonismo feminino no processo de consolidação da feira .....	69
3.3. O papel do homem e da mulher na feira .....	78
3.4. “Ele não gosta de ficar parado, gosta de estar sempre sapateando .....	84
<b>TERCEIRO CAPÍTULO - Relações de Gênero no contexto doméstico .....</b>	<b>88</b>
4.1. Um novo campo: Alguns dilemas da pesquisa .....	89
4.2. Divisão sexual do trabalho e Organização familiar camponesa .....	94
4.3. Mulher na esfera do cuidado .....	104
4.4. Atuação feminina .....	106
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>109</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>112</b>

# INTRODUÇÃO

## CAMINHANDO ENTRE AS BANCAS: CONSTRUINDO A TRAJETÓRIA DA PESQUISA





## Escolha do tema

A presente dissertação de mestrado consiste em um estudo etnográfico sobre relações de gênero em uma feira de pequenos agricultores localizada na cidade de Santa Maria<sup>1</sup>, Rio Grande do Sul/RS. Busco<sup>2</sup> compreender como as relações de gênero ocorrem na organização da feira e de que modo sua realização interfere nessas relações, tanto no espaço doméstico como no âmbito do trabalho. Nesta pesquisa procurei entender de que forma esse evento modifica a vida social das mulheres feirantes que comercializam e como tal prática interfere no cotidiano doméstico, identificando os conflitos que pode acarretar na esfera familiar.

Antes de entrar no mérito da pesquisa, cabe ressaltar alguns aspectos da minha trajetória acadêmica, evidenciando os acontecimentos que foram decisivos na escolha do tema em estudo. Sou filha de agricultores, morei toda a minha infância e adolescência em uma comunidade rural localizada no interior de uma pequena cidade chamada Nova Palma<sup>3</sup>/RS. Acompanhei intimamente a rotina de trabalho, as dificuldades e os valores sociais e culturais que orientam as escolhas destes trabalhadores.

Dos meus pais, fumicultores<sup>4</sup>, semianalfabetos, sempre ouvi que o estudo era a única alternativa de um futuro melhor, devido à “lamentável realidade da vida dos agricultores”, uma realidade repleta de incertezas e dificuldades. Lembro do meu pai pegando as minhas mãos ainda pequenas e colocando sobre as suas machucadas e calejadas, reflexo do trabalho pesado da roça, pois muitas das atividades eram realizadas de forma manual, sem o uso de maquinários como trator e colheitadeira. Enquanto acariciava suas marcas, ouvia atentamente seus conselhos: “Estuda para não ser burra e ter que trabalhar na roça. Quem não tem estudo, não tem valor. A gente vai no banco com as mãos encardidas e ninguém dá bola<sup>5</sup>”. Não raras vezes, também se queixava da falta de apoio dos órgãos públicos, manifestada na seguinte frase, constantemente repetida: “o governo quer terminar com os colonos<sup>6</sup>”.

---

<sup>1</sup> População estimada em 278445 pessoas. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017).

<sup>2</sup> O trabalho foi escrito em primeira pessoa do singular, pois “o autor não deve se esconder sistematicamente sob a capa de um observador impessoal, coletivo, onipresente e onisciente, valendo-se da primeira pessoa do plural: nós” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996, p. 27).

<sup>3</sup> População estimada em 6605 pessoas. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017).

<sup>4</sup> Principal fonte de renda da família vinha do cultivo do fumo ou tabaco.

<sup>5</sup> Forma coloquial de referir-se a palavra atenção.

<sup>6</sup> Segundo Seyferth (1993, p. 38), “no seu significado mais geral, a categoria colono é usada como sinônimo de agricultor de origem europeia, e sua gênese remonta ao processo histórico de colonização”.

Essa lembrança me levou a algumas reflexões sobre as populações que residem no meio rural. Em primeiro lugar, deve-se observar que o incentivo ao estudo não se dá apenas pelo fato de muito cedo precisar trocar o lápis pela enxada e ajudar no sustento da família. Mais do que isso, estas palavras são cruciais para pensar a realidade dos trabalhadores rurais que sofrem em decorrência de sua invisibilidade e do não reconhecimento do seu trabalho. Além disso, são importantes para compreender as representações que os próprios fazem sobre quem trabalha no campo. Percebe-se ainda, que apesar da existência de pesquisas<sup>7</sup> que contrapõem a visão do rural como atrasado, em vias de extinção e que atentam para as mudanças e o processo de ressignificação destes espaços ao longo dos anos, fica evidente que estas populações ainda passam despercebidas pela sociedade, academia e sobretudo, aos olhos dos órgãos públicos e de fiscalização, que muitas vezes tendem a implantar políticas públicas sem considerar suas demandas e especificidades.

Minha trajetória pessoal foi um dos fatores decisivos para traçar o percurso acadêmico. Minha origem e vivência em um ambiente rural tiveram um peso significativo nas escolhas posteriores, sendo, portanto, as grandes responsáveis por desencadarem em mim o interesse pelos estudos do rural e realizar a pesquisa em questão. Concordando com Mills (2009, p. 22), o pesquisador precisa “aprender a usar sua experiência de vida em seu trabalho intelectual: examiná-la e interpretá-la continuamente (...) o artesanato é o centro de você mesmo, e você está pessoalmente envolvido em cada produto intelectual em que possa trabalhar”.

Ao concluir o ensino médio em 2011, fui aprovada no curso de Ciências Sociais Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e encontrei na academia uma importante ferramenta para dar visibilidade e contribuir de forma positiva com estes grupos. A primeira oportunidade de contribuir com aqueles que residem no meio rural surgiu ainda em 2012 quando ingressei no projeto de extensão intitulado *Programa Socioambiental Multicentros* o qual envolvia um conjunto de ações de extensão como seminários, encontros, cursos entre outras atividades, visando promover o debate sobre a crise socioambiental em que vivemos. O projeto era vinculado ao Centro de Ciências Rurais da Universidade Federal de Santa Maria (CCR/UFSM) e se dividia em vários subprojetos, entre eles, estava o *Inclusão Social através da Organização de Grupos de Apoio a Pessoas Hipossuficientes* no qual tinha uma participação mais ativa, com proposta de prestar assistência à população rural e

---

<sup>7</sup> Brandenburg (2010); Kayser (1990); Silva (1997); Carneiro (2008).

quilombola. Integrei-me à equipe desse projeto coordenada pelo Prof. Dr. José Luiz de Moura Filho.

O subprojeto atendia a comunidade remanescente Ernesto Penna Carneiro, situada no oitavo distrito de Santa Maria/RS, denominado Palma, onde eram desenvolvidas atividades referentes à infraestrutura institucional da comunidade. Apesar de ter convivido com esta comunidade por um curto período de tempo, foi uma experiência de muito aprendizado, pois visitávamos o lugar com frequência, possibilitando a compreensão das dificuldades enfrentadas pelo grupo, inclusive no que concerne o acesso à educação, cidadania e saúde. Foram realizadas atividades como a elaboração de um folder contendo informações como o endereço e as formas de contato dos principais e mais próximos postos de saúde, escolas, secretaria de assistência social, entre outras entidades que pudessem prestar algum tipo de assistência a comunidade. Simultaneamente, foi possível acompanhá-los para a confecção de documentos, visto que muitos estavam em situação irregular com a justiça eleitoral e/ou sem os documentos de identificação.

Além do projeto de extensão, era integrante do Núcleo de Estudos Contemporâneos (NECON), participava como voluntária, atuando no projeto de pesquisa *Imprensa e Diversidade* onde classificava e analisava reportagens veiculadas nas mídias impressas locais sobre grupos étnicos diversos, tais como italianos, judeus, alemães, poloneses, sírio-libaneses, entre outros. Em 2013, após o término da bolsa de extensão, fui convidada pela professora Dr<sup>a</sup>. Maria Catarina Zanini, coordenadora do NECON para integrar sua equipe como bolsista de Iniciação Científica no âmbito do projeto *Na Feira: Produção, Distribuição e Consumo entre Agricultores Feirantes na Região Central do Rio Grande do Sul*. O escopo de sua pesquisa era conhecer o trabalho feminino em feiras da região central do estado do Rio Grande do Sul/RS. Por meio do método etnográfico buscava-se compreender a prática de comércio neste espaço, tal como suas perdas e ganhos.

Junto aos demais integrantes da equipe foi possível mapear e visitar algumas feiras situadas na cidade de Santa Maria/RS. Entre os locais que que acompanhava constantemente havia a *Feirinha de Camobi* localizada próxima a minha residência, o que facilitava o acesso e as observações nos dois dias em que acontecia (quartas-feiras e sábados) pela manhã. A escolha por privilegiar e aprofundar meus estudos nesta feira não se deu somente por razões práticas, mas por ser um espaço onde os feirantes encontram uma possibilidade de

comercializar seus produtos de forma direta do produtor para o cliente<sup>8</sup>. É a partir dela que muitas famílias obtêm uma renda, em muitos casos, a única. Outro aspecto que se revelou importante para sua escolha refere-se às relações de confiança e amizade que se estabelecem entre feirantes e clientes. Os clientes frequentam a feira para realizar suas compras semanais, mas também para socializar, trocar experiências, diferenciando-se de outros canais de comercialização, como as redes de supermercado, onde as interações acontecem de forma mais contida e menos intimista.

Feito tais considerações acerca da minha trajetória pessoal e acadêmica, saliento que este trabalho faz parte e pretende dar continuidade aos estudos iniciados na graduação, conferindo através dos meus escritos, maior visibilidade e reconhecimento das populações que residem no meio rural e do trabalho realizado nas feiras. A partir de uma análise mais aprofundada do cotidiano destas pessoas e das carências existentes nesse meio, pretendo despertar o interesse da comunidade acadêmica para novas investigações e dos órgãos públicos para que dialoguem com estes trabalhadores. No que tange especificamente as relações de gênero, são importantes para entendermos as complexidades e peculiaridades de cada grupo social e, especificamente nesta pesquisa, um grupo de feirantes que se desloca para a cidade com a finalidade de comercializar seus produtos.

## **1.2. Aproximação com o Universo de Pesquisa**

Frequentava esporadicamente a *Feirinha de Camobi*, como consumidora. Como pesquisadora, minha estreia ocorreu em junho de 2013, na companhia de Patrícia Froelich<sup>9</sup>, também integrante do projeto *Na Feira: Produção, Distribuição e Consumo entre Agricultores Feirantes na Região Central do Rio Grande do Sul* enquanto bolsista de Iniciação Científica, pois já pesquisava no local. Desempenhou um papel fundamental para minha inserção no campo, fazendo com que acontecesse de forma rápida, porém sutil. Minha aceitação pelo grupo pesquisado foi decorrente da relação que Patrícia havia estabelecido com os feirantes, como se a confiança depositada nela fosse automaticamente transferida a mim.

---

<sup>8</sup> Escolhi pelo uso do termo “cliente” para referir-me às pessoas que compram na feira, devido à proximidade que o termo denota e por ser um termo empregado por alguns feirantes, além de “freguês”.

<sup>9</sup> Cientista Social pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2014). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA, 2017).

Os feirantes já estavam habituados à presença de pesquisadores, mas pareciam incomodados em responder perguntas, questionários ou serem fotografados sem permissão. Estavam cansados das pessoas simplesmente obterem as informações necessárias para seus trabalhos e desaparecerem. O modo como fui inserida em campo contribuiu para amenizar a resistência que havia entre eles. O fato de a professora orientadora ter me apresentado ao grupo pesquisado amenizou o sentimento de desconfiança, por residir no bairro e frequentar a *Feirinha de Camobi* há alguns anos como cliente e, posteriormente, como pesquisadora, dispondo de uma relação próxima com alguns feirantes e com as demais pessoas que costumavam frequentar aquele espaço.

Minha presença constante foi algo decisivo para minha aceitação. Quando precisava me ausentar, era alvo de questionamentos, assim passei a avisar quando não poderia comparecer a feira, mostrando respeito e comprometimento com a pesquisa e, principalmente, com os feirantes. Essa postura foi fundamental durante o meu processo de mudança para o estado do Rio de Janeiro com vistas a cursar o mestrado. Expliquei que passaria uma temporada afastada para estudar, mas voltaria assim, que possível. Quando retornava a feira, os feirantes se mostravam curiosos para obter informações acerca da minha passagem pelo Rio, indagando sobre minhas possíveis idas e vindas, demonstrando que estariam esperando pela minha volta.

Outro fator que possibilitou a aproximação com os feirantes foi o hábito de comprar produtos na *Feirinha de Camobi*. Enquanto pegava a sacola, escolhia os itens, esperava o troco, procurava travar um diálogo, trocar algumas frases ou apenas palavras, pois como alerta Rocha e Eckert (2008), a interação é a condição da pesquisa, ou segundo Fonseca (1999), o ponto de partida. Nesse curto período de tempo, me esforçava para conhecer um pouco de cada feirante e acerca dos seus enfrentamentos diários. Da mesma forma, almejava que também pudessem me conhecer, a fim de não se incomodarem com a minha presença.

As caminhadas entre o espaço da feira ou entre as barracas permitiram a interação com os feirantes, mas também com as pessoas que costumavam comprar neste espaço. Entre os clientes mais assíduos, estavam os moradores do bairro e estudantes que residem na Casa do Estudante Universitário, construída dentro das dependências da Universidade e localizada próxima a feira. É possível perceber a circulação de pessoas que vem de outros bairros, cidades vizinhas e região, que comprem na feira por acreditarem na qualidade dos produtos frente a outros canais de comercialização, pois a venda acontece de forma direta, do produtor para o cliente.

Em pesquisas realizadas em diferentes regiões rurais e na capital do Estado do Rio Grande do Sul, Cruz e Menasche (2011) notam uma ansiedade urbana, uma preocupação em relação à alimentação e uma valorização do rural em oposição às características dos alimentos processados pela indústria, cujo os componentes e os processos de produção são desconhecidos. Para os consumidores, parecia importante saber quem produziu os produtos que estavam levando para casa, pois, de algum modo, isso lhes conferia a possibilidade de conhecer quais foram os cuidados adotados em sua produção e processamento. Igualmente, na feira em estudo, observei que os clientes procuravam obter informações acerca da procedência dos produtos, a forma de cultivo e o modo de preparo. Além de levarem em consideração a aparência, visto que os “feios” e “pequenos” supostamente estavam livres de agrotóxicos, procuravam saber se eram cultivados nas propriedades rurais e pelos feirantes. No que tange especificamente os panificados, o modo de fazer e as escolhas dos ingredientes se mostravam relevantes: “Qual o fermento que a senhora usou para fazer o pão? ” era uma pergunta frequentemente ouvida.

Por outro lado, constatei que a feira se expandiu junto ao bairro, fazendo com que os moradores a percebessem como parte da identidade local. Como observado por Portilho (2009) na Feira Cultural da Glória, no Rio de Janeiro/RJ, e conforme será abordado adiante, a *Feirinha de Camobi* pode ser considerada como um local propício para o fortalecimento e desenvolvimento de novas sociabilidades. Um espaço de comércio que funciona como de lazer onde realizam suas compras, e também passeiam com seus animais de estimação, com filhos e netos. E mais, existe aqueles clientes que vão com o intuito de encontrar pessoas específicas, pois sabem que elas possuem o hábito de ir à feira. Enquanto interagia com um grupo de senhores que aparentavam ter mais que sessenta anos de idade e que puderam acompanhar as transformações do bairro e da feira, um deles contou aos risos um dos motivos para frequentá-la: “encontrar os amigos e saber se ainda estão vivos”.

Ajudar na feira também contribuiu para conquistar a empatia dos feirantes. Hoje, permitem que eu transite e acesse o interior das bancas e colabore na comercialização dos produtos, seja alcançando as sacolas plásticas aos clientes, no troco ou na montagem e desmontagem das barracas. Em casos mais atípicos como o de Dona Maria<sup>10</sup>, que ao precisar se ausentar brevemente por algum motivo, me deixava “tomando conta” de seus produtos e não se importava com os eventuais erros que eu poderia cometer em relação aos preços durante

---

<sup>10</sup> Optei pelo uso de pseudônimos, com o intuito de preservar a identidade e a integridade moral de cada feirante e das demais pessoas envolvidas no processo de construção da feira.

as vendas, ao contrário, encarava a situação com humor. Ao observar que eu estava sozinha na banca de Dona Maria, Seu Nelson, que comercializava ao lado perguntava: “está fazendo promoção de tudo, tudo por R\$1, 00? ”.

É importante destacar que carregava entre meus itens de pesquisa uma máquina fotográfica, usada em determinadas ocasiões, sempre com autorização dos feirantes. Após os registros fotográficos, imprimi e entreguei a eles as fotos obtidas como sinal de respeito e transparência. As imagens impressas de cada feirante também serviram “como uma forma de retribuição aos narradores e seus familiares, além de representarem um recurso de aproximação e legitimação da pesquisa frente aos seus sujeitos” (HARTMANN, 2004, p. 70).

Outro item indispensável durante a pesquisa foi à utilização de um caderno para as anotações, um diário de campo. Segundo Rocha e Eckert (2008), os diários fornecem uma vasta bibliografia sobre os medos, os receios, os preconceitos, as dúvidas e as perturbações que nos movem no interior de uma determinada cultura, sendo também são um espaço de auto avaliação, medindo a conduta em campo, os equívocos e acertos. Assim, sempre que voltava da feira, procurava de forma imediata examinar as minhas anotações e a partir delas avaliar meu comportamento junto aos feirantes e as demais pessoas que frequentavam aquele espaço. Era a partir desse exercício, que acontecimentos aparentemente irrelevantes se sobressaíam entre meus escritos, permitindo repensar as antigas e levantar novas questões.

Lembro-me do primeiro dia de feira, segurava o caderno para as anotações em uma das mãos e o banquinho cedido pela minha orientadora na outra. As dificuldades não demoraram a aparecer, pois conhecia o método etnográfico na teoria, de início me perguntava: o que devo anotar? Tudo que acontece? O que é relevante? Não compreendia o que a Patrícia tanto anotava, espiando seu diário de campo, afim de compreender a verdadeira essência do fazer etnográfico.

Guiada pelas contribuições de Peirano (2014), o primeiro passo para apreender o método etnográfico, foi debruçar-me sobre os trabalhos realizados por meus antecessores, sejam eles clássicos ou contemporâneos, atentando para os problemas por eles enfrentados, de modo a refletir a partir do que fizeram, pois, a “nossa história será sempre inspirada, nunca evolutiva nem unidirecional” (p. 384).

Para Geertz (1989, p. 07), a etnografia consiste em uma descrição densa, pois o pesquisador enfrenta “uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar”

Assim, o fazer etnográfico consiste em “tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado” (GEERTZ, 1989, loc.cit).

Nesse sentido, passei a seguir os conselhos de Cardoso de Oliveira (1996) sobre o trabalho do antropólogo se constituir em olhar, ouvir e escrever. A primeira experiência em campo, a domesticação teórica do olhar, funciona como uma lente para que o objeto “não seja visto com ingenuidade, como uma mera curiosidade diante do exótico, porém com um olhar devidamente sensibilizado pela teoria disponível” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996, p. 16). A segunda etapa consiste no ouvir, capaz de obter informações não alcançando pela estrita observação. É preciso saber escutar o nativo, sem sobrepor o nosso discurso sobre o deles. Por último, o ato de escrever constituiu a terceira etapa, sendo “exercitado no gabinete, cujas características o singularizam de forma marcante, sobretudo quando o compararmos com o que se escreve no campo, seja ao fazermos nosso diário, seja nas anotações que rabiscamos em nossas cadernetas” (ibidem, p. 22).

É importante destacar que minha família nunca foi feirante no sentido literal do termo, mas eram pequenos agricultores e não raras vezes, meu pai cavalgava rumo a cidade para vender ovos e os queijos feitos por minha mãe, de porta em porta. Assim, reconhecia a necessidade de um estranhamento, de “transformar o exótico no familiar e/ou transformar o familiar no exótico” (DAMATA, 1978, p. 28). Contudo, concordo com Velho (1978, p. 38), quanto à relativização da noção de familiar e exótico e das complexidades que envolvem a categoria distância, pois “o fato de dois indivíduos pertencerem à mesma sociedade não significa que estejam mais próximos do que se fossem de sociedades diferentes, porém aproximados por preferências, gostos”. Nesse sentido, “o processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações” (ibidem, p. 45).

Partindo das considerações de cada autor, foi possível refletir sobre limites e possibilidades de realizar uma pesquisa sobre meu próprio grupo social, pois muitos dos aspectos que envolveram a construção do objeto desta pesquisa, foram mediados por elementos particulares, sobretudo, subjetivos. Por isso os cuidados foram sempre redobrados, a fim de impedir que as minhas opiniões não se sobressaíssem ao discurso científico, evitando a contaminação das noções por pré-noções (BOURDIEU et al. 2005).



A relação de afeto construída na feira e o sentimento de pertencimento a este grupo, visto que era filha de pequenos agricultores, dificultaram consideravelmente o exercício de enxergar para além das minhas lentes. Houve muita resistência para desconstruir a visão ingênua e a percepção vitimizada dos feirantes, perceber a hierarquia presente no espaço e que as relações estabelecidas entre os feirantes eram permeadas por conflitos e individualismo, uma vez que muitas das decisões tomadas não eram pensadas em prol da feira.

Diante ao cenário descrito, como pesquisadora, acredito que deveria me esforçar para desconstruir qualquer tipo de pre-conceito imposto socialmente, quebrando assim a vitimização internalizada sobre estes feirantes, visto que uma das primeiras dificuldades encontradas pelo pesquisador é o “fato de estar diante das representações preestabelecidas de seu objeto de estudo que acabam por induzir a maneira de aprendê-lo e, por isso mesmo, defini-lo e concebe-lo” (LENOIR, 1996, p. 61). Por outro lado, a proximidade instaurada com meus interlocutores facilitou a inserção em campo e amenizou as dificuldades encontradas no decorrer do percurso. Ter morado no meio rural até meus dezoitos anos de idade, participando das atividades na lavoura, detendo conhecimento sobre o modo e a época de cultivo de determinados produtos, acabou por facilitar o convívio, pois trocávamos informações e experiências acerca do saber fazer.

Durante a pesquisa realizada no período da Iniciação Científica, nas quartas-feiras, ao lado da Patrícia, passei a acompanhar um casal de feirantes. Aos sábados acompanhávamos outro casal de feirantes, em outro espaço da feira, seguindo a orientação da professora. No decorrer da pesquisa uma das nossas interlocutoras teve graves problemas de saúde, ficando impossibilitada de vir à feira nas quartas-feiras. Assim, comecei a acompanhar outro casal, um pouco mais jovem e que, embora me aceitasse em sua banca, não parecia muito receptivo. Com o passar do tempo fui tentando me aproximar e conquistar a confiança deles, até que um dia, ao chegar na feira, fui surpreendida por Seu Pedro: “Trouxe a cadeira só para ti sentar, guriazinha<sup>11</sup>!”. Pela primeira vez havia trazido uma cadeira, pois até então me sentava nas caixas plásticas que serviam para armazenar e expor seus produtos. A partir desse dia, Dona Márcia, sua esposa, passou a reproduzir o gesto do marido, oferecendo-me um lugar para sentar. Com o passar do tempo, passou a demonstrar interesse sobre minha vida pessoal, procurar saber quem eu era, de onde vinha, onde morava, possibilitando assim, a construção de laços de afeto que acabaram por ultrapassar os objetivos iniciais, apenas acadêmicos.

---

<sup>11</sup> Sinônimo de menina.

Sempre fui bem recebida e acolhida pela maioria dos feirantes, da mesma forma como acontecera com minha colega Patrícia, “adotada como filha”. Era possível observar gestos de preocupação e até mesmo de proteção, principalmente quando estava com problemas de saúde. Embora estivesse com um simples resfriado ofereciam receitas de remédios caseiros, chás, xaropes, entre outros. Até mesmo quando o clima mudava bruscamente, se não houvesse levado agasalho, sempre forneciam ou improvisavam algo para que não ficasse exposta ao vento e a chuva. Em situações de muito movimento por vezes se desculpavam por não poder me darem maior atenção.

Acredito que por ser mulher, para eles, uma menina, tenha contribuído para minha aceitação como pesquisadora e como parte da feira. Dona Margarida, quando questionada pelos clientes sobre a minha presença, sempre fez questão de ressaltar que era uma das filhas que ganhara, referindo-se às outras pesquisadoras do projeto que passaram pela feira. Quando precisava voltar para o Rio de Janeiro, solicitava notícias, que ligasse quando chegasse. Bem como quando passava a noite em sua residência, ao chegar na feira de madrugada, não permitia que saísse dos arredores, aguardando o amanhecer. Um cuidado muito peculiar, como se eu fosse mesmo, uma filha.

O fato de ser jovem e mulher, influenciava, e explicava sobre a forma como era tratada. Contudo, esse detalhe nunca foi um obstáculo para a pesquisa, encaravam com seriedade o meu trabalho, inicialmente, desconfiaram da minha identidade. A presença da Vigilância Sanitária era sempre muito temida pelos feirantes, levando a pensarem que poderia estar ali para vigiá-los, pois determinados produtos são comercializados sem autorização dos órgãos de fiscalização. Esse fato, gerou alguns constrangimentos, principalmente no início da pesquisa. Quando tentava uma aproximação, os feirantes começavam a explicar que estavam em dia com os órgãos de fiscalização ou justificavam possíveis irregularidades.

Inicialmente, o diálogo com os feirantes homens fluía com mais naturalidade, no entanto, evitava ficar só nas bancas com eles, para evitar uma possível antipatia das esposas. Em contrapartida, as mulheres pareciam resistir a minha aproximação. Raramente permitiam que a saudação se estendesse, encerravam rapidamente os assuntos, dificultando a aproximação. Com o passar do tempo, tanto as mulheres como os homens passaram a demonstrar afeto, sempre que possível me presenteavam com verduras, legumes, frutas, doces ou dando descontos nos preços dos produtos. Logo que me via chegando na feira, Seu Olinto se dirigia à caminhonete para buscar o “meu banco”. Para pouparem meu esforço, traziam todos os dias de feira, quando esqueciam, cediam suas próprias cadeiras ou improvisavam,

sempre carinhosamente, com a preocupação de me oferecer um conforto que estava ao alcance deles. Quando chegava cedo, Seu Olinto servia um café com leite, conservado numa garrafa térmica verde, e improvisava uma mesa com caixotes da feira.

Outra demonstração de afeição diz respeito à forma como se referem a mim. Cada feirante usa uma maneira específica, além de abreviarem o meu nome, são constantes os usos de adjetivos como “baixinha” ou “mimosa”. Cabe ressaltar que esse tipo de relação, de proximidade, não se estende a todos os feirantes. Existem aqueles que acreditam que a presença de pesquisadores no local, explorando e expondo o cotidiano da feira, ocasione problemas, principalmente, por não possuírem autorização para comercializarem todo o tipo de produtos.

Guiada pelas reflexões de Foote Whyte (2005, p.301), percebi que minha aceitação no campo de estudo “dependia das relações pessoais que desenvolvi, muito mais que de qualquer explicação que pudesse dar”. Nesse sentido, o apoio dos indivíduos-chave se mostrou crucial para realização da pesquisa em questão. Especialmente com dois casais de feirantes, passei a discutir com franqueza “o que estava tentando fazer, os problemas que me confundiam e assim por diante” (ibidem, p. 302). Eles se encarregavam de me colocar a par dos acontecimentos da feira, e também mediavam o diálogo com os demais feirantes.

É importante destacar, que apesar da relação construída na feira, enfrentei dificuldades para atender parte dos objetivos da pesquisa, mais especificamente, para compreender as relações de gênero no ambiente doméstico destes feirantes, pois estavam acostumados com a minha presença na feira e uma aproximação mais íntima não havia sido cogitada. Sempre que mencionava uma possível visita a suas residências, eram perceptíveis o desconforto e o sentimento de desconfiança.

Além desse fator e diante da relação estabelecida com alguns feirantes, chamo atenção para os limites enquanto pesquisadora, mulher e filha de pequenos agricultores. Este texto não é isento de valores e não esconde minha proximidade e admiração pelos atores da pesquisa, pois como pondera Cardoso de Oliveira (1996, p. 21), “acreditar ser possível a neutralidade idealizada pelos defensores da objetividade absoluta é apenas viver numa doce ilusão”.

Cabe ressaltar ainda as complexidades e as dificuldades que envolvem uma pesquisa sobre gênero, seja dentro ou fora do núcleo familiar. Sempre estive ciente que não iria ser através de uma simples conversa ou por meio de algumas entrevistas que seria possível entender as relações que envolvem e se estabelecem em torno do trabalho e principalmente da família, mas um longo período de observações e vivência junto ao grupo pesquisado.

Diante do que foi exposto, o método adotado para o desenvolvimento da presente pesquisa foi o etnográfico, apoiando-me, sobretudo, nas observações, pois “mesmo sendo tão difícil na realidade, a observação continua sendo a principal ferramenta da etnografia, sua melhor arma” (BEAUD E WEBER, 2007, p. 118).

A pesquisa de campo que orientou as reflexões deste trabalho foi realizada a partir de três idas à campos, com aproximadamente dois meses cada. O primeiro estágio de observação aconteceu na feira, de modo a explorar como esta intervém nas relações de gênero. Para tanto, acompanhava os feirantes desde a montagem das bancas até o término da feira, no início da tarde. O segundo estágio de observação participante consistiu na abordagem mais íntima dos feirantes. Foram realizadas visitas nas residências, visando compreender de que forma a *Feirinha de Camobi* interfere nas relações entre marido e mulher, no espaço íntimo do casal, a casa.

Em meio à pesquisa de campo, também foram feitas entrevistas com os feirantes e demais pessoas que participaram do processo de construção da feira. Inicialmente, almejava que elas fossem realizadas nas residências, mas devido a dificuldades para entrar no espaço privado das famílias, grande parte aconteceu na feira, no início ou final das atividades, visto que consideravam os melhores horários para conversar, pois a movimentação de pessoas era fraca. É importante destacar, que as entrevistas não se mostraram a melhor técnica para a coletas de dados, uma vez que os percebia o desconforto quando solicitava que a mesma fosse gravada.

A revisão bibliográfica acerca dos estudos de gênero no meio rural nos últimos vinte anos teve como propósito, dialogar com as questões apresentadas neste trabalho, além de guiar meu olhar para a realização da pesquisa de campo. Penso em conformidade com Malinowski (1978) quanto a importância de estar treinada e atualizada teoricamente, pois as ideias preconcebidas são prejudiciais ao trabalho científico, “mas a prefiguração de problemas é o dom principal do investigador científico, e estes problemas são revelados ao observador, antes de mais, pelos estudos teóricos” (p. 23).

Por fim, o fato de ter trabalhado com essa feira desde a graduação, facilitou meu conhecimento sobre o campo de pesquisa, disponibilizando de dados não explorados, coletados durante a participação no projeto e na elaboração do trabalho de conclusão de curso, como anotações de diários de campo, entrevistas e relatórios de pesquisa.

### 1.3. Antecedentes da Pesquisa

Como resultado do projeto de Iniciação Científica, foi escrito um artigo, *Sociabilidade na Feira*<sup>12</sup>, fruto de algumas observações elaboradas para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais (UFSM). Na ocasião, percebi que a feira é acima de tudo um espaço de sociabilidade, de convivência, relacionamentos, onde feirantes e clientes estabelecem uma relação de confiança mútua. Nesse sentido, posso afirmar que foi a participação no referido projeto que provocou novas inquietações e questionamentos, que me motivou a dar continuidade às investigações com esses atores sociais, porém, com outra perspectiva, mais atenta e menos ingênua.

Partindo de experiências pessoais ligadas ao meu contexto familiar, o interesse pela atual pesquisa ganhava uma conotação particular. Cresci assistindo uma clássica divisão sexual do trabalho, na qual era atribuído ao homem o papel de chefe da família, responsável pela administração e investimento financeiro e à mulher, uma dupla jornada de trabalho, em casa e na lavoura. Apesar de meu pai ser considerado o “grande chefe”, estar à frente das decisões, aquele que faz transações bancárias, realiza empréstimos, financiamentos, paga as contas da casa, minha mãe tinha poder sobre as decisões familiares, seja sobre a casa, a educação dos filhos. Embora o dinheiro da venda dos produtos fosse depositado na conta do meu pai, minha mãe também decidia no que o dinheiro seria empregado.

As decisões sempre eram tomadas em conjunto. Contudo, existia uma nítida influência e dependência feminina, principalmente nas decisões referentes ao fechamento dos “negócios”. Qualquer decisão que envolvesse a compra ou venda de maquinários, reforma da casa, compra de insumos, minha mãe precisava de certa maneira, aprovar, deixando meu pai seguro diante da decisão a ser tomada. O fato de meu pai ser identificado com uma figura de autoridade, não significava que minha mãe fosse privada da mesma.

Tal observação sobre a organização social da minha família me levou a problematizar algumas questões, como: as mulheres precisam exercer as mesmas funções para serem consideradas iguais aos homens? A igualdade não poderia ser construída na diferença? Ou

---

<sup>12</sup> O artigo teve por objetivo compreender as relações de sociabilidade tecidas entre feirantes e clientes na *Feirinha de Camobi*. Na ocasião, observei que a feira se configurava como um local de comércio, onde os feirantes encontravam uma possibilidade de aumentar ou gerar uma renda, visto que a venda acontecia de forma direta, do produtor para o cliente. Por outro lado, se mostrava como um espaço capaz de promover sociabilidade e trocas mútuas, de saberes, experiências e histórias de vida. Os clientes aproveitavam a ida feira para passear, encontrar pessoas, além de trocar produtos e experiências com os feirantes e entre si.

ainda, será que não temos um olhar excessivamente masculino para as relações de gênero, passando a julgar as mulheres sempre como submissas e subordinadas?

Considerando o contexto familiar, outras duas questões foram levantadas. A primeira delas diz respeito ao modo como analisamos as relações de gênero. Com base na bibliografia disponível sobre o tema, observei que muitos dos trabalhos refletem acerca da invisibilidade da mulher num mundo de dominação masculina. Ao investigar as causas da crescente migração rural-urbana de moças rurais, ocorridas no Rio Grande do Sul, Brumer (2004) argumenta que os estudos que discutem a divisão do trabalho por sexo na agricultura permitem “concluir que as mulheres (...) ocupam uma posição subordinada e seu trabalho geralmente aparece como ‘ajuda’, mesmo quando elas trabalham tanto quanto os homens ou executam as mesmas atividades que eles” (p. 210).

Nesse contexto, me referencio nas colocações de Strathern (2006), quando adverte que as desigualdades entre os sexos têm sido interpretadas como um fenômeno universal. Para esta autora, “ao universalizar questões sobre a subordinação das mulheres, o pensamento feminista compartilha com a antropologia clássica a ideia de que são comparáveis entre si as imensamente numerosas formas de organização social passíveis de ser encontradas através do mundo” (p. 70).

Apoiada nessas colocações, na minha trajetória pessoal e acadêmica, passei a questionar sobre as implicações de se realizar um estudo com este grupo de feirantes, devido à proximidade instaurada com minhas interlocutoras. Como evitar que meu olhar enviesado e a percepção particular dos fatos sobressaía a dos atores da pesquisa?

Andrade (2007, p. 448) ao observar as representações femininas acerca da participação na luta pela terra na região do Mearim, no Maranhão, nos anos 80, alerta que como “pesquisadoras mulheres, embora pertencentes à outra classe, à outra cultura, podemos nos sentir bastante tocadas pelos depoimentos, pela dor e sofrimento que representam e resvalar para um ponto de vista ingênuo”. Nesse sentido, sugere que “ao invés de tomar literal e ingenuamente o que está sendo dito, além de situar quem fala, devemos contextualizar esse discurso no âmbito da cultura e da economia desses grupos” (ibidem, p. 449).

Nem sempre o que julgamos certo ou errado, subordinação ou empoderamento condiz com a realidade dos pesquisados. Além disso, é preciso considerar que os dados não falam por si sós, pois “dependendo da lente usada para examiná-los, o mesmo material empírico pode inspirar leituras opostas (...) tudo depende das perguntas que orientam nosso olhar, como emolduramos o material” (FONSECA, 1999, p. 69).

Nesse sentido, tomei o cuidado de não impor a minha realidade sobre a dos feirantes, com perguntas pré-concebidas, atentando para as questões que são importantes do ponto dos atores da pesquisa. Isto é, “a nossa relação com o outro, que também é sujeito portador de um conhecimento, não deve ser marcada pela intenção de fornecer uma direção, segundo um projeto político que é nosso” (MARTINS, 2004, p. 296).

O que parece opressor, pode ser de fato uma dominação, mas pode não ser sentido dessa forma pelas mulheres. Embora minha mãe não manuseasse de forma direta os recursos financeiros, ser responsável pela execução das tarefas domésticas e ainda “ajudar” na lavoura, representava o alicerce para a manutenção da família. Faz-se necessário compreender o que estas mulheres internalizam como sendo legítimo na divisão sexual do trabalho e nas relações intrafamiliares.

Em contrapartida, o que aparenta ser uma mudança significativa nas relações de gênero pode não condizer com a realidade das mulheres. Garcia (1992) observou um crescimento significativo de mulheres em feiras no Nordeste do Brasil. Apesar da presença feminina ter ficado mais evidente nos diferentes setores da feira, não houve uma mudança profunda da divisão sexual do trabalho. Os homens continuavam a ocupar posições privilegiadas e de maior valor social, reproduzindo a representação tradicionalmente interiorizada de que são os homens que têm a arte do comércio, enquanto a mulher, nas palavras da autora, “só consegue se virar”.

A segunda questão que também se desencadeou da relação estabelecida a partir do meu contexto familiar, refere-se ao fato de tentar compreender as relações de gênero com um olhar voltado unicamente para a mulher, pois a partir do momento que analisamos a mulher de forma isolada e a rotulamos como subordinada, assumimos o risco de não perceber uma série de complexidades que envolvem o grupo em estudo. Nesses termos recorro às contribuições de Scott (1989) quando ela sugere que estudar “mulheres de forma separada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tem muito pouco ou nada a ver com o outro sexo” (p. 07). Nesse sentido, a autora conceitua gênero como sendo “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (ibidem, p. 26).

Tendo em vista que os fatos acontecem por meio de relações sociais, que não ocorrem de forma isolada, a construção social do gênero deve ser entendida como uma relação, em outras palavras, os gêneros não se opõem um ao outro, mas relacionam-se mediante o contexto que estão inseridos. Menasche e Torrens (1996, p.13) ressaltam que “os mundos do trabalho,

da política, da cultura se dão também conforme a inserção de homens e mulheres, a partir de seus papéis masculinos e femininos (...) e as relações de gênero perpassam todas as realidades e todas as questões”. Segundo os autores, “trabalhar na perspectiva da equidade de gênero não se restringe, dessa forma, à organização das mulheres, embora as mulheres desempenhem um papel fundamental” (ibidem, p. 14). Pelo contrário, “trabalhar na perspectiva de gênero significa olhar com novos olhos. Olhos que ao focar as coisas passam a enxergar as pessoas, homens e mulheres, que fazem a história de uma sociedade” (MENASCHE; TORRENS, 1996, loc. cit.).

Por outro lado, não basta enfatizar o caráter subalterno das mulheres que comercializam na *Feirinha de Camobi*, mas compreender como as relações de gênero interfere e se (de) constroem no cotidiano destas feirantes. Para Edholm *et al* (1977) *apud* Carneiro (1996, p. 342) não é suficiente evidenciar a “participação feminina na produção para demonstrar a importância de sua colaboração na reprodução da unidade doméstica (...) é necessário entender o significado de sua invisibilidade e de sua reclusão ao espaço doméstico”. Assim, faz-se necessário compreender o “por que das tarefas desempenhadas pela mulher são consideradas pelo imaginário social secundárias e desvalorizadas em relação as que estão sob a responsabilidade do homem” (CARNEIRO, 1996, loc. cit.).

Por fim, outros questionamentos norteiam o presente trabalho, mais especificamente, no que diz respeito ao papel da *Feirinha de Camobi* na vida das mulheres e a capacidade de atuação que ela é capaz de proporcionar. Perrot (1988) embora tenha focado em um espaço social e temporal distinto da presente análise, elenca questões pertinentes para a pesquisa em questão. No seu contexto de pesquisa, observou que tanto na cidade como na fábrica, as mulheres não eram “passivas” nem “submissas”, mas apresentavam “outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência – à hierarquia, à disciplina – que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre uso próprio do tempo e do espaço (PERROT, 1988, p. 48).

Seguindo essas diretrizes, expressei-me com os seguintes questionamentos: O que a *Feirinha de Camobi* nos diz sobre as relações de gênero nesse espaço? Até que ponto o protagonismo de algumas mulheres na Feirinha se expressa também nas relações de gênero dentro do espaço doméstico? Como se dão as tomadas de decisão entre homens e mulheres na feira e em casa e o que elas nos dizem sobre as posições sociais de gênero?



## 1.4. Estrutura da Dissertação

A dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo tem como objetivo descrever o processo de criação da *Feirinha de Camobi*, abordando seu modo peculiar de consolidação, pensado por agentes políticos, professores Universitários, estudantes e posteriormente pelos agricultores. Após essa caracterização, será apresentada uma descrição mais focada no espaço da feira, com vistas à compreensão dos aspectos que envolvem sua organização social e econômica, junto aos suas peculiaridades, conflitos e disputas.

Posteriormente, no segundo capítulo, procurei por meio de entrevistas e, sobretudo, observações realizadas com os feirantes, expor as análises concernentes as relações de gênero no espaço da *Feirinha de Camobi*, com o intuito de demonstrar como esta se mostra no cotidiano destes trabalhadores e como interfere nas relações de gênero. Neste contexto, intenta-se também mostrar qual é o lugar ocupado por estes feirantes e o papel que a feira assume na vida desses trabalhadores.

O terceiro e último capítulo propõe uma análise das relações de gênero no ambiente doméstico. Busca-se entender como a *Feirinha de Camobi* afeta a organização social das famílias feirantes. Através das visitas realizadas aos feirantes foi possível acompanhar a rotina de trabalho no espaço íntimo dos atores da pesquisa, a casa, para posteriormente buscar compreender o impacto da feira nesse espaço.

# PRIMEIRO CAPÍTULO

## HOJE É DIA DE FEIRA



## **A feira na história e na memória**

As informações para a elaboração do primeiro capítulo da dissertação, foram obtidas sobretudo, a partir de entrevistas realizadas com os feirantes e demais pessoas que participaram do processo de construção da *Feirinha de Camobi*, visto que foram encontrados poucos documentos oficiais. São raros os documentos ou estudos acadêmicos que tratam acerca do seu surgimento. Muitas das informações advêm de pesquisas de campo realizadas desde julho de 2013, onde busquei elementos que ajudassem a traçar a trajetória da feira, bem como sua dinâmica social e organizacional.

Apoiada em informações preliminares acerca do seu surgimento e considerando que praticamente todas os feirantes são os mesmos que deram início a feira, não poderia imaginar que seria uma tarefa árdua. Para tanto, foram realizadas pesquisas no Arquivo Municipal de Santa Maria/RS, em jornais da cidade, do bairro Camobi e em documentos cedidos pela associação do bairro intitulada Sociedade Amigos de Camobi (SACA). A inexistência de uma sede estrutural, desta organização, resultou na fragilidade de armazenamento dos documentos, perdendo-se registros físicos acerca desta. As Atas de Assembleias realizadas pela SACA, cedidas pelo atual presidente da feira, não foram suficientes para esclarecer informações referentes ao local de criação da feira e seu modo de funcionamento.

Não obtendo êxito na pesquisa documental, busquei os feirantes, pois o que parecia nunca ter sido registrado em papéis, estava vivo na memória de cada um. Contudo, sabiam contar a trajetória dos primeiros tempos da feira, mas pouco sobre acontecimentos que provocaram e envolveram sua criação. Para levantar essa história, optei pelo uso da técnica de pesquisa chamada de “bola de neve”. Segundo Baldin e Munhoz (2011), essa técnica é usada em “pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (p. 332).

Através dos relatos dos feirantes, foi possível localizar nomes de pessoas que desempenharam papéis fundamentais na consolidação da *Feirinha de Camobi*. Todavia, os problemas estavam longe de serem solucionados, eram muitas as versões que constantemente divergiam entre si, difíceis de serem assimiladas e compreendidas. Além dos diferentes olhares sobre o processo de construção da feira, os relatos se mostravam permeados por conflitos e disputas, sejam elas políticas e/ou pessoais.

Neste sentido, não tive por pretensão contestar os relatos, mas tentar compreender de forma crítica todos eles, considerando que todos são verdadeiros ao seu modo, são pontos de vista e as formas como as memórias foram enquadradas, pois como afirma Portelli (2006, p. 106), “estamos lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas, de uma forma ou de outra, ideológica e culturalmente mediadas”. Por outro lado, acredito, assim como Andrade (2007), que interpretar de forma crítica as narrativas, não significa desqualificar os depoimentos, uma vez que estarei trabalhando “com representações, com verdades, no plural” (p. 448).

Considerando o acima exposto, saliento as dificuldades enfrentadas para elaboração desta primeira parte da dissertação. Faz-se necessário alertar o leitor sobre possíveis lacunas deixadas ao longo do texto, pois quanto mais procurava saber sobre o surgimento da *Feirinha de Camobi*, parecia que adentrava num emaranhado de informações desencontradas, que provocaram um grau de complexidade ainda maior.

## **2.2. A memória da criação da *Feirinha de Camobi***

A única informação reproduzida por todos os colaboradores, é que se tratava de um espaço público, utilizado por meio de uma parceria da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) com a Sociedade Amigos de Camobi (SACA), que teria participado da construção desse espaço, conforme depoimentos dos feirantes mais antigos, alguns, comercializam seus produtos desde o primeiro dia da feira. Todavia, quando solicitava aos entrevistados que rememorassem o processo que levou à criação da feira, eles indicavam outras pessoas, que de acordo com eles eram os “especialistas” em relatar aquele momento, sendo possível perceber o não protagonismos deles naquela etapa do processo.

A partir dos relatos, foi possível contatar dois ex-presidentes da SACA e um vice-presidente, também ex-secretário de Desenvolvimento Rural do Município de Santa Maria/RS, que estiveram diretamente envolvidos no processo. Também foram mencionados nomes de alguns funcionários da Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/RS) que prestaram assistência no início da feira, mas que não consegui encontrá-los em virtude de falta de informações.

Segundo Luiz Carlos, ex-presidente da SACA no ano de 1983 e atualmente servidor público da UFSM, existia no bairro alguns produtores que traziam seus produtos em carroças,

para serem comercializados na cidade, isentos de qualquer tipo de organização, estrutura e sem nenhum apoio de associações ou projetos. Foi com o propósito de oferecer um local adequado para estes produtores exporem e venderem seus produtos, que começou a ser cogitada a criação de uma feira, uma vez que uma das maiores dificuldades percebidas, era o espaço para os produtores venderem, pois não bastava produzir e ter demanda, se na hora da compra, o cliente optava pelas grandes redes de mercado, em detrimento do pequeno produtor.

A ideia começou a ser debatida ainda no início dos anos 90 e se concretizou com o apoio do movimento conhecido atualmente como *Projeto Esperança Cooesperança*<sup>13</sup>. Teria sido em parceria com este projeto que se tornou possível a criação do Centro Comunitário da Vila Santos Dumont, localizado próximo à entrada da Universidade, na estrada conhecida como Faixa Nova (RST287), onde se instalou a primeira feira organizada no bairro Camobi. Eram aproximadamente quatro produtores que atuavam no projeto e uma vez por semana comercializavam seus produtos no bairro. No entanto, o Centro Comunitário se instalara às margens de uma rodovia, em vias de construção e a feira funcionava precariamente em meio a obras, buracos, máquinas e exposto a muitos perigos.

Diante da situação de precariedade e resistência dos produtores, que vinham comercializar seus produtos, em meados dos anos 2000, Luís Carlos, servidor da Universidade, relata que solicitou ao Reitor um espaço na Avenida Roraima, local de acesso à Universidade, um espaço “público” onde poderia acomodar os feirantes que estavam em situação de constante risco. Desde então a feira ocorre na Avenida Roraima.

Em 1998, Luís Carlos deixou a presidência da SACA, posteriormente, assumida por Euclides, também morador de Camobi, ex-aluno da UFSM e hoje, ex-candidato a prefeito de Santa Maria/RS. Em sua narrativa, ressalta que a feira foi instaurada no bairro por intermédio da SACA no ano de 1999. Ao assumir a direção da Associação de moradores prezava pela construção de um espaço de convivência comunitária, um local onde o bairro se encontrasse, pudesse trocar experiências e cultivar amizades. Uma feira que valorizasse os agricultores locais e a comercialização direta entre produtor e cliente, mas que também abrigasse os

---

<sup>13</sup> Para fins de esclarecimento, o projeto Esperança surgiu em 1987 com o intuito de congregiar pequenos projetos econômicos comunitários, em um grande projeto. Entre os projetos, estava a ideia de colocar ênfase na venda direta para o produtor, buscando meios de libertar a economia rural dos atravessadores que os exploravam (SARRIA ICAZA; FREITAS, 2006). Perante aos riscos e inconveniências de realizar tal comercialização, amadureceu a ideia de buscar algum amparo legal para a atividade econômica a ser desenvolvida. Para tanto, os produtores do projeto, juntamente com alguns professores da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) fundaram uma cooperativa de comercialização, a Cooesperança (Associação Mista dos pequenos produtores rurais e urbanos) desencadeando o *Projeto Esperança Cooesperança*.

microempreendedores do bairro que trabalhavam com artesanato, flores, pano de prato, entre outros produtos.

Desde então a feira começou a ser realizada aos sábados, visto que não atrapalharia as atividades da Universidade, e considerando a grande movimentação de pessoas nos finais de semana, pois havia um grande contingente de funcionários da Base Aérea, bancários, funcionários públicos, que dispõem do sábado para acessar a feira, além de ser um estímulo ou possibilidade dessa parcela de moradores, poder frequentar a feira. Nesse sentido, a escolha para que a feira fosse realizada no sábado, não se deu apenas para não atrapalhar as atividades da UFSM, mas como uma estratégia para atrair a população de uma forma geral. A sugestão foi dada por Roberto, que além de ser vice-presidente da SACA, era secretário municipal de Desenvolvimento Rural da cidade e fazia parte do corpo docente da Universidade, detendo conhecimento e experiências com projetos semelhantes. Nas palavras de Roberto:

Na verdade, aconteceu assim, o Euclides se elegeu presidente da SACA e ele se elegeu com um grupo de pessoas que tinha interesse de formar um movimento comunitário aqui em Camobi e eu participava desse movimento. Aí o que a diretoria fez, surgiu a ideia de construir uma feira, por quê? Porque antes já tinha tido uma experiência de uma feira aqui em Camobi que não tinha dado certo e aí, quando se colocou essa ideia da feira, eles colocaram para mim, era da área das agrárias e tal para ver como a gente poderia fazer e tal. Aí em coloquei para eles uma análise do que tinha dado errado na outra feira, que era uma feira de dia de semana né, lá na faixa nova, um lugar de difícil acesso, ninguém vai sair longe, comprar em uma feira e dia de semana, as pessoas não têm disponibilidade. Em um lugar como Camobi, onde as vilas são muito espalhadas, muito distantes, você não tem como fazer isso de dia de semana, aí eu falei que a gente poderia fazer uma feira no sábado, que seria muito melhor porque Camobi no sábado tem um movimento enorme, a pessoa a grande maioria é da base, bancário, funcionário público, não trabalham no sábado. Então aí já tem uma possibilidade de pessoas frequentar a feira (Entrevista realizada em 26 de maio de 2016).

Para a construção da *Feirinha de Camobi*, obtiveram ajuda da Coordenadoria Geral da Agricultura do Estado e da EMATER. A prefeitura, no entanto, passou a colaborar com as atividades da feira, anos depois. Assim, nos primeiros meses de feira, as lonas, que posteriormente foram compradas com recursos disponibilizados pela prefeitura e que alguns feirantes utilizam até hoje, eram improvisadas e os feirantes contavam com a ajuda do movimento comunitário do bairro para a montagem das bancas. Assim, visando facilitar a instalação da feira, foram desenvolvidas juntamente com estudantes da UFSM lonas e barracas de fácil montagem e que os feirantes pudessem levar para suas residências.

Foi possível observar as dificuldades iniciais para a realização das feiras, mas também a capacidade de persistência dos feirantes. No momento em que reconstruía esse momento, foi possível notar a mudança no tom de voz de Euclides, deixando transparecer sua emoção e alegria, ao lembrar aquele acontecimento, até então não esperado, pois:

Não tinha estrutura nenhuma naquela época, aí nós conseguimos uns cavaletes, umas mesas do centro comunitário Santa Helena, acho que a Margarida [feirante] era presidente, aí nós conseguimos com ela, arrumamos um caminhãozinho e as quatro horas da manhã levantamos, fomos lá para o centro comunitário carregar os cavaletes e as mesas para eles poderem expor os produtos. Só que foi um dia daqueles típicos de Camobi, Santa Maria, de vento norte e era um vento, um vento que nada parava em cima daquelas mesas, uma poeira extraordinária, alguns tentaram levantar barracas e as barracas voaram e quase ninguém foi comprar (...). E para minha surpresa, na outra semana de novo, vamos tentar, reforçamos a mobilização as quatro da manhã, montamos as mesas né, e fomos, sucesso. E uma coisa que me impressionou muito foi a solidariedade e a confiança que teve lá os feirantes, porque todos foram de novo, todos, todos, todos (Entrevista realizada em 16 de maio de 2016).

Retomando ao processo de construção da *Feirinha de Camobi*, a Coordenadoria e a EMATER foram responsáveis pela divulgação, inscrição e seleção dos feirantes, uma vez que foram realizadas visitas nas propriedades dos agricultores interessados. As visitas tinham como propósito, fazer um levantamento dos produtos que eram produzidos em cada propriedade, evitando assim, que os feirantes passassem a comercializar os mesmos produtos. Para Roberto: “a feira, quando tu constrói ela, não pode colocar todo mundo vendendo a mesma coisa, se não tu quebra ela, então nós tínhamos que ter diversidade. Então, em cima dessas visitas, a gente foi escolher os produtores” (Entrevista realizada em 26 de maio de 2016).

É importante destacar, que a partir do momento que a prefeitura passou a colaborar com a feira, Roberto rememora que houve a elaboração de um regulamento, que abrangia a *Feirinha de Camobi* e as demais feiras espalhadas pela cidade de Santa Maria/RS, onde limitavam, por exemplo, a venda por atacado. Somente poderiam ser trazidos para a feira, produtos que os demais feirantes não produziam ou não traziam, evitando assim a sobreposição de produtos ofertados. Outro ponto do regulamento, dizia respeito à entrada de novos feirantes. Para comercializarem na feira, os novos agricultores eram submetidos a um processo de avaliação, semelhante ao realizado no início. Esse regulamento, era responsável por manter a organicidade e o caráter legal das feiras.

Em síntese, observa-se através das narrativas algumas divergências quando mencionam o período da instalação da feira na Avenida Roraima e quando cada um dos

entrevistados menciona sua participação individual nesse momento inicial da criação da feira. Tais divergências dizem respeito a conflitos internos dentro da Associação, também provocado pelo jogo de interesses por cargos políticos.

A criação de uma feira apresentou-se em Camobi como uma alternativa para viabilizar economicamente os pequenos agricultores da região, de modo a incentivar a comercialização direta, do produtor para o cliente, e também como um local de convivência comunitária, de sociabilidade, onde a população do bairro pudesse realizar suas compras, mas também se encontrar, interagir e trocar saberes e experiências.

Outro aspecto que envolve a *Feirinha de Camobi* e que consiste em um elemento interessante do processo de criação desta, é o fato de tudo ter começado como parte de um movimento político, sendo construída por intermédio da Associação de Moradores do bairro, professores, funcionários e alunos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Não foi algo requisitado e pensado pelos agricultores feirantes que comercializam seus produtos nesse espaço até a presente data.

### **2.3. O processo de mudança da feira**

*A gente começou com bem pouquinho produto, até por que não tinha muitas vendas. Depois de um tempo criando um núcleo de público, mas demorou muito. Depois nós fizemos, uns quatro anos depois nós começamos a fazer propaganda de rua, andando uma moto, um carro, boca e boca em Camobi, aí foi aumentando as vendas através da publicidade.*<sup>14</sup>

(Jorge, feirante, 59 anos).

A *Feirinha de Camobi* passou por diversas mudanças, até se configurar na feira dos dias atuais. Hoje dispõem de um espaço mais apropriado para a comercialização dos produtos, de uma clientela fiel e passou a ser realizada duas vezes na semana (quartas-feiras e sábados), todavia, as precárias condições de infraestrutura, o espaço inadequado, as ações extremas do clima, como chuva, ventos, sol e a falta de clientela inicial apareceram em praticamente todos os relatos. No que tange a infraestrutura Seu Jorge, feirante, complementa:

---

<sup>14</sup> Entrevista realizada em 25 de maio de 2016.



O espaço era lá no meio do asfalto. Não tinha esse recuo ali [apontado para a rua]. Está vendo a listra branca? O asfalto era até ali, aqui era grama. A gente fazia lá na pontinha. Então, não tinha estacionamento. Aqui [apontando para atrás da banca] tinha um valetão, não tinha nada canalizado, foi nós da feira mesmo que pagamos para canalizar isso tudo (...) não tinha como encostar o carro aqui, entende? Encostava o carro aqui, que ali era um valetão, não tinha como passar (...) então a gente deixava os carros aqui e fazia a feira ali. Então, não tinha estacionamento para o pessoal da rua (Entrevista realizada em 25 de maio de 2016).

O relato citado acima serve para demonstrar as primeiras mudanças que ocorreram no espaço da *Feirinha de Camobi*, muitas delas realizadas pelos próprios feirantes. As imagens abaixo demonstram uma das recentes mudanças que ocorreram neste espaço de comércio, mais especificamente na calçada que fica em frente as bancas. Conforme será abordado adiante, por pertencer a Universidade, este espaço não permite a construção de uma estrutura permanente, logo, o alargamento da calçada foi pensado por membros da UFSM como uma alternativa para facilitar a comercialização dos produtos e, conseqüentemente, o seu uso pela população. A reforma da calçada facilitou a circulação das pessoas pelo local, e também contribuiu para que a feira fosse utilizada como um espaço de lazer, devido ao ambiente amplo.



**Imagem 01 – A feira há aproximadamente cinco anos atrás. Tirada em 16 de maio de 2012. Fonte: Patrícia Rejane Froelich.**



**Imagem 02 – A feira nos dias atuais. Tirada em 14 de maio de 2016. Fonte: Arquivo Pessoal.**

Apesar das mudanças de cunho positivo, ainda é possível identificar uma enorme carência na infraestrutura da *Feirinha de Camobi*. As barracas não apresentam estrutura física apropriada para suportar os dias de ventos fortes, chuva e de frio intenso. Desde as primeiras visitas a feira, presenciei o drama enfrentado pelos feirantes, principalmente em dias de vento, o grande responsável pela maioria dos incidentes que ocorrem na feira, desde danos materiais, como rasgos em lonas, até acidentes mais graves quando feirantes e clientes acabaram se ferindo. Isso se deve ao fato de muitas das barracas serem improvisadas com vigas e lonas amarradas com cordas que, por vezes, acabam se soltando.

Devido ao comprimento das vigas que dão suporte às barracas, não é possível levá-las para casa, como são feitos com as caixas e os demais instrumentos trazidos para a feira, tendo que os abandonar encostados em uma árvore próximo a feira (conforme imagem abaixo), sujeitos a furtos e atos de vandalismo, conforme relatado por alguns feirantes. Também, os feirantes não dispõem de locais para lavagem dos alimentos e utensílios usados na feira, necessitando utilizar sanitário alugado por um morador do bairro, o que gera custos mensais aos feirantes.





**Imagem 03- Local onde ficam depositadas as vigas que dão suporte as barracas. Tirada em 30 de outubro de 2016. Fonte: Arquivo Pessoal.**

Juntamente com as reclamações de cunho físico, estão os referentes ao abandono “institucional” por parte de alguns órgãos públicos, como a prefeitura municipal e EMATER/RS que prestavam assistência no início das atividades, como cursos de manipulação de alimentos e palestras. No relato,<sup>15</sup> a seguir, feito por Dona Margarida, é possível perceber a importância do acompanhamento destes órgãos:

Ele [integrante da EMATER] ajudava em várias coisas, em preços, em muita coisa. Agora não lembro direito sabe, mais ele dava apoio bastante para as pessoas, ele ficava de banca em banca conversava com um com outro e eu como sempre fui pouco curiosa sempre perguntava para ele né, assim né dos preços, até uma vez ele arrumou muda de moranguinho, pouquinho né mais arrumo, então essas coisas assim, pequenas coisas né, mais que fez a diferença como diz o outro deu o chute inicial (Entrevista realizada em 09 de abril de 2013).

Pode-se dizer que hoje, os feirantes se autogerenciam, além da falta de assistência dos órgãos públicos, a SACA que atualmente encontra-se desativada, deixou de acompanhá-los.

---

<sup>15</sup> Entrevista pertencente ao projeto Na Feira: Produção, Distribuição e Consumo entre Agricultores Feirantes na Região Central do Rio Grande do Sul. Realizada em 09 de abril de 2013.

Ao ser questionado sobre o papel da prefeitura, Seu Jorge fez uma dura crítica a mesma, pois seus funcionários frequentam a feira apenas para realizarem as cobranças dos Alvarás de localização: “É o seguinte, a verdade é que a prefeitura não dá apoio nenhum, eles só cobram, se tu vai em outras cidades fora daqui que são mais agrícolas é diferente, a prefeitura muitas vezes dá apoio para os produtores, aqui em Santa Maria não dão” (Entrevista realizada em 25 de maio de 2016).

Outro problema que atinge os feirantes é a incerteza sobre a permanência neste espaço, visto que estão inseridos dentro de um espaço público. Diante da possibilidade da UFSM solicitar a retirada dos feirantes, em 2011, houve uma iniciativa de professores e pesquisadores para levar tal discussão para dentro da instituição, considerando que o local era de responsabilidade da mesma. No entanto, a tentativa de firmar um convênio que constituiria na elaboração de um projeto para transformar o espaço da feira em um local de convivência comunitário, somente foi cogitada em meados do ano de 2013. Nas palavras do ex - Pró-Reitor de Extensão da Universidade que atuava naquele período:

Então qual era a alternativa que a gente tinha imaginado. Vamos montar um projeto, caracterizá-lo como de extensão, por que pela política de extensão da Universidade, tu consegue fazer com que a Universidade tenha uma relação direta com outras entidades e essas possam atuar dentro da Universidade. Isso geralmente fica autorizado. Então, qual era a ideia? Era montar um projeto que montasse aquele espaço todo com espaço de lazer, de entretenimento e eventualmente de comércio temporário. Por quê? Como a feira já estava ali de quarta e sábado, a gente imaginou para outras pessoas utilizarem aquele espaço, lazer, teatro popular entre outras coisas do tipo. A ideia era montar um projeto prevendo todas essas atividades e normalmente em parceria com a SACA. Então tu tem uma instituição da comunidade e tu tem a Universidade, tu pega e faz um convênio entre eles, dizendo que a Universidade tem obrigações e deveres com aquilo ali e o que tem as outras entidade (Entrevista realizada em 16 de novembro de 2016).

Para facilitar um possível convênio com a Universidade, ainda no ano de 2013, os feirantes se uniram e resolveram elaborar um estatuto da associação que administraria a feira, intitulada Associação dos Feirantes da Roraima (AFRORA), com o objetivo de garantir o seu funcionamento no local onde está situada, seguindo normativas, critérios e estrutura física acordadas em comum. Para fins de esclarecimento, a AFRORA tem por finalidade:

Reunir e congregar associativamente, um grupo limitado de produtores hortifrutigranjeiros, sediados da Região Leste de Santa Maria RS, devidamente legalizados e cadastrados como pequenos produtores rurais, integrantes da Feira da Roraima, visando à comercialização de produtos hortifrutigranjeiros de qualidade à população em geral.

Cabe ressaltar que o referido convênio, foi intermediado pelo ex-presidente da SACA, Luiz Carlos que voltou a “acompanhá-los” recentemente. Em suas palavras:

Agora recentemente, uns três anos atrás, eles [feirantes] tinham a necessidade de se organizar, eu sugeri a eles que se organizassem. Por que não criar uma associação que representasse eles? Andei pesquisando na internet e vi que em São Paulo tem associações, e aí sugeri a eles e acharam uma maravilha, programaram uma assembleia, reunião em São Marcos [comunidade], aos fundos de uma igreja, no salão comunitário, lotaram, foram todos os feirantes e ali se deliberou, portanto, por se criar, instituir uma associação. Eu dei uma ajuda acho significativa por que nos organizamos todo o processo, regimento e hoje pode-se dizer que a feira está organizada neste sentido. Então a feira hoje, ela pode-se dizer que umas das... não sei se tem alguma feira aqui em Santa Maria que tem registro, associação. Tenho a impressão que esse é um fato marcante, acho que foi primeira feira que tem uma associação. Ela não tem CNPJ, mas ela tem registro dos órgãos municipais, cartório (Entrevista realizada em 14 de maio de 2016).

O estatuto prevê o controle do número de feirantes, mantendo-os como um “grupo fechado”, que pode obter uma melhor comunicação e organização. Embora a criação do estatuto tenha sido pensada como algo positivo, divide opiniões e desperta dúvidas acerca de sua validade. Para Seu Jorge, “a associação na verdade, não tem validade (...) é uma coisa política, mas tudo bem. Não adianta, isso aqui ninguém impede de entrar” (Entrevista realizada em 25 de maio de 2016). A partir da fala de Seu Jorge se percebe que parece se tratar de “uma coisa política” devido a sua desconfiança com as “supostas ajudas”. Acredita estarem sendo usados para obter algum tipo de vantagem, sejam elas de cunho político ou não.

Em contrapartida, é possível encontrar aqueles que acreditam na validade da Associação. Ao ser questionada sobre a AFRORA, Dona Joana, enfatiza que a feira ficou muito melhor, mais organizado, pois: “antigamente, entrava quem queria. Agora tem lei. Não entra qualquer um. Agora para entrar tem que ver, por que depois do fermento pronto é bom, né? ” (Entrevista realizada em 14 de maio de 2016).

A Associação representa um tipo de organização importante para os feirantes, porém, observo que ela não possui autonomia suficiente para impedir que outros comerciantes montem suas bancas neste local. Embora tentem “barrar” a entrada de novos comerciantes, a prefeitura fornece a liberação para comercializarem neste espaço, através do alvará. Nesse sentido, a presença desses novos feirantes acaba por ser legítima.

Essa atuação da prefeitura acaba ocasionado uma série de conflitos entre os “novos” e “velhos” feirantes. A disputa pelo espaço toma proporções maiores, quando os feirantes

novos passam a comercializar produtos que concorrem diretamente com os que estão há mais tempo, como verduras e panificados.

Por fim, cabe salientar que em conversa com os feirantes, professores, ex-presidentes da SACA e o ex-Pró-Reitor de Extensão da UFSM não souberam me informar sobre o andamento do projeto que permitiria a realização da feira no espaço que, a princípio, pertence a Universidade. Até o término deste trabalho os feirantes continuavam com a incerteza sobre a permanência naquele local.

## **2.4. O Dia - a- Dia da *Feirinha de Camobi***

*Tu pode chegar e reclamar. Na feira tu pechinha preço, eu gostei, não gostei, tá cinco e tu tinha quatro e assim vai. No mercado não tem essa. Tu não acha queijo no mercado, tu não acha salame no mercado, acham os industrializados (...) Eles [clientes] têm o direito de reclamar, de escolher, a feira é assim, sempre foi e sempre vai ser.*

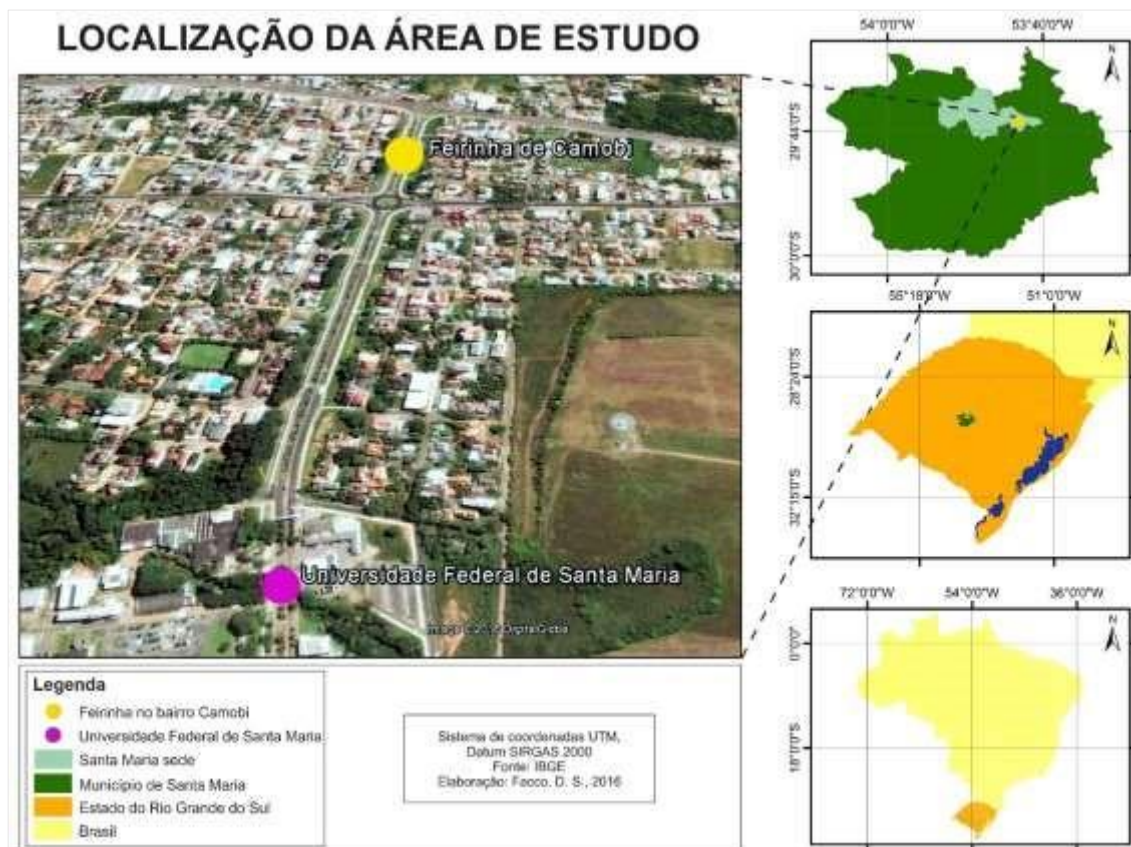
(Miguel, feirante, 56 anos).

As feiras representam uma das formas mais antigas de interação rural e urbana, que motivada por razões econômicas tecem relações socioculturais complexas. Embora não tenha pretensão me deter em questões referentes ao surgimento das feiras, cabe lembrar que representam uma das formas mais antigas de comércio e que apesar das mudanças que ocorreram ao longo do tempo, ocasionadas principalmente pelos processos de urbanização e industrialização da sociedade, continuam a existir. Representam “um tipo de atividade cotidiana que se desenvolve no meio urbano há muito tempo e que ainda persiste na conformação das práticas cotidianas de muitas cidades contemporâneas” (VEDANA, 2008, p. 08).

Todas as quartas-feiras e sábados pela manhã, uma pequena fração da Avenida Roraima ganha um cenário multicolor e diferenciado. A calçada de concreto aos poucos vai sendo substituída pelas lonas coloridas das bancas, que se complementam com as cores e aromas de frutas e verduras. É dia de feira, e aos poucos a mudança no espaço vai sendo inevitável e notório aos mais variados olhares, de quem passa pelo local.



Situada no bairro Camobi, próxima a UFSM, a *Feirinha de Camobi* como é conhecida por algumas pessoas ou *Feira da Roraima*<sup>16</sup> como é chamada por outros, é uma feira de pequenos agricultores localizada na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul/RS.



Mapa 01 - Localização da *Feirinha de Camobi*. Elaborado no dia 10 de maio de 2016 por Facco, D.S.

A feira acontece na rua, não dispondo de um espaço fechado para comercialização dos produtos, isto é, não apresenta caráter permanente, as bancas são montadas e desmontadas todas as quartas-feiras e sábados no final da manhã e início da tarde. Aos sábados o movimento de pessoas e feirantes é mais intenso, pois conta com vinte e uma bancas<sup>17</sup> e dispõe de uma maior variedade de produtos. Nas quartas-feiras, onze bancas oferecem produtos, o que torna a circulação de pessoas moderada. O número de bancas diminui devido à carência de produtos, pois nem todos os feirantes conseguem oferecer produtos para comercializar duas vezes na semana. Diferentemente da feira do final de semana, a que ocorre nas quartas atrai principalmente quem precisa passar pelo local, seja para estudar ou trabalhar.

<sup>16</sup> A feira está localizada na Avenida Roraima.

<sup>17</sup> O número de bancas costuma variar.



**Imagem 04- Feira realizada no sábado. Foto tirada em 04 de junho de 2016. Fonte: Arquivo Pessoal.**



**Imagem 05 – A feira vista de outro ângulo. Foto tirada em 21 de maio de 2016. Fonte: Arquivo Pessoal.**



Para os clientes, a *Feirinha de Camobi* ocorre apenas duas vezes na semana, porém, para os feirantes, todo dia é dia de feira. Para aqueles que trabalham com verduras, legumes e frutas, a feira acontece literalmente o ano todo, desde a época do plantio, da adubação e da colheita. Além do mais, as verduras, seguem frescas para a casa dos clientes, pois são colhidas no dia anterior. Já para aqueles que trabalham com panificados, doces, embutidos, queijos e carnes, os preparativos iniciam com pelo menos três dias de antecedência. Na casa da Dona Joana, as atividades começam no início da semana:

Eu começo a fazer... quando me toca a fazer os doces de abóbora, eu começo ainda na terça, na segunda porque eles têm que secar (...) o pão também começo o fermento quinta, eu faço o fermento de batata, então eu começo na quinta, quinta eu ralo as batatas, de noite já misturo com a farinha, sexta já vou para os pães (Entrevista realizada em 14 de maio de 2016).

No cenário da feira, não poderia ser diferente. Ela inicia antes do clarear do dia, na madrugada. Os feirantes costumam acordar antes das quatro horas da manhã para carregar seus veículos. Precisam correr para dar tempo de montar sua banca, estender as lonas, descarregar as caixas, pesar os produtos, molhar as verduras, ou seja, deixar tudo organizado, pronto para receber seus clientes e quem passar pelo local. Alguns dispõem de lanternas para facilitar o trabalho de “erguer as lonas” devido ao horário que chegam por volta das cinco horas.

Apesar do horário, é possível encontrar clientes fazendo suas compras na feira antes do amanhecer e das bancas estarem completamente montadas. São pessoas que querem garantir o produto fresco, que estão saindo ou prestes a entrar no trabalho ou que acordaram cedo para se exercitar e aproveitam para fazer suas compras na feira.

A circulação de pessoas no inverno e verão se intensifica entre oito e nove horas da manhã, quando a temperatura se encontra amena. O clima influencia diretamente na movimentação da feira, assim como a data, pois de acordo com os feirantes, as pessoas ficam “sem dinheiro” no final do mês e vão menos à feira ou compram menos. No inverno, o movimento cai consideravelmente, devido à falta de variedade e escassez de produtos, não havendo demanda para saladas e frutas nesta época. Os dias frios são extremamente agressivos, mas com criatividade e bom humor, cada feirante traça sua forma de contornar as temperaturas baixas e amenizar o frio. Em meio às caixas de verduras, ficam as famosas cachaças que são ingeridas pelos feirantes para “esquentar”. Outros usam a tática de estender as lonas sobre o

chão de concreto, evitando que o frio invada sua banca. Outros ainda usam uma lona na lateral das bancas, “atacando” o minuano<sup>18</sup> que por vezes sopra forte e gélido.

O movimento cai entre os meses de janeiro e fevereiro, considerado o período de férias, já que a Universidade para suas aulas e muitas pessoas viajam. Sobre esse período, Seu Pedro frisa que não vem a feira pensando no dinheiro, mas para mantê-la funcionando, pois, os clientes estão acostumados com ela. Além do mais, outro fator que contribui diretamente para a baixa nas vendas é a escassez de produtos, principalmente de verduras, sensíveis às altas temperaturas e ao sol quente.

Percebe-se ainda, que dificilmente os feirantes param suas atividades, seja pela falta de produtos ou para realizarem atividades de lazer. Em determinadas datas comemorativas ou feriados acabam optando por trocar a data da realização da feira, mas reclamam da falta de movimento, pois os clientes também já estariam acostumados com os dias preestabelecidos. Com exceção de Dona Margarida, que não se importa em deixar a banca sob responsabilidade do marido para viajar com as amigas no verão.

O encerramento das atividades ocorre por volta do meio-dia, havendo exceções. Seu Francisco, sua esposa e mais alguns ajudantes começam a se retirar quando não há mais feirantes, ficam até o último cliente, pois sua banca é a maior e conta com uma grande variedade de produtos. Igualmente, Dona Márcia, esposa do Seu Pedro, relata que nos dias de feira, costumam chegar em casa por volta das quinze horas, havendo a necessidade de almoçarem na feira. No início da pesquisa, observava que compravam as refeições, mas devido ao alto custo, ou em suas palavras “com a crise” passaram a cozinhar, utilizando um pequeno fogareiro. O tempo que os demais feirantes permanecem na feira varia de acordo com a quantidade de produtos que dispõem, com o fluxo de clientes, da quantidade de vendas, com os compromissos pessoais, entre outros fatores. Os feirantes começam a deixar a feira de forma gradativa, mas cada um é responsável por desmontar sua banca, limpar o espaço após as vendas, recolher os restos de frutas e verduras que ficam espalhados pelo chão.

Apesar do impacto e mudanças no espaço físico do bairro, não se trata de uma feira muito sonora (ZANINI; FROELICH, 2015). É necessário lembrar que a *Feirinha de Camobi* é uma feira pequena, em termos de extensão, fato este que torna a competição entre os feirantes menos acirrada. Raramente se observa feirantes abordando clientes de forma sonora, com emprego de pregão, isto é, cantando, gritando, falando mais alto ou fazendo piadas.

---

<sup>18</sup> Corrente de ar que tipicamente acomete o estado do Rio Grande do Sul/RS.

Os feirantes possuem diferentes formas de expor e chamar a atenção dos clientes, que muitas vezes são convidados a degustar seus produtos, muitos são embalados e etiquetados com o preço, seja por unidade ou quilo. No entanto, isso não significa que não exista “pechincha” e interação entre feirantes e clientes. Ademais, não há um padrão estético entre as bancas e suas lonas, presenciando desde as tradicionais, levantadas com madeiras e amarradas com cordas, a aquelas “modernas”, fáceis de erguer. Os modos de organizar, expor e comercializar os produtos, também ficam a critério individual de cada feirante. A partir da fala de Dona Verônica se percebe que a fixação dos preços geralmente é baseada nos demais feirantes:

Me baseio com as outras feiras, com os clientes aqui, colegas, quem tem bolacha para achar um meio termo, que não seja muito alto, nem muito baixo. Eu estabilizei ali, só se aumenta muito o preço para a gente subir por que as pessoas vivem quase todas com um salário, dois. (Entrevista realizada em 05 de novembro de 2016).

Nas bancas, erguidas uma ao lado da outra, são comercializados uma diversidade de produtos, entre legumes, verduras, frutas, raízes, panificados, embutidos, carnes, ervas, bebidas, ovos, e etc.



**Imagem 06 - Produtos comercializados na feira. Tirada em 04 de junho de 2016. Fonte: Arquivo Pessoal.**

Sempre que perguntava sobre o porquê da escolha de determinado produto, os feirantes justificam que havia uma preocupação para manter a diversidade de itens, fazendo com que se diferenciavam das demais. Em relação a isto, em uma entrevista<sup>19</sup> realizada com Dona Maria, percebe-se que no início da feira ela e o marido vendiam pães, bolachas, mas que acabaram desistindo e passaram a vender majoritariamente verduras, pois ocasionava uma sobrecarga de trabalho e já existiam feirantes que trabalhavam com estes itens. Em suas palavras:

[...] eu faço pão na terça para levar na quarta né, mas é porque só eu levo, não tem ninguém que leva (...) então tu vende, mas de sábado é muita gente que só trabalha com pão com bolacha, então porque eu vou tirar o que é dos outros, todo mundo tem que ganhar. Eu penso assim, então a gente leva verdura que tu tem bastante e faz de quarta- feira que não tem, então tu faz os que os outros não tem (...) então agora a gente deixa para os outros né, todo mundo tem que viver, então se tu faz tu vende né, desde essas coisa de osso e porcaria, antigamente tu não vendia porque ninguém conhecia, ninguém sabia né, mas agora todo mundo conheci. Então deixa para os outros lá (...) então a gente cada um faz alguma coisa diferente né, para não ficar tudo igual (Entrevista realizada em 14 de abril de 2013).

Para atrair os clientes e mostrar a “qualidade dos produtos”, os feirantes oferecem aos clientes a degustação de alguns produtos, antes de efetuarem a compra. O queijo é um dos itens que mais costumam provar, em virtude da variedade de gostos percebidos entre os clientes da feira. Observa-se na fala de Dona Maria uma preocupação em satisfazer sua clientela:

Ah, a gente faz qualquer brique **[negócio]**. As vezes as pessoas querem assim, a gente não corta o salame, mas as vezes tem pessoas que dizem assim, as vezes tu corta, fica com pena, tem só aquele troquinho para comprar. Eu cansei de cortar né, aí outro pedaço tu trás para casa e come se tu não vender. Queijo sim, a gente sempre corta, a quantia que querem por que não tem nada que ver né. Ovo, cansei de vender um ovo na feira. Eu dizia assim, mais um ovo? Aí levavam dois. Estragava a dúzia, mas fazer o que? (Entrevista realizada em 29 de outubro de 2016).

O cuidado na hora de negociar não diz respeito apenas à necessidade de vender, mas pela relação estabelecida com os clientes. A *Feirinha de Camobi* pode ser pensada como um espaço que promove sociabilidades e constantes trocas sociais, entre elas, a de saberes, experiências pessoais e gentilezas. Nota-se que os feirantes também costumam trocar com seus clientes variedades de grãos, receitas culinárias, chás e xaropes. Como pode ser observado na

---

<sup>19</sup> Entrevista pertencente ao projeto Na Feira: Produção, Distribuição e Consumo entre Agricultores Feirantes na Região Central do Rio Grande do Sul. Realizada em 14 de abril de 2013.

figura abaixo, os clientes frequentam esse espaço não só com o propósito de comprar alimentos, mas também para o lazer, pois aproveitam para passear com seus animais de estimação, encontrar os amigos, vizinhos e/ou colegas de trabalho.



**Imagem 07 – Casal de clientes aproveitando a feira para passear com o animal de estimação. Tirada em 04 de junho de 2016. Fonte: Arquivo Pessoal.**

Zanini e Froelich (2015), em uma pesquisa realizada na feira, observaram que cada vez mais os clientes trazem chimarrão<sup>20</sup> para tomar enquanto transitam entre as bancas. Esse fato demonstra que, ao longo dos anos, a feira tem se convertido em um espaço onde as pessoas demonstram prazer em frequentar. Segundo as autoras, o fato da grande maioria dos feirantes ser descendente de imigrantes italianos, faz com que ela também se configure como um importante veículo de trocas étnicas, visto que as italianidades<sup>21</sup> presentes na região circulam e se atualizam neste espaço de comércio. Os clientes buscam “participar de transações étnicas, num sentido que extrapolaria o universo do mercado de bens materiais. Compravam sabores, possibilidade de lembranças e um saber fazer que era, por vezes, negociado ali, no espaço da

---

<sup>20</sup> Bebida tradicional da região sul do Brasil.

<sup>21</sup> Por italianidade, compreende-se o vínculo de pertencimentos individuais e coletivos ao universo de origem italiana, propiciado pela história dos antepassados oriundos da Itália que colonizaram a região no passado (ZANINI, 2015, p. 103).

compra e venda” (p.117). Juntamente com as narrativas sobre os modos de fazer dos alimentos de origem italiana, as italianidades se processam por meio das receitas culinárias e das trocas de produtos. Além disso, nota-se que os clientes se mostram curiosos quanto a descendência dos feirantes, perguntas tais como: o senhor é gringo? Italiano? Italiano da Itália? eram constantemente ouvidas.

Nas minhas idas a campo, percebi que os clientes costumam chamar os feirantes pelo nome, demonstrando uma relação íntima e de convivência prolongada. Para esses clientes, costumam guardar ou reservar os melhores produtos. Estes por sua vez não são expostos junto aos demais, que ficam em cima das bancas, mas “escondidos” em caixas ou nos veículos dos feirantes, para quando o cliente chegar, encontrar o produto fresco e selecionado. Existe uma preocupação em assegurar a qualidade dos produtos. Corroborando com essas afirmações, em uma das entrevistas que realizei, Seu Jorge explicou: “a gente só faz coisa pura, nada de cambalacho. A gente estraga o freguês uma vez só. A gente só faz coisa que a gente gosta e que os outros também gostem” (Entrevista realizada em 25 de maio de 2016).

De acordo com Portilho (2009), as relações de sociabilidade são determinantes para construção da confiança entre os atores. Como observado acima, embora os supermercados se localizem próximos à feira, os clientes “parecem valorizar à ida a feira em si, o contato direto e face - a - face com o produtor (...) consomem não apenas o produto em si, mas também as relações de produções” (p. 81). A valorização do modo de fazer os produtos será melhor desenvolvida no decorrer do texto.

Todavia, observei que não são todos os clientes que mantêm uma relação de fidelidade com os feirantes, muitos optam pela banca que está com preço mais acessível, “mais em conta”, ao contrário daqueles que preferem recorrer ao mesmo feirante, seja pelo produto ou pela maneira como são tratados. Sobre os dois “tipos”, Seu Jorge afirma: “Tem o cliente que é fiel que compra sempre e tem aquele eventual. Tem aquele cliente que não é fiel a nenhum, compra de quem ele quer. Eles podem, compram ali, compram aqui. E tem aquele que faz propaganda de ti, mas tem aquele que pode não fazer” (Entrevista realizada em 25 de maio de 2016).

Os feirantes se mostram prestativos e receptivos com seus clientes, porém, existem aqueles que não reagem de forma positiva às críticas ou reclamações, principalmente as que se referem à qualidade e aos preços dos produtos. Ademais, questionam o fato de os clientes não se queixarem para as atendentes dos supermercados acerca do valor e da procedência dos produtos expostos nas prateleiras. Com relação a estes clientes, os feirantes se mostram

incomodados com a falta de reconhecimento do trabalho, que na maioria dos casos é realizado de forma manual, sem a ajuda de tecnologias avançadas.

Com o passar dos anos, a clientela aumentou, ocorreu mudanças significativas no espaço, mas estas não foram as únicas novidades. Além da diversidade dos produtos, a surpresa está na forma de pagamento. Em algumas bancas, já é possível o pagamento com cartão de crédito, uma inovação que também divide opiniões, pois existem aqueles que a acreditam em uma possível descaracterização da feira, em contraposição àqueles que não percebem problemas quanto à nova forma de pagamento. Para Dona Joana, o uso do cartão de crédito se apresenta como algo positivo, pois na feira os clientes precisam pagar tudo à vista e ela parcela quando vai ao supermercado: “Eu posso fazer compras e tenho quarenta dias para frente por que é dia dez do outro mês que ele entra” (Entrevista realizada em 14 de maio de 2016).

Além disso, nota-se que a feira tem despertado interesse de outros vendedores, que não residem no meio rural e trabalham com os mais variados produtos. Passou a chamar atenção dos comerciantes que veem na feira uma oportunidade para comercializar suas mercadorias. É possível encontrar bancas que oferecem peças artesanais, acessórios e artigos de decoração feitos com pedras, entre outros. O espaço também é disputado pelos vendedores ambulantes de panos de prato, cobertores, que aparecem em dias de temperatura amena, ou com carrinhos de frutas, além dos que aproveitam a movimentação para realizarem propaganda, distribuir anúncios e divulgar inauguração de restaurantes, lojas ou convites para eventos.

Inúmeras vezes percebi que a feira desperta atenção de alguns moradores do bairro que buscam as sobras da feira, que adquirem por um preço baixo, até mesmo de graça. Também buscam alimentos para seus animais de estimação, como é o caso de uma senhora que circula pela feira recolhendo folhas de cenoura rejeitadas por clientes, mas apreciadas por seus coelhos.





**Imagem 08 – Bonsai que são comercializados na feira. Foto tirada em 01 de novembro de 2016. Fonte: Arquivo Pessoal.**

Por parte dos clientes é notório uma valorização dos produtos comercializados na feira com relação aos dos supermercados localizados nas proximidades. A opção por comprar neste espaço é definida pela qualidade dos alimentos, frescos, livres de agrotóxicos e produzidos pelos próprios feirantes. Entre os produtos mais procurados, estão os *ovos de colônia* e a *galinha caipira*, ambos válidos se a galinha for criada solta e alimentada com milho, sem ração.

A valorização dos produtos, e a relação construída com os clientes somente é possível porque a feira se apresenta como um circuito curto de produção, admitindo um número mínimo de intermediários. Partindo das reflexões de Darolt (2013) sobre circuitos curtos, pode-se afirmar que os clientes da feira buscam produtos com a identidade do produtor, “nos quais sejam ressaltadas as características locais das comunidades, como as tradições, o modo de vida, a valorização do saber-fazer” (p. 167). Conforme bem observa um cliente ao se aproximar da banca de Seu Olinto e Dona Margarida, para comprar uma peça de queijo: “Não quero queijo de vaca mecânica”, se referindo ao queijo produzido pelas grandes indústrias.



Assim, a escolha por comprar na feira decorre dos “modos de fazer” de cada feirante, todavia, como aponta Cruz e Schneider (2010), o “saber-fazer” de cada feirante “encontra dificuldades em responder às exigências legais em termos de estrutura sanitária e aspectos fiscais, entre outros” (p. 27). Esse fato acontece porque a produção tradicional de alimentos está “embasada em métodos artesanais, que operam em escalas de processamento incomparavelmente menores que as empregadas pela indústria convencional” (ibidem, p.28).

Devidos a exigências para legalizar os produtos na feira, muitos feirantes deixam de vender determinados produtos ou cogitam a possibilidade de abandoná-la, prejudicando a produção de alimentos tradicionais, comercializados em feiras, como queijos, salames, pães, doces, entre outros. Nas palavras de Dona Joana: “por enquanto vamos assim, quando exigir muita coisa a gente para” (Entrevista realizada em 14 de maio de 2016).

Em um estudo sobre a produção de queijos artesanais em Minas Gerais, Cintrão (2016), adverte que as disputas em torno da (i) legalização dos queijos minas artesanais, se manifestam como um conflito entre cultura e ciência, pois o fato de não estarem devidamente regularizados, faz com que sejam classificados como queijos impróprios para o consumo. Todavia, os produtores que os comercializam e consomem, os consideram saborosos e de qualidade. Nesse sentido, a autora observa que o processo de ilegalização dos queijos geram reações e processos de resistência, entre os quais as disputas pela legalização. Por outro lado, muitos produtores permanecem comercializando de forma informal e com as suas próprias regras.

Durante o andamento da pesquisa, os feirantes foram abordados em uma blitz, a caminho da feira, onde produtos como queijos, embutidos e carnes foram apreendidos, trazendo além do prejuízo, uma situação de desconforto, evidenciada nas palavras Dona Maria:

Eles estavam armados, levaram tudo, salame, queijo, cachaça, vinagre, só deixaram as verduras. Falta de consideração com a gente, acham que a gente é marginal? Só estamos trabalhando (...) Como tu vai gastar 100,00 num troço (agroindústria) se tu traz meia dúzia de coisinhas (Entrevista realizada em 15 de outubro de 2016).

Diante dessa situação, concordo com as contribuições de Sabourin (2013), quando adverte que existe uma relação mercantil, mas o contato direto entre feirante e cliente permite “redobrá-la por uma relação de reciprocidade binária (o cara a cara) gerando valores afetivos como o sentimento de reconhecimento, de amizade ou valores éticos: respeito, confiança e até fidelidade” (p. 192). No entanto, como pondera o autor, são ignoradas pelos órgãos de

fiscalização “as particularidades do meio rural local e as potencialidades das relações de cooperação, de proximidade e de reciprocidade em termos de construção da credibilidade” (ibidem, p. 200). Nas palavras de Seu Miguel:

A gente teve reunião na prefeitura esses dias sobre isso [venda dos próprios produtos], eles querem que a pessoa faça uma microempresa sabe? Se legalizar melhor. Uma agroindústria. Ter rótulo. Se comprar, exigir o rótulo para saber de onde vem sabe? A procedência (...) É. Diz que sai mais caro que...por enquanto vai assim, quando exigir muita coisa a gente para (...) eles não levam em consideração, porque se tu for modificar tanto do jeito que eles querem, vai deixar de ser os produtos que vocês querem, que é o valorizado (Entrevista realizada em 14 de maio de 2016).

Baseada em observações etnográficas sobre o significado da produção artesanal do suco de maçã produzido por um grupo de camponeses de uma aldeia nos Alpes franceses, Carneiro (2016), salienta que a fabricação do suco de maçã residia, sobretudo na dimensão social, na possibilidade de reunir amigos, descontraír. Mais do que uma mercadoria, o suco representava um bem de troca, que reforçava laços de amizade e promovia encontros e trocas sociais. O modo de fabricação do suco estava inserido em um mecanismo de defesa de um estilo de vida, de uma visão de mundo, mais do que de uma identidade local. Reuniam-se por um conjunto de valores que eram contrárias a racionalidade produtiva capitalista adotada pelos agricultores modernizados e pelo órgão governamental.

Em concordância, Seu Jorge também expressa a falta de compreensão dos órgãos de fiscalização e a procura dos clientes pelos produtos comercializados na feira:

(...) o pessoal da vigilância, felizmente não<sup>22</sup> vem, mas não estamos livres, né. E se eles virem, a grande maioria tá fora, isso aí tem lei que tudo que é produto não pode. Se tu for fazer uma enquete com o público, é diferente (...) é como a polícia, se fosse usar a regra da lei, ninguém da população está certo, sai na rua e tem que prender todo mundo, é assim que funciona (...) eles falaram lá na reunião, que nós poderíamos pegar das agroindústrias, com selo, mas aí o público não quer, não vai aceitar (Entrevista realizada em 25 de maio de 2016).

Em outro estudo, ao analisar o funcionamento da confecção, em domicílios rurais de peças íntimas do vestuário feminino, no município de Nova Friburgo, Rio de Janeiro, Carneiro (2006) salienta que o caráter ilegal das pequenas confecções domésticas é uma “arma de dois gumes”, pois de um lado, a ilegalidade é vista como uma condição para a sua existência, de

---

<sup>22</sup> Saliento que a entrevista com Seu Jorge foi realizada antes da apreensão dos produtos pelos órgãos de fiscalização.

outro, ela é um forte fator de vulnerabilidade. Com a feira em estudo não é diferente, visto que a ilegalidade é uma condição imprescindível para mantê-la funcionando, pois, os feirantes não possuem condições necessárias para regulamentar sua produção, sobretudo pela baixa produtividade e escassez de recursos financeiros. No que tange sua fragilidade, pode-se citar alguns exemplos já mencionados, como a carência na infraestrutura, institucional e os problemas com os órgãos de fiscalização.

Para compreender a lógica de funcionamento da *Feirinha de Camobi* é preciso ter em mente que os mercados são socialmente construídos. Como pondera Wilkinson (2002), a feira em questão, pode ser pensada como o prolongamento de relações familiares, pois:

(...) a confiabilidade do produto decorre da confiança no produtor, podendo dispensar as garantias formais de qualidade. Nas localidades rurais, essa produção, geralmente informal, pode adquirir uma reputação de qualidade que conquista a elite local (médicos, advogados, técnicos). Parentesco, vizinhança, conhecimentos pessoais e transações repetidas entre os mesmos atores confirmam reputações e consolidam lealdades, fazendo com que esses mercados se tornem relativamente imunes de pressões externas, sejam de ordem mercadológica ou reguladora (Wilkinson, 2002, p. 814).

As relações de proximidade (RADOMSKY; SCHNEIDER, 2007) entre os atores sociais também são essenciais para a constituição e operação da feira. Em dias de feira, os feirantes costumam fazer suas compras em outras bancas, seja para o próprio consumo, como para revender em suas bancas. Em outros casos, “trocam” produtos entre si ou vendem por um preço inferior daquele oferecido para o público de forma geral.

Indicar para seus clientes outras bancas, quando não dispõem de determinado produto procurado, ocorre frequentemente na feira. As relações em rede também são importantes para novos feirantes conseguirem um espaço para comercializar seus produtos, geralmente concretizada via indicação. Muitos dos feirantes entraram por intermédio de feirantes mais antigos, motivados principalmente por laços de amizade ou de parentesco.

Por fim, em quase todas as bancas situadas na feira em questão, estão presentes produtos oriundos de outras localizações rurais, principalmente de vizinhos ou de produtores da região, que devido a impossibilidade de comercializar seus produtos pessoalmente nesta feira, requisitam o auxílio de feirantes que já exercem a atividade. A origem dos produtos ofertados não é omitida, pelo contrário, é expressa constantemente.

Apesar do cenário apresentado, seria ingênuo da minha parte, pensar que a *Feirinha de Camobi* é desprovida de conflito, pelo contrário, é um espaço social hierarquizado econômico e simbolicamente (GARCIA, 1992). Os feirantes mais recentes, geralmente iniciam

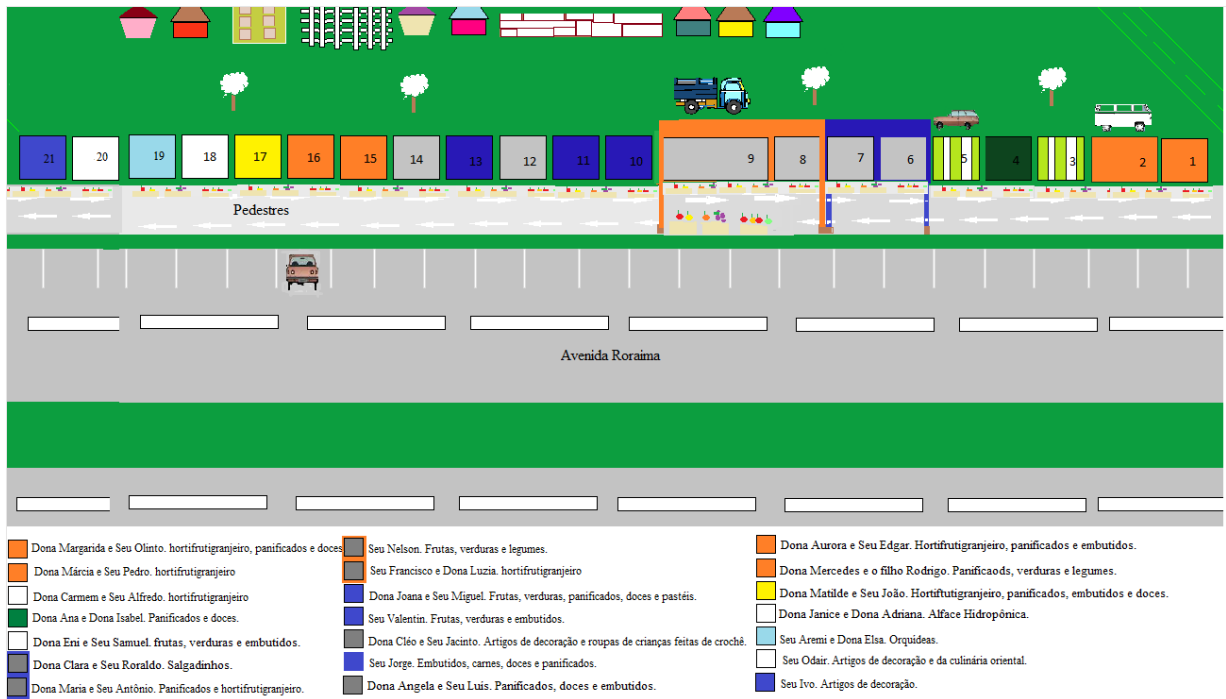
nas quartas feiras e se acomodam no início ou final da feira (nas pontas), ou seja, o “ponto”, local onde cada feirante monta sua barraca, é fixo e demarcado pelos feirantes mais antigos, demonstrando certa disputa e hierarquia entre os próprios feirantes. Para fins de esclarecimento, no início da feira, o critério para a escolha do ponto foi sorteado, cada banca tinha um respectivo número. Até pouco tempo atrás, as bancas não eram mais numeradas, mas os feirantes permaneceram no seu espaço que fora sorteado até os dias atuais.

Atualmente, o limite entre uma banca e outra passou a ser demarcado através de uma linha vermelha desenhada no chão e os números na frente de cada banca. No entanto, em decorrências de inúmeras desistências ocorridas nos primeiros anos da feira, algumas bancas se expandiram e passaram a ocupar o espaço de outras, ausentes, fato este que explica a diferença de tamanho entre as bancas. Alguns feirantes reprovam e criticam a atitudes de seus pares, pois de acordo com os mesmos, se cada feirante respeitasse a extensão de aproximadamente dois metros, demarcada pelos organizadores no início da feira.

Outro elemento interessante é que na *Feirinha de Camobi* não existe um diálogo entre os feirantes sobre o preço dos produtos. Na fala de Dona Joana, fica evidente que cada feirante tem sua própria regra e cálculo: “Como a banana, no mercado está quase R\$5,00 e ali o Emanuel [feirante] vendendo a R\$3,50 Kg, nós vendemos a R\$2,50 Kg no sábado” (Entrevista realizada em 14 de maio de 2016). Tal fato, faz com que os feirantes acabem prejudicando uns aos outros, embora muitos não ajam de forma proposital.

## **2.5. “ Tenho muito orgulho de ser feirante e amo o que eu faço! ”**

Nas entrevistas realizadas com os fundadores da *Feirinha de Camobi*, foram apresentadas diversas motivações para “fazer feira”. Por meio de entrevistas, conversas informais e visitas em algumas residências, observou-se que nem todos os feirantes são produtores rurais, da mesma forma que não são todos que residem no meio rural. Há aqueles que se dedicam exclusivamente ao artesanato ou a produção de doces, pães e bolachas e residem no bairro ou próximos dele. O croqui abaixo destaca os feirantes que comercializam nesta feira e alguns dos seus respectivos produtos.



**Figura 01 – Croqui da Feirinha de Camobi. Fonte: Arquivo Pessoal.**

Embora não seja possível chegar a um consenso acerca do número de feirantes no início da feira, observa-se que muitos são os mesmos que deram sequência à feira, além do mais, é interessante notar os motivos que os levaram à feira, são variados. Dona Margarida e Seu Olinto, por exemplo, enxergaram na feira uma oportunidade de preservar a saúde, abandonando a cultura agressiva do fumo e investindo no trabalho na horta, cultivando frutas e verduras. Para atrair mais clientes, Dona Margarida, que no início fazia bolachas e salgadinhos, hoje se dedica principalmente aos pães e cucas. Atualmente, devido à idade, ambos são aposentados, o que torna a renda da feira um complemento, antes, a feira constituía a única fonte de renda. Em uma visita a sua residência, Dona Margarida fez questão de mostrar todos os cômodos da casa, pois a construção foi paga com o dinheiro da feira, da mesma forma que muitos utensílios nela presentes, como a máquina de lavar nova, sua primeira compra.

Para outras famílias, a feira é a única fonte de renda, como é o caso de Dona Maria e Seu Antônio que sempre trabalharam com verduras, mas forneciam quase toda a produção para intermediários, obrigando-os a se adequarem a seus preços. Assim, a feira trouxe autonomia além de um rendimento maior, já que possibilita a venda direta para o cliente. Ao ser questionada sobre os benefícios da feira, Dona Maria enfatiza: Tu vai lá, tu compra, tu vende, não precisa de outros que metem o nariz. Eles **[compradores]** vêm comprar em casa, pagam mixaria. Lá tu vendo o preço que tu quiser”. Seu Antônio ressalta ainda, que entregava também

nos mercados, mas reclamava que “os caras querem ganhar mais que a gente que planta”, e também fazia feira de charrete duas ou três vezes por semana, porém a charrete era pequena, alguns clientes compravam fiado e depois não voltavam para pagar, ocasionando prejuízo.

Para outras famílias, a feira fez com que pudessem voltar a morar no meio rural, pois eram muitos filhos e pouca terra para todos trabalharem. Nas palavras de Seu Nelson<sup>23</sup>: “eu fui filho de agricultor, meu pai nos criou em um cerro, tudo a braço, nós não tínhamos máquina nenhuma, mas eu sempre quis ter as minhas coisas, fazer as coisas com os meus braços”. Assim, saiu de casa em busca de alternativas de sustento, trabalhou para grandes produtores, depois de assalariado no meio urbano, foi quando resolveu voltar e produzir para a feira, local onde permanece até os dias atuais.

Em outro depoimento, Seu Miguel conta que saiu do meio rural para trabalhar como funcionário de uma rede de supermercado, viu na feira uma oportunidade de deixar de ser “empregado” e também voltar para o meio rural. Devido a problemas de saúde, há alguns anos é pensionista e junto com a mulher, sobrevive com a ajuda dos benefícios. Para eles, a feira é apenas um complemento, pois não dependem exclusivamente dela para sobreviver. Contudo, Dona Joana, sua esposa, esclarece a importância do dinheiro arrecadado com a venda dos produtos:

Aquele sábado que tu não vai [na feira], tu nota, faz falta aquele dinheirinho. Tu abastece, coloca gasolina no carro, tu traz a comida para os bichos, farelo para a vaca. Por que aqui como se diz, a carne a gente mata um animal e está com o freezer cheio, então a carne tu não compra, aí a farinha já faz os pães, tem pão para o gasto, assim, um ovo tu colhe ali que dá para o gasto (Entrevista realizada em 14 de maio de 2016).

Seu Jorge, além de trabalhar em outras atividades paralelas, como a criação de gado e arrendamento de terras, realizava feira no centro da cidade de Santa Maria, mas há aproximadamente quatro anos deixou de comercializar em outras feiras, ficando somente com a *Feirinha de Camobi*, pois a extensão e o número de feirantes era maior. Para ele, a feira ajuda muito, pois oferece um retorno rápido. Assim, mesmo sendo um espaço recente e modesto, os feirantes encontram uma possibilidade de comercializarem seus produtos, de forma que possam gerar ou complementar sua renda.

Outra característica que se aplica a quase todos os feirantes, diz respeito à força dos laços de parentesco. Woortmann (1995), aponta para a dimensão do parentesco como princípio organizatório e como elemento central da reprodução social do campesinato. Embora no

---

<sup>23</sup> Entrevista realizada em 28 de maio de 2016.

exercício da feira não compareçam todos os membros da família, estes se envolvem de alguma forma. Muitos que não comercializam de uma forma habitual, são responsáveis pela produção em domicílio, em que participam, filhos, filhas e cunhadas, ajudando na panificação e nas atividades realizadas na horta ou na lavoura, ou seja, a mão de obra empregada nas atividades da feira é essencialmente familiar.

Por fim, os feirantes não constituem um grupo homogêneo, os motivos que os levaram a comercializar neste espaço são múltiplos e variados. A condição econômica de cada feirante implica diretamente na importância e nos significados atribuídos à feira. Para os feirantes aposentados que desfrutam do benefício da aposentadoria, a feira funciona como um complemento da renda, sendo atribuída a ela um papel secundário, ao contrário dos feirantes que dependem exclusivamente do recurso obtido com a venda dos produtos na feira.

## **2.6. Os produtos “de fora”**

Em meio à instalação da *Feirinha de Camobi*, houve a elaboração de um estatuto que previa a comercialização de produtos que pertenciam aos próprios feirantes, cultivados em suas propriedades ou feitos nas suas respectivas residências, no caso de quem trabalha com bordados, artesanatos e artigos de decoração. A feira se iniciou com o propósito de valorizar a produção dos pequenos produtores, sendo permitida a venda de outros produtos que não eram produzidos por nenhum membro da feira, de frutas como maçãs, abacaxi, manga, entre outras, produtos que raramente são cultivados no sul do Brasil.

Com a expansão da feira e dos clientes, a demanda por produtos e por variedade aumentou. Consequentemente, os feirantes sentiram a necessidade de ampliar o comércio, adquirindo produtos de familiares, vizinhos e outros produtores da região. Contudo, especialmente, duas bancas foram além, revendendo produtos oriundos de grandes distribuidoras. Uma das bancas assumiu um lugar de destaque na feira, ocupando o espaço de várias bancas; outro feirante ocupa uma posição mais sutil e discreta, mas já está se tornando alvo de críticas e julgamentos, seja por parte dos demais feirantes ou dos clientes da feira.

É possível notar que o principal conflito que se estabelece entre os feirantes diz respeito à perda de identidade da feira, uma feira, de produtores, que luta para preservar sua identidade inicial. Seu Nelson, por exemplo, ao relatar as mudanças que a feira sofreu, esclarece que não é contra a entrada dos produtos considerados “de fora”, visto que muitas

frutas não são produzidas na região, mas reclama da entrada de produto que são produzidos pelos feirantes, pois: “Essa feira não foi criada para esses produtos, foi criada para os produtos que nós conseguimos no campo” (Entrevista realizada em 28 de maio de 2016).

Todavia, o conflito não é solucionado entre os feirantes, não sendo sequer inserido nas pautas das reuniões e assembleias. Apesar das constantes reclamações, ambos os feirantes que vendem produtos considerados “de fora” fazem parte da diretoria da feira, e ocupam o cargo de presidente e tesoureiro. Foram eleitos pelo voto dos feirantes, entre eles, aqueles que se mostram incomodados com a atual situação da feira. Isso me leva a crer que ao mesmo tempo que estão insatisfeitos, não querem assumir a responsabilidade e os problemas que pesam sobre a feira, pois, as eleições são anuais, e há anos elegem o mesmo presidente.

O desconforto também é manifestado pelos clientes antigos da feira. Alegam que a feira não foi criada com o propósito de ser transformada e comparada a um supermercado, ocasionando a sua descaracterização. Outro motivo que leva à rejeição destes produtos é a preocupação com a qualidade dos alimentos, pelos que defendem e lutam por uma produção livre de agrotóxicos. Perguntas tais como, tem veneno? É o senhor (a) quem planta? É de fora<sup>24</sup>? O que o senhor (a) usa de insumos? eram constantes.

Em contrapartida, existem clientes e feirantes os que defendem a entrada de produtos considerados “de fora”, pois seriam os responsáveis pelo grande movimento e circulação de pessoas na feira, devido à variedade de produtos. Na opinião de Seu Jorge que vende seus próprios produtos:

O Francisco hoje compra a maioria, mas quando começou era bem pequenininho, com uma caminhonetinha, ele produzia, grande maioria, era produção dele, só que expandiu tanto que ele não tem mais condições de manter só com o dele né. Só que por um lado, ele abriu procedência, colocando mais variedades para que viesse mais público comprar. Por que se tu vem em uma feira que não tem produto na feira, para ti, variedade no caso, não tem o que comprar (Entrevista realizada em 25/05/2016).

O relato citado acima serve para perceber que Seu Francisco, feirante mencionado na entrevista, embora seja o maior intermediário da feira, uma vez que grande parte dos produtos que comercializa são oriundos de outros estabelecimentos comerciais, continua produzindo. Não abandonou sua produção de alfaces, frutas, flores, entre outros. Isto é, continua sendo produtor.

---

<sup>24</sup> Oriundos de outros estabelecimentos comerciais.



Embora tenha tomado alguns cuidados para não causar desconfortos ou intrigas, diversas vezes fui colocada em uma situação delicada pelos feirantes, que manifestavam certo incômodo com essa situação, obtendo antipatia daqueles que compram os produtos de atacadistas para revender na feira. A situação ficou comprovada quando perguntei para Seu Pedro se ele concederia uma entrevista, apesar da recepção calorosa e ter aceitado conversar, fez questão de explicar que não produzia a maioria dos produtos comercializados.

Seu Pedro é um dos feirantes com quem mantenho uma relação de proximidade, inclusive me acolheu em sua banca por um longo período de tempo, tendo assim conhecimento sobre o meu trabalho como pesquisadora. Sempre que possível fazia questão de demonstrar que não tinha por intuito prejudicá-los, porém, o fato acima demonstra que a comercialização dos produtos “de fora” gera constrangimentos, não é visto com naturalidade, até mesmo para quem comercializa.

É importante ressaltar que em uma das visitas a sua residência, foi possível constatar que Seu Pedro não compra todos os produtos comercializados de grandes atacadistas, enquanto o acompanhava organizando seu veículo para no dia seguinte seguir para a feira, muitos produtores da região, principalmente moradores próximos, traziam seus produtos para que Seu Pedro comercializasse na feira. Em sua maioria, os agricultores forneciam pequenas quantidades de verduras, frutas e legumes, cada um com sua disponibilidade. Embora sejam produtos oriundos de pequenos produtores, na feira Seu Pedro mantém uma relação transparente com seus clientes, deixando-os cientes da procedência de cada produto.

\*\*\*

Nesse primeiro capítulo foi destacado o processo de construção da *Feirinha de Camobi*, ressaltando suas características atuais em termos de organização e perfil dos feirantes que se deslocam para a cidade a fim de comercializar seus produtos. Dentre as peculiaridades desse espaço, sobressaiu a venda direta do produtor para o consumidor. A feira se caracteriza por compreender um modelo diferenciado de comércio, onde o pequeno produtor encontra possibilidades de vender seu produto sem a presença de intermediários, o que lhes garante maior autonomia e renda. Por fim, buscou-se evidenciar algumas das carências ligada à infraestrutura e ao caráter informal em que a feira se encontra atualmente.

## SEGUNDO CAPÍTULO

### “DA PORTA PRA FORA”: AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA FEIRA



## Por que estudo de gênero na feira?

Nas observações realizadas durante minha jornada como pesquisadora e a relação de proximidade estabelecida, sobretudo com um casal de feirantes foram de extrema importância para escrever o capítulo em questão. Dona Margarida e Seu Olinto foi um dos casais que me acolheu desde o primeiro dia de pesquisa, em 2013. O fato de eu ter convivido muitos anos na presença dos mesmos, fez com que se estabelecesse uma relação de confiança, permitindo o compartilhamento de acontecimentos e pensamentos mais íntimos que ultrapassavam o espaço da *Feirinha de Camobi*.

Desde as primeiras visitas à feira, observava que Dona Margarida de 63 anos e Seu Olinto de 68 anos tinham uma rotina intensa de trabalho, devido ao grande fluxo de pessoas que passava por sua banca. Assim, com o intuito de não atrapalhar a movimentação dos clientes e poder acompanhar suas atividades, sentava-me no interior da banca, onde ficavam armazenadas as caixas com os produtos. Acompanhando a rotina do casal, percebi que embora não se configurasse como uma regra, Dona Margarida era responsável pela venda dos panificados, enquanto Seu Olinto ficava encarregado pela venda das verduras, dos legumes e do feijão.

Dona Margarida é quem faz praticamente todos os pães, cucas, queijos, geleias, além do capeletti, que costuma vender no inverno. Contudo, quando havia necessidade de aumentar ou diminuir os preços desses produtos, consultava o marido. Em relação aos produtos que eram de responsabilidade de Seu Olinto, sempre que os clientes solicitavam a ela o valor, direcionava o olhar para marido, demonstrando assim, que era ele quem decidia quanto cobrar por cada item.

Verifiquei ainda que Dona Margarida pedia permissão para Seu Olinto antes de tomar qualquer decisão referente ao uso do dinheiro arrecadado com as vendas na *Feirinha de Camobi*. A situação pode ser observada, por exemplo, quando perguntou o aval do marido antes de comprar panos de pratos de um vendedor ambulante que estava passando pela feira ou quando precisava encomendar algum produto da agropecuária<sup>25</sup> que presta serviço aos feirantes.

Diante destes acontecimentos, fez-se notável a existência latente de uma hierarquia de gênero, pois ao homem cabia o papel de autoridade, responsável pela tomada de decisão.

---

<sup>25</sup> Como mencionado no capítulo anterior, todos os sábados pela manhã, um dos funcionários da agropecuária, localizada próxima a feira, passa nas bancas para anotar as solicitações dos feirantes e ao final da feira voltam para entregar as encomendas.

Embora a mulher fosse encarregada da elaboração e venda dos panificados, não cabia a ela decidir acerca do preço dos produtos, acatando os dizeres do marido. O mesmo acontece com o uso do dinheiro, pois, apesar de uma parcela ser arrecada com a venda dos panificados feitos por ela, precisava da permissão do marido para usá-lo na feira.

No decorrer da pesquisa, acompanhei de perto o funcionamento da banca sob gerenciamento de Seu Olinto. Em algumas ocasiões, Dona Margarida não comparecia a *Feirinha de Camobi*, pois participava de viagens organizadas por grupos de terceira idade. Nesses dias, era notória as mudanças físicas da banca com sua ausência, pois não havia uma grande variedade de produtos, apenas frutas, verduras e produtos que podiam ser reaproveitados da feira anterior, como cachaça, rapadura, mel e açúcar mascavo. Seu Olinto parecia visivelmente desajeitado e inseguro quanto ao preço de alguns produtos. Quando os clientes solicitavam que cortasse um pedaço do queijo, tarefa exclusivamente feminina, logo justificava o mau jeito, informando aos clientes que era a esposa quem tinha à prática. Além disso, a falta da mulher ocasionava uma inquietação de quem passava pela feira, pois perguntavam para Seu Olinto o motivo de sua ausência.

Assim, passei a entender a importância de Dona Margarida para a organização e manutenção da *Feirinha de Camobi*. Apesar de uma aparente hierarquia de gênero e divisão sexual do trabalho, observada no cotidiano do casal, Dona Margarida mantinha uma posição de destaque na feira, até então despercebida ao meu olhar. A partir desse acontecimento, comecei a analisar como a Dona Margarida se sentia realizando as tarefas na feira. Constatei que para ela a feira significava mais do que um espaço de trabalho, mas um local propício para o lazer, onde podia conversar, trocar experiências e conselhos, ou simplesmente interagir de forma costumeira. Seu entusiasmo com a feira é percebido em uma de suas falas: “Na feira arrumei filha, amigos. Melhorei um monte. Ontem estava “deprê”, mas lembrei que na feira conversei. Eu cresci esse meu lado social, a gente troca ideias, receitas, dicas<sup>26</sup>”.

É possível observar que apesar de Dona Margarida aparentar ser submissa as decisões de Seu Olinto, pois direcionava seus questionamentos a ele, ela encontra na *Feirinha de Camobi* uma oportunidade de comercializar seus produtos, de se relacionar e construir laços de amizade e confiança. Isso demonstra que os estudos de gênero, devem levar em consideração as especificidades do grupo pesquisado, de modo a buscar o lugar que a mulher ocupa naquela sociedade em específico, pois como aponta Sarti (2004, p. 44), “as mulheres não constituem uma categoria universal, exceto pela projeção de nossas próprias referências culturais. As

---

<sup>26</sup> Fragmento do diário de campo.

mulheres tornam-se mulheres em contextos sociais e culturais específicos (...) não pode ser dissociada do contexto de sua enunciação, que lhe dá o significado”. Sarti destaca ainda a necessidade de contextualizar o fenômeno estudado, de escutar o outro sobre o mundo social do qual faz parte, visto que contextualizar significa “adentrar o outro, confrontar-se com seu ponto de vista. Pressupõe o reconhecimento de seu discurso como um saber, o que põe em questão nossas formas de pensar, relativizando-as” (ibidem, p. 47).

O que também se pode observar, é a necessidade de relativizar as questões referente a gênero, pois nota-se que Seu Olinto, embora seja visto por muitos como uma figura de autoridade, não nega a importância de sua esposa na feira, pois ao ser questionado por um cliente sobre a ausência de Dona Margarida, seguido do complemento que ela faz muito bem em viajar e espera que continue viajando, Seu Olinto em tom de brincadeira, responde: “que os anjos não digam amém”. Desse modo, este fato e os acima descritos, permitem ver a subordinação da mulher, a hierarquia de gênero e a divisão sexual do trabalho como algo relacional, dado que a relação do casal é segundo Sarti (2004, p. 44), “construída a partir de referências sociais e culturais específicas”.

Dona Margarida faz questão de ressaltar seu ponto de vista sobre a situação da mulher rural na sociedade. Alega que para as mulheres que possuem estudo e residem na cidade, é mais fácil a escolha de determinadas questões, como profissionais e conjugais. As mulheres que vivem no interior já crescem com um incentivo – geralmente dos pais, mas muito reforçado pela comunidade em geral – ao matrimônio. Cabe lembrar que o casamento no meio rural não deve ser reduzido a uma questão de oportunidades. Muitos estudiosos demonstraram o valor do casamento e as suas características econômicas, sociais e culturais. Entre os trabalhos clássicos, a antropóloga Woortmann (1995) revela que entre os camponeses, o casamento não é uma simples questão de escolha individual, “a rigor, não são apenas dois indivíduos que se casam, mas duas famílias que entram em acordo. Trata-se de um *affaire de famille*” (p. 157).

Nesse sentido, faz-se necessário mostrar que estas mulheres, embora inseridas em um contexto de forte hierarquia de gênero, estão presentes e agindo em diferentes esferas da sociedade. Reconhecer a atuação dessas mulheres feirantes não implica em omitir ou negar a hierarquia de gênero existente no meio rural, mas dar-se conta que elas ocupam um lugar importante na manutenção e realização da feira, um espaço onde podem comercializar seus produtos, muitos deles por elas manufaturados, e também construir novos laços sociais e afetivos. Para entender o lugar ocupado pelas mulheres que comercializam na feira, utilizo-me das contribuições metodológicas adotadas por Elisabeth Souza-Lobo (1991) ao compreender a

condição operária feminina, uma vez que era necessário examinar as circunstâncias específicas da vida das mulheres para compreender a razão de sua ausência nas assembleias ou greves sindicais, pois “os (as) sociólogos (as) precisam saber não só falar como ouvir operário e operárias” (p. 129).

Em suma, neste capítulo, procurei descrever como a realização da *Feirinha de Camobi* interfere nas relações gênero. Buscou-se compreender questões tais como: de que forma os clientes veem o trabalho da mulher na feira e como estabelecem relações com elas e com os homens? A participação na feira proporciona uma relação mais igualitária entre o casal? Ou ainda, a mulher considera que o trabalho na feira significa ainda mais trabalho, mais cansaço e somente participa por imposição do marido?

Ressalto que esta parte da dissertação se baseia, sobretudo, na pesquisa de campo, através da convivência prolongada e das conversas informais com os feirantes, pois como pondera Malinowski (1978, p. 31), “existem vários fenômenos de grande importância que não podem ser recolhidos através de questionários ou da análise de documentos, mas que têm de ser observados em pleno funcionamento”. Em conformidade, Cabral (2008) chama atenção para a importância dos “não-ditos”, isto é, as aquelas constatações etnográficas que não são evidenciadas na comunicação discursiva entre o pesquisador e o pesquisado.

Confesso que num primeiro momento, me encontrava muito presa às entrevistas, mas com o andar da pesquisa, comecei a perceber que os feirantes não ficavam confortáveis com a presença do gravador, da mesma maneira, as entrevistas não estavam se mostrando como a melhor técnica para geração de dados. Assim, as observações e as conversas se mostraram mais eficazes na obtenção dos resultados. Foram nas simples frases, em uma simples conversa sobre o dia-a-dia que a realidade se mostrava com mais nitidez.

### **3.2. O protagonismo feminino no processo de consolidação da feira**

Os diversos trabalhos acadêmicos que retratam a situação da mulher rural no Sul do Brasil, desenvolvidos por pesquisadores renomados, como Brumer (2004; 2002), Paulilo (2004; 2000; 2003); Zanini e Santos (2013), Seyferth (2013), tratam majoritariamente acerca de questões referentes a inserção das mulheres na agricultura, a migração feminina, a masculinização do espaço rural, o acesso as políticas públicas e ao crédito agrícola, a mulher

na agroecologia, não abordando questões referentes ao trabalho das mulheres em feiras de produtores.

A bibliografia disponível sobre a participação feminina em feiras de produtores rurais foi realizada sobretudo na região Nordeste. Apesar de escrita em uma época e contexto social diferente, foi primordial para pensar a pesquisa em questão, corroborando para a análise dos diferentes pontos de vista, identificando aspectos complementares, as rupturas e continuidades ao longo dos anos.

A partir de dados do trabalho de campo realizado na região da Zona da Mata de Pernambuco, Palmeira (1971) analisa as transformações no universo dos engenhos e das usinas à luz dos circuitos de produção e de abastecimento das feiras livres, onde antigos moradores expulsos desse universo passaram a se abastecer. No que tange especificamente a presença feminina nestas feiras, salienta que tanto vender na feira, como fazer feira, isto é, comprar neste espaço, eram atividades definidas socialmente como masculinas, visto que “mulher na feira, vendendo ou comprando, devia ser viúva, solteira ou sem marido” (p. 332).

Buscando compreender as relações no interior de unidades domésticas entre pequenos produtores nordestinos ligados à plantação açucareira, Heredia, Garcia e Garcia Junior (1984), explicam que a comercialização dos produtos agrícolas é predominantemente masculina por duas razões. A primeira delas diz respeito ao fato do homem ser o responsável pelo abastecimento da casa, pois cabe a ele colher e comercializar os produtos do roçado, e com a renda obtida comprar os bens necessários ao consumo familiar. Em segundo lugar, a venda dos produtos é realizada em um espaço público por oposição à casa. Por ser responsável pela casa, o homem também é o mediador entre o mundo interno (casa) e o mundo externo (público). Nesse sentido, “toda transação mercantil envolve pessoas estranhas ao grupo doméstico, logo, requer a mediação do pai de família (...) assim, todas as relações mercantis excluem, em termos de modelo, a mulher” (p.39).

Apesar disso, os autores advertem que nas feiras estudadas, constatou-se uma proporção bastante grande de mulheres camponesas comercializando produtos nesses espaços. Tratava-se de esposas de pequenos produtores que, como consequência do processo de expropriação existente na região veem-se forçados a deixar as áreas e instalar-se nas cidades. Começaram a participar das feiras com o propósito de contribuir com o sustento do grupo familiar, pois continuaram a cultivar produtos em pequenos roçados instalados nos quintais de suas casas ou em terras arrendadas. Contudo, apesar de estarem presentes nestes espaços considerados públicos, eram responsáveis pela venda dos produtos considerados secundários,

pois todos os outros, “fundamentais para o consumo e previsão econômica destes pequenos produtores são os lugares mais masculinos e a presença da mulher ali é totalmente vedada (p.42)”. Nestes termos, a presença de mulheres na feira, estava “longe de implicar uma ruptura das normas próprias desse grupo social, é, pelo contrário, uma adequação do mesmo a situação que enfrenta para a sua sobrevivência” (ibidem, p. 43).

Garcia (1992) adverte que a exclusão das mulheres dos espaços públicos tem sido um dos indicadores mais evidentes da discriminação que elas sofrem em diferentes sociedades. Diante da emergência das mulheres em feiras do Nordeste, espaço predominantemente masculino, a autora passa a questionar a presença feminina como indicador de maior equilíbrio entre os sexos. A autora destaca ainda, a importância de compreender o modo de inserção das mulheres em locais que estavam excluídas, pois “pode ser revelador do sentido em que se alteram (ou reafirmam) as divisões entre atividades femininas e masculinas, mundo doméstico e mundo extra doméstico, espaço privado e espaço público” (p.01). Pode revelar ainda, como “as categorias sociais e culturais instituidoras das diferenças sexuais ou de relação de gênero são reelaboradas e se transformam, quais são os traços de continuidade ou descontinuidade com relação aos padrões sociais vigentes em momentos anteriores” (GARCIA. 1992, loc. cit.).

Diante dos pontos que foram levantados pela autora, optei por analisar as relações de gênero na *Feirinha de Camobi*, pois observava que as mulheres estavam presentes em quase todas as bancas, sozinhas ou acompanhadas de seus maridos ou familiares. Embora este fato não se apresente como a principal motivação para a realização desta pesquisa, é necessário investigar em quais condições essas mulheres chegaram à feira e sua forma de inserção. Começaram na companhia dos maridos? Sozinhas? Foi um processo que aconteceu de forma gradativa? Qual era o propósito?

Enquanto procurava assimilar o processo de construção da *Feirinha de Camobi*, aproveitava para perguntar sobre a presença feminina neste espaço de comércio. Ao questionar Euclides, ex-presidente da SACA, sobre um possível incentivo ao público feminino, ele responde: “nós sabíamos que a maioria eram mulheres, mas não foi uma coisa assim... uma política pública determinada para as mulheres (...) Naturalmente acabou acontecendo, mas não foi” (Entrevista realizada em 16 de maio de 2016).

Em conversa com os feirantes, constatei que as mulheres iniciaram suas atividades na feira junto com seus maridos ou sozinhas. Dona Carmem, de 67 anos e seu marido Alfredo de 74 anos, por exemplo, trabalham há mais de trinta anos com o plantio de verduras e legumes, fazendo deste a principal atividade econômica da família. Durante muito tempo venderam por



atacado. Com o surgimento da feira, optaram por reduzir o plantio e realizar as vendas duas vezes por semana na feira, visto que não dependeriam de intermediários para comercializarem. Ao serem questionados sobre quem começou a vender na feira, Dona Carmem faz questão de ressaltar que sempre trabalharam juntos, desde o dia em que se casaram. Na feira não foi diferente, enfatiza que dificilmente um vai à feira sem a companhia do outro.

Em outros casos, partiu das mulheres a iniciativa de comercialização na *Feirinha de Camobi*. Antes de convencerem seus maridos a acompanhá-las, fizeram feira sem a presença dos mesmos por um longo período de tempo. Dona Margarida é uma das mulheres que participa das atividades desde o primeiro dia. Ao falar sobre sua trajetória como feirante, lembra como fazia a feira sozinha, deixando em evidência as dificuldades e os desafios enfrentados, sobretudo com o deslocamento.

Era um momento de muito sacrifício, visto que dependia da carona de outros feirantes para chegar à cidade ou precisava dormir fora de casa para poder comercializar seus produtos na *Feirinha de Camobi*, pois residia longe dela. O retorno para casa constituía a pior parte do seu dia, pois a carona a deixava longe de sua residência, precisando caminhar um longo trecho para chegar. Além do mais, não disponibilizava de uma grande variedade de produtos, basicamente eram salgadinhos e bolachas que conseguia fazer em meio a correria do dia a dia, produtos que não tinham boa saída se comparados às verduras. O pouco movimento de pessoas também desmotivava, uma vez que a população ainda não estava habituada com a presença de uma feira no bairro, fazendo com que os feirantes retornassem para casa com grande parte da sua produção.

Em casa, se deparava com o trabalho doméstico lhe esperando, além das atividades que envolvia o plantio do fumo que constituía a principal fonte de renda da família. Apesar das dificuldades, que acabaram resultando na desistência de muitos feirantes, Dona Margarida lembra, com orgulho, de sua persistência, pois foi com o dinheiro da feira que conseguiu adquirir muitos dos eletrodomésticos que possui, inclusive, lembra com entusiasmo: “a primeira compra foi uma máquina de lavar, foi a primeira compra com o dinheiro da feira. Eu consegui!” (Entrevista realizada em 09 de abril de 2013).

Foi diante desse contexto, que Dona Margarida viu na *Feirinha de Camobi* uma alternativa para o marido deixar a cultura do fumo e se dedicar às atividades da feira. Enquanto o marido não abandonava o plantio do fumo, ela continuou indo para a feira em meio às condições precárias de trabalho. Precisava assegurar seu lugar na feira, pois logo que foi implantada, havia no regulamento da feira a cláusula que os feirantes deveriam se comprometer

a vender nos dias de feira, caso se ausentassem mais de três vezes consecutivas perderiam “o ponto”.

Sobre o porquê da insistência para que Seu Olinto deixasse o cultivo do fumo, rememora que além da preocupação com questões referentes à saúde, o fumo demandava muitas horas de trabalho e não oferecia um retorno financeiro satisfatório. Nas palavras de Dona Margarida:

Não via futuro nenhum e para mim estava me fazendo mal, não suportava aquele cheiro, fazia mal. Quando trabalhava no fumo eu ficava ruim, não dormia direito de noite. Na estufa mesmo me dava tosse, eu não conseguia, ficava com aquele “ xiu” no peito, do cheiro forte e era sempre assim como é, que eu vou te dizer, por exemplo, assim faz o pedido para safra lá é vamos dizer que é R\$5.000 aí tu mandava, mandava, mandava fumo e depois mais uns empréstimos até chegar a safra, quando iria fazer o cálculo... como diz o outro, fica pó na mão, não tem mais nada vai tudo em despesa (Entrevista realizada em 09 de abril de 2013).

Perante a insistência de Dona Margarida, Seu Olinto deixou de plantar fumo e passou a se dedicar a outras atividades, sobretudo à produção de verduras e legumes, em suas palavras “a horta”. Apesar de considerar as atividades da *Feirinha de Camobi* como trabalhosa, uma vez que necessita de uma constante dedicação, Seu Olinto considera a maior vantagem da feira o trabalho livre de agrotóxicos. Atualmente, com entusiasmo, conta que praticamente todos os produtos que comercializa na feira são originários de sua horta. Faz questão de salientar que é ele quem planta, agregando valor a sua produção.

Outro exemplo, é o de Dona Maria, 54 anos, que assim como Dona Margarida, está presente desde as primeiras feiras. Dona Maria, e seu marido, Antônio de 53 anos, sempre obtiveram como atividade principal a venda de verduras por atacado, onde os compradores buscavam em suas propriedades e depois revendiam para estabelecimentos comerciais, como mercados, restaurantes e fruteiras. Além disso, para complementar a renda, Seu Antônio, duas a três vezes por semana, passava de charrete em determinados lugares específicos do bairro Camobi, e disponibilizava seus produtos para a população.

Quando Dona Maria optou por comercializar os produtos na *Feirinha de Camobi*, com o intuito de aumentar a renda da família, também enfrentou muitos obstáculos com o deslocamento. Inicialmente, aproveitava a carona do marido que seguia de charrete carregada com verduras para vender na cidade. O mesmo acontecia após o término da feira. Por volta do meio dia, Seu Antônio conduzia sua charrete até o local da feira onde estava Dona Maria, carregava as caixas com as sobras dos produtos e voltavam para casa.

No entanto, a “carona” não durou muito tempo, pois Seu Antônio deixou de comercializar seus produtos na cidade, devido à falta de retorno financeiro ocasionada pela escassez de clientes e das dificuldades enfrentada com o meio de transporte utilizado, a charrete. Apesar da desistência do marido, Dona Maria deu continuidade às atividades da *Feirinha de Camobi*, passando a pagar para os feirantes que também comercializavam seus produtos nesta feira e em outras da cidade para trazerem-na. No relato de Dona Maria: “Eu pagava para me levar. Me levavam de manhã e de meio dia, eles vinham da feira (...) passavam e me pegavam. Muitos anos fizeram isso e de quarta-feira me levava de manhã, ajudavam a montar a barraca e de tarde ia com o Francisco embora, muitos e muitos anos” (Entrevista realizada em 31 de outubro de 2016).

Como Seu Antônio parou de trabalhar com sua charrete, Dona Maria, relata que quando saía para vender na feira, era o marido quem ficava com os filhos pequenos: “Ele ficava em casa, eu ia para feira e ele ficava em casa. Agora que estão tudo grande, marmanjos, que ficam em casa, mas antigamente...”. Além disso, acrescenta que quando os filhos ficaram maiores, costumava levar um dos filhos homens para acompanhá-la na *Feirinha de Camobi*, uma vez que acordava muito cedo (antes de amanhecer o dia), e se sentia segura ao levá-lo junto. Sua filha mulher ficava em casa, encarregada das tarefas domésticas:

Quando tinha milho (...) o Maicon [**filho**] vinha descascar comigo de sábado, ele pegava a bicicleta e ia descascar, depois do acidente não foi mais quis ir descascar milho comigo (...) era só de sábado. E a Isabela [**filha**] já estava grandinha, já fazia o serviço. E quando eram mais grandinhos, a gente ia para a feira e deixavam dormindo, quando eles acordavam, o Maicon fazia o serviço de casa, que o Maicon sempre gostou e Isabela fazia café, almoço. A gente tinha fogão a lenha, então era fácil, também tinha o fogão a gás para fazer. Então nunca foi difícil, era uma manhã, não era dois, três dias né (Entrevista realizada em 31 de outubro de 2016).

A partir da fala de Dona Maria, percebe-se necessidade de questionar aspectos referentes a determinadas “verdades” sobre a organização familiar do trabalho camponês, da divisão sexual do trabalho, onde a mulher rural sempre esteve ligada ao espaço privado, às tarefas domésticas e cuidado dos filhos, enquanto o homem ao espaço público. Outro aspecto interessante observado na fala de Dona Maria, diz respeito ao fato do filho ter apreço pelos trabalhos considerados como doméstico, do trato dos animais, das tarefas do “quintal”, definidas como sendo femininas, ao invés de ajudar na feira.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a inserção de Dona Maria em uma atividade econômica fora de casa desencadeou algumas mudanças na relação com o marido e com a

família. Embora se ausentasse do lar apenas duas vezes na semana, deixou de se dedicar exclusivamente às tarefas domésticas e ao cuidado dos filhos, passando a frequentar um espaço público e de comércio, a feira.

Seu Antônio passou a comercializar na *Feirinha de Camobi* junto com Dona Maria quando conseguiram comprar uma caminhonete. Utilizada para transportar os produtos, este meio de transporte ocasionou certa autonomia para o casal, principalmente para Dona Maria que não precisou mais pagar pela carona dos demais feirantes. Desde então, ela e Seu Antônio passaram a realizar a feira juntos nas quartas-feiras e sábados pela manhã.

Porém, com os passar dos anos, Dona Maria desenvolveu graves problemas de saúde, ficando afastada da feira durante um tempo. Nesse período, Seu Antônio passou a comercializar com a ajuda de sua filha. No entanto, deixou de comercializar nas quartas-feiras, indo somente no sábado. Segundo Dona Maria, seu marido abandonou a feira nas quartas-feiras pois sua saúde frágil não permitiu que continuasse e Seu Antônio também não se dispôs a prosseguir com a atividade nos dois dias, uma vez que as pessoas já estavam habituadas em comprar com ela e outras não conheciam seu marido, dificultando as vendas. Esse fato demonstra que embora Seu Antônio comercialize na feira junto com a esposa, os clientes a identificam como sendo responsável pela banca, já que por muitos anos ela fez feira sozinha.

Outro aspecto interessante que diz respeito ao casal, é a forma como Dona Maria vê o trabalho masculino na feira. Enquanto relatava o fato acima, ela conta que a alguns anos atrás, quando comercializava sem a ajuda do marido, seu irmão a ajudou com as atividades da feira, mas reclama que, assim como Seu Antônio, não ajudava muito: “Ia meu irmão ajudar, alcançava sacola e tudo, mas na hora de fazer conta e tudo perguntava para mim, homens...” (Entrevista realizada em 31 de outubro de 2016).

No decorrer dos anos, Seu Antônio retornou a comercializar seus produtos em pontos específicos do bairro Camobi, deixando as atividades da *Feirinha de Camobi* sob os cuidados de Dona Maria. Hoje, ele chega com a esposa antes das seis horas da manhã, juntos erguem a barraca, estendem a lona, descarregam as caixas e expõem seus produtos. Quando está tudo organizado, Seu Antônio segue com o restante dos produtos para comerciar em outro ponto do bairro, retomando por volta das dez horas da manhã para auxiliar a mulher na feira. Os produtos que o marido leva para vender são os mesmos que a esposa comercializa na feira, apenas em menor quantidade, visto que o movimento é fraco se comparado ao fluxo de pessoas que passa pela feira.

Além destes casos, pode-se citar o da banca de Márcia, 39 anos casada com Seu Pedro de 46 anos, que iniciou as atividades na feira por intermédio dos pais. Márcia é a filha mais nova de Dona Margarida e Seu Olinto, assim como a irmã, deixou o meio rural para ir em busca de novas oportunidades na cidade onde conheceu Pedro. No entanto, diante das dificuldades enfrentadas, uma vez que trabalhava como caixa de supermercado e o marido como motorista de ônibus e entregador, com a ajuda dos pais que já comercializavam neste espaço, começaram a se dedicar as atividades da *Feirinha de Camobi*, vendendo pastéis e salgados.

Por serem fritos no ato da compra, as atividades da feira ocasionavam uma sobrecarga de trabalho para Márcia, visto que o marido continuava com as entregas de refeições no final da manhã, deixando a banca sob gerenciamento da esposa. Diante das dificuldades, optaram por deixar de comercializar estes produtos para se dedicar sobretudo as verduras, legumes e frutas, permanecendo até os dias atuais.

Durante as últimas visitas à feira, Dona Márcia estava afastada das atividades da feira, devido à maternidade. Atualmente, com o bebê de aproximadamente um ano, voltou a frequentá-la de forma esporádica, mas apesar das restrições impostas pelo ato de ser mãe, Márcia não deixou de executar por completo suas atividades na feira. Em meio a pesquisa de campo, observei que trazia o cercado da filha e aproveitava o entretenimento da filha para realizar o atendimento aos clientes. Quando não podia comparecer à *Feirinha de Camobi*, Seu Pedro contava com a ajuda da filha mais velha.

A filha adolescente de Márcia e Seu Pedro ajuda na feira todos os sábados e nas quartas-feiras, quando não necessita ir à escola, pois atualmente está matriculada no ensino fundamental. Quando comecei a frequentar a *Feirinha de Camobi* como pesquisadora, essa, por ser ainda criança, auxiliava eventualmente. Como seus pais vinham para a feira nos sábados e não era dia letivo, acompanhava-os, mas sem o comprometimento de ajudar. Hoje, já adolescente, executa atividades que envolvam contato direto com os clientes, como a venda de produtos, auxílio na organização da banca, umedecimento das verduras, ensacamento do feijão ou reposição daquilo que está em falta. Todavia, sempre que possível, os pais, mostram para a filha a importância de estudar e ter uma “profissão”. Não raras vezes me usavam como exemplo para motivá-la a seguir com os estudos.

As filhas costumam ajudar os pais com as atividades da feira, seja de forma direta ou indireta. Quando Dona Maria teve problemas de saúde, sua filha foi quem ajudou o pai na feira, mesmo tendo dois irmãos homens. Hoje, apesar da recuperação e a volta da mãe para a

*Feirinha de Camobi*, continua a elaborar panificados para serem vendidos na feira. Além da ajuda empregada na venda dos produtos, auxilia em casa, no trabalho doméstico e na lavoura. Apesar do comprometimento com as atividades da feira e em ajudar a família, em conversa com Isabela, filha de Dona Maria, é possível perceber que não existe o interesse em seguir a profissão dos pais, pelo contrário, deseja seguir com os estudos e deixar o meio rural para trabalhar na cidade, pois não tem perspectivas profissionais e motivação para permanecer neste espaço. O mesmo se observa com as filhas de Seu Jorge que, embora ajudem de forma esporádica o pai com as atividades da feira, ambas se dedicam a carreira acadêmica e estudam para obterem aprovação em concursos públicos.

Em estudos realizados com jovens rurais e que tratam da dinâmica sucessória no meio rural, como os realizados por Stropasolas (2002), Spanevello (2008) e Weishemer (2009), é possível encontrar uma série de fatores responsáveis pelo abandono do meio rural pelos jovens, sobretudo pelas mulheres. Em síntese, Brumer (2004) elenca alguns fatores responsáveis pela acentuada migração rural-urbana de moças em relação aos rapazes na agricultura do Rio Grande do Sul. Entre eles, cita a forma como ocorre a divisão do trabalho, dado que o homem é responsável pelas atividades agrícolas e a mulher às tarefas da casa. Embora ela trabalhe nas atividades agrícolas, seu trabalho sempre é visto como “ajuda”. Além disso, as mulheres geralmente ficam excluídas no processo da herança da terra, enquanto ao homem cabe a chefia dos estabelecimentos comerciais e na comercialização dos produtos.

Em uma pesquisa desenvolvida junto aos jovens agricultores do bairro Escadinhas, no município de Feliz/RS, Weisheimer (2005) constata que o estudo é um elemento importante para a formulação dos projetos pessoais dos jovens, sobretudo, das mulheres. Estudar é visto como a principal via de acesso para o trabalho não agrícola e tido por grande parte das moças como uma possibilidade de realização pessoal e profissional, o que não envolve apenas uma remuneração, mas o reconhecimento do trabalho por elas realizados. Além disso, os pais costumam incentivar as filhas a estudar, pois o estudo é uma forma de prepará-las como força de trabalho não-agrícola, “já que pela maneira de proceder de seus pais não estão reservadas às filhas mulheres o papel de sucessoras dos pais na administração da unidade produtiva” (p. 16). O autor demonstra ainda, as visões dos jovens acerca do trabalho agrícola, “expressões como o “trabalho forçado”, “judiado”, “pesado”, “difícil” são frequentemente utilizadas por eles para descrevê-lo. Suas falas remetem, no conjunto, a uma visão negativa sobre o trabalho agrícola” (ibidem, p. 17).

Corroborando essa visão, Marin (2015, p.117) buscando compreender os processos de socialização proporcionados pela participação de jovens rurais em feiras de Santa Maria/RS, assinala que, “os estudos são percebidos, tanto pelas jovens como pelos pais, como um caminho que conduz à superação da vida de “sacrifícios” dos pais materializada no trabalho contínuo de produzir e comercializar na feira”. Ademais, “a incorporação no mercado de trabalho, como profissionais de nível superior, com salário, direitos trabalhistas e previdenciários garantidos, serve como contraponto ao trabalho “pesado” dos pais” (MARIN, 2015. loc. cit.).

Nesse sentido, percebe-se que embora ajudem os pais no exercício da feira, seja vendendo, auxiliando na montagem e desmontagem da banca, expondo os produtos, ou ainda, no ambiente doméstico, embalando os produtos, lavando as verduras, elaborando doces e panificados, não manifestam o interesse em dar continuidade as atividades desenvolvidas pelos pais, de serem feirantes. Pelo contrário, veem no estudo, na realização do curso superior, a possibilidade de serem reconhecidas pelo esforço do trabalho.

### **3.3. O papel do homem e da mulher na feira**

*Tu [esposa]quem sabe, eu não sei de nada!*

(Seu Antônio, feirante, 53 anos).

Em pesquisas realizadas no Nordeste do Brasil Garcia (1991), observa que a participação das mulheres não se mostrava como algo uniforme, pelo contrário, estavam ausentes daqueles setores que mais contribuem para dar ao campesinato uma imagem de sua riqueza e prosperidade, como a venda de produtos agrícolas e da venda do gado, inclusive da venda dos animais tradicionalmente criados por elas. As mulheres eram encontradas somente nos setores de venda a varejo e, mesmo assim, distribuídas de maneira muito heterogênea. Era extremamente raro encontrá-las nos setores de produtos alimentares mais nobres, tais como farinha de mandioca, cereais e carne, visto que estas atividades eram consideradas como muito pesadas. Além disso, constatou que as mulheres estavam ausentes em todas as posições em que é necessária a arte de convencer. Também permaneciam distantes de todas as situações em que seriam levadas a se manifestar publicamente de maneira mais audaciosa.

Em contrapartida, na feira em estudo, as mulheres além de estarem presentes em praticamente todas as bancas, independentemente do produto comercializado e dividindo a banca com seus companheiros ou familiares, inúmeras vezes pude presenciar as mulheres realizando atividades com um elevado grau de persuasão. Os resultados da pesquisa de campo demonstram que as mulheres têm mais facilidade de convencimento para vender.

A relação que as mulheres estabelecem com os clientes durante a venda dos produtos consiste em uma importante ferramenta para fortalecer os canais de comercialização. Elas fazem questão de mostrar para seus clientes que seu produto é superior aos demais em termos de qualidade e sabor. Enfatizam sempre que possível as características dos produtos, como: “a laranja é doce, a mandioca cozinha, a rúcula é nova, o queijo tem pouco sal”. Fazem questão de relatar como o produto que foi produzido, o modo de preparo, o tempo envolvido, os ingredientes utilizados. Frisam a utilização de ingredientes mais naturais, como o “leite da vaca”, o “ovo da colônia” e o fermento caseiro feito à base de farinha ou batata. Apresentam também estratégias de venda, como o de oferecer uma prova de seus produtos para os clientes degustarem antes de comprar<sup>27</sup>.

Em relação às frutas e verduras não é diferente. As mulheres participam desde o período de plantio, dos insumos utilizados até seus mais variados saberes e crenças da natureza, como a melhor lua para semear e mudar as verduras. Da mesma forma, costumam trocar receitas culinárias, diferentes variedades de plantas e grãos. Por vezes os clientes não possuem conhecimento sobre determinada variedade de determinado produto, mas resolvem levar para casa após perguntarem para as feirantes a forma que elas costumam prepará-los. Cabe ressaltar, que embora não se configure como regra “o diálogo sobre processos de elaboração de alimentos era algo que se processava majoritariamente de mulher para mulher, ou seja, entre a feirante e a cliente e mais dificilmente entre gêneros opostos” (ZANINI; FROELICH, 2015, p.118).

É importante notar que os conhecimentos expressos no momento de negociar determinado produto na feira são de certa maneira, resultado da transposição dos saberes adquiridos no ambiente doméstico destas famílias. É em casa, espaço considerado privado que estas mulheres são condicionadas desde cedo aos afazeres domésticos, ao cuidado do lar e dos membros do grupo doméstico, sendo as responsáveis pela manipulação dos alimentos e das ervas.

---

<sup>27</sup> Embora grande parte dos produtos sejam manufaturados pelas próprias mulheres, há aquelas que complementam suas bancas com produtos feitos sobretudo por vizinhas ou agriculturas da região.



Percebe-se também, a importância dos laços sociais e a capacidade de interação com o outro para manutenção da *Feirinha de Camobi* e dos clientes. Buscando compreender as práticas cotidianas de trabalhadores do comércio de alimentos em feiras livres em Porto Alegre e São Paulo, no Brasil, bem como em *marchés* em Paris, na França, Vedana (2013) observa que o trabalho do feirante está fundamentalmente amparado em suas habilidades de construir laços sociais e promover sociabilidades. Entre os saberes e experiências que conformam o trabalho do feirante, a capacidade de interação com o outro, o jogo social com fregueses e mesmo outros feirantes e a consolidação de vínculos é percebida como fundamental.

O hábito de estender o diálogo e mostrar conhecimento acerca dos produtos faz com que os clientes se dirijam as mulheres primeiramente. Esse comportamento se difere dos homens que tendem a comercializar de uma forma menos intimista e pacienciosa, o que não significa que os homens não realizem atendimentos na *Feirinha de Camobi*, apenas são formas de comércio diferenciadas. Assim, acompanhando a rotina de trabalho destes feirantes, pude observar que as mulheres de forma geral, detém domínio sobre as atividades desenvolvidas na feira, fazendo com que a presença dos maridos em suas atividades, como carregar e descarregar as caixas com os produtos, montar e desmontar a banca, repor os produtos, sejam secundárias se comparadas as executadas por elas.

Além da forma diferenciada de negociação, nota-se que as mulheres costumam ter um comprometimento maior com seus clientes. É possível encontrar em cima das mesas onde ficam expostos os produtos uma caderneta, uma agenda ou um pedaço qualquer de papel. Os mesmos servem para fazer os cálculos das vendas ou anotações de pedidos requisitados pelos clientes, que ficam sob responsabilidade das mulheres. Nota-se que os clientes depositam nas mulheres as responsabilidades pelas encomendas, pois os homens feirantes constantemente se esquecem das requisições. Além disso, as mulheres somente realizam atividades básicas como se alimentar quando não há cliente para atender. Já os homens, se ausentam da feira com maior frequência para atender às suas necessidades, deixando as bancas sob responsabilidade das esposas.

Entre os objetos que os feirantes levam para a realização da *Feirinha de Camobi*, como lona, balança, facas, costumam transportar cadeiras para descansarem, visto que passam muito tempo em pé atendendo os clientes. Todavia, os homens passam mais tempo sentados se comparados ao tempo de suas esposas. Na figura abaixo, é possível identificar algumas das observações que venho enfatizando no decorrer do texto. Nota-se que Dona Maria está próxima à banca a disposição de seus clientes, enquanto que o marido aguarda sentado. É nos grandes

fluxos de pessoas que Seu Antônio costuma ajudar na comercialização, mesmo assim, não raras vezes alcança o dinheiro para a esposa, deixando ela encarregada do troco.

Percebe-se ainda que Dona Maria não pede permissão do marido quando um cliente solicita um desconto no preço de um determinado produto. Isso decorre porque seu marido, Antônio, passa muito tempo ausente na feira, pois como mencionado anteriormente, faz feira com sua camionete em outro ponto do bairro Camobi, o que contribui para que Dona Maria tome muitas das decisões, como fazer o pedido da agropecuária, a negociação dos preços dos produtos com os clientes e outros feirantes. Ressalta-se que mesmo com a presença de seu marido na feira, é Dona Maria que costuma tomar as decisões.



**Imagem 09 - Dona Maria e seu marido Antônio na feira. Tirada em 11 de janeiro de 2017. Fonte: Arquivo Pessoal.**

Como mencionado acima, Seu Antônio costuma alcançar o dinheiro da venda dos produtos para a esposa fazer o troco, apesar de praticamente todos os feirantes disporem de caixinhas de madeira para guardar o dinheiro e facilitar o troco. Observei que são as mulheres que ficam encarregadas das atividades que envolvem o manuseio do dinheiro, principalmente o ato de calcular o valor das compras e realizar a devolução do troco. Alguns homens

apresentam uma dificuldade maior, outros apenas deixam as mulheres encarregadas dessa parte.

Enquanto conversava com Dona Carmem e o marido, Seu Alfredo, sobre o início das atividades na *Feirinha de Camobi*, Dona Carmem esclarece que foram raras as vezes em que o marido precisou fazer feira sozinho, como no dia em que precisou se submeter a uma cirurgia e seu marido precisou se “virar”, pois, “ele não gosta muito de fazer troco, não tem muita prática, daí eu tenho que fazer (...) mais sou eu que faz troco. Ele só atende, quando tem que cobrar sou eu. Ele até cobra, mas aí me alcança o dinheiro e eu faço o troco” (Entrevista realizada em 16 de novembro de 2016).

Em contrapartida, enquanto conversava com Dona Verônica, que comercializa na companhia do filho, percebi que no momento de finalizar a venda de um determinado produto, teve dificuldade de fechar o valor, pois seu filho que a ajuda na feira, havia saído para ir à farmácia. Ao questioná-la sobre o uso da calculadora, esclarece: “mas eu nem sei mexer, só o guri (filho) quem sabe, eu não sei (...) muitos senhores que vem aqui, mando eles fazerem as contas” (Entrevista realizada em 05 de novembro de 2016).

Cabe salientar ainda, que alguns homens comercializam sozinhos, mas é visível que muitos de seus produtos são preparados pelas esposas. Isso pode ser constatado em conversa com Seu Jorge, que atualmente frequenta a feira sozinho. Ao perguntar sobre a origem dos produtos, faz questão de frisar que são “quase todos caseiros”, isto é, feito em casa. Quanto a origem das bolachas e dos doces, ressalta que são elaboradas pela esposa e filha. Esclarece que ambas não costumam frequentar a feira, devido à falta de espaço na caminhonete. Em suas palavras:

É que não tem jeito delas virem hoje, as vezes no sábado elas vem. Por que o espaço do carro, lá só cabe uma e elas são em duas, então tem que vir aqui atrás (se refere a cabine da caminhonete) é complicado (...) Só que agora complicou, agora estou sozinho, o espaço, mas eu me viro sozinho, mas quando tem necessidade de vir, ela vem, a gente aperta um pouco. Mas agora no sábado é complicado para mim (...) tem horas aqui que tá louco. Tem que se virar nos trinta (Entrevista realizada em 25 de maio de 2016).

Como vem sendo observado no decorrer do texto, as mulheres são responsáveis pelas atividades que envolvem a venda dos produtos, se dedicando aos seus clientes. A figura masculina se sobressai nas tarefas consideradas “pesadas”. Na montagem das bancas, no carregamento das mesas, ao erguer a barraca, carregar e descarregar as caixas com os produtos. Todavia, as mulheres não se ausentam, pelo contrário, participam de todo o processo de montagem e desmontagem, conforme demonstrado na imagem abaixo.



**Imagem 10- Dona Maria guardando as vigas que sustentam a barraca. Tirada em 30 outubro de 2016.  
Fonte: Arquivo Pessoal.**

Além do mais, por residirem no meio rural, a realização da feira é uma das oportunidades de resolverem suas pendencias na cidade. Os homens aproveitam para passar na farmácia, agropecuária, entres outros estabelecimentos. As mulheres costumam estar à frente das atividades que envolvem o ato de vender. Embora a realização destas atividades pelos homens não seja caracterizada como regra, na maioria dos casos os homens ficam encarregados de resolver os problemas fora dela.

### 3.4. “Ele não gosta de ficar parado, gosta de estar sempre sapateando”<sup>28</sup>”

Ainda na graduação, pude acompanhar uma entrevista realizada<sup>29</sup> com uma senhora feirante chamada Amélia, que com a ajuda da filha e do genro, fazia pães, bolachas, cucas, embutidos, entre outros produtos que comprava dos agricultores da região para vender na feira. Sempre sorridente, era filha de agricultores, viúva e mãe de duas filhas já adultas e havia se aposentado como doméstica.

Dona Amélia faz parte do grupo de feirantes que deram início à *Feirinha de Camobi*. Infelizmente, em meio a minha mudança para o Rio de Janeiro para o curso de mestrado, ela veio a falecer, mas deixou gravada seu apreço pela vida e pela feira. Em seu relato, a feira significava um local de lazer, de encontros, de realização pessoas:

Eu me sinto tão satisfeita em ir para a feira, eu me sinto assim uma pessoa realizada naquilo que eu faço, eu me sinto assim óh.... Que esses dias eu estava dizendo para as gurias **[filhas]** por que eu andava ruim, estava com vontade de deixar. Eu seria hipócrita se dissesse que o dinheirinho não me ajuda, me ajuda muito, mas a satisfação das pessoas eu ver as pessoas, as pessoas virem conversar comigo [...] aquilo para mim é uma vida, é um remédio (Entrevista realizada em dia 21 de janeiro de 2014).

Tanto para as mulheres como para os homens, a feira não significa apenas um trabalho, mas um espaço de lazer, de convivência, de relacionamentos e de trocas. É em meio as negociações que trocam diálogos que vão além dos que o preço de seus produtos. Trocam ideias, experiências e histórias de vida. No entanto, a sociabilidade entre homens e mulheres é exercida de formas diferentes.

Não raras vezes quando circulava pela feira, encontrava os homens em outras bancas, conversando com os demais feirantes, ou ainda, interagindo com os clientes, conforme demonstrado nas imagens 11 e 12.

---

<sup>28</sup> Fragmento do diário de campo, dia 21 de outubro de 2016.

<sup>29</sup> Entrevista pertencente ao projeto Na Feira: Produção, Distribuição e Consumo entre Agricultores Feirantes na Região Central do Rio Grande do Sul. Realizada em 23 de outubro de 2013.





**Imagem 11 - Feirantes socializando. Tirada em 14 de novembro de 2016. Fonte: Arquivo Pessoal**



**Imagem 12 – Feirante interagindo com clientes no corredor na feira. Tirada em 14 de novembro de 2016. Fonte: Arquivo Pessoal**

Esse fato, não se apresenta as mulheres feirantes, que raramente se ausentam de suas bancas. Os casos que pude perceber a presença de mulheres feirantes, em outras bancas, era quando estavam indo embora e precisavam garantir produtos para o consumo em casa. No entanto, observei que os maridos costumam, a mando das esposas, fazer as compras na feira, uma vez que as mesmas não se ausentam da banca. Esse fato contribui para a circulação dos homens pela feira.

Ao contrário dos maridos que costumam sair dos arredores da banca para interagir com outros feirantes e com as demais pessoas que frequentam o espaço da feira, as mulheres aproveitam para socializar, trocar experiências de vida enquanto negociam seus produtos. Todavia, existem aqueles clientes que as procuram exclusivamente para conversar, entre uma venda e outra. Esse fato pode ser observado na fala de uma cliente: “Não vim comprar nada. Passei para um beijo na Dona Margarida”.

Outra questão a ser colocada, diz respeito ao modo como ocorre as interações. Como já mencionado em outro momento, a *Feirinha de Camobi* pode ser considerado uma feira silenciosa, dificilmente os feirantes interpelam os clientes aumentando o tom de voz, gritando, mas por meio de piadas e trocadilhos. Contudo, sempre que me aproximava da banca de Dona Maria, era alvo de suas piadas. Quando chegava na feira mais tarde do que o costume indagava: “dormiu mais que a cama?” ou quando chegava mais cedo: “caiu da cama, foi?”. O mesmo é evidente na relação de Dona Maria com seus clientes. Uma pergunta muito comum de se fazer antes dos clientes comprarem mandioca é saber se cozinha bem. Sempre quando questionada sobre o cozimento das mandiocas, Dona Maria, responde: “Se tiver fogo cozinha”! Quando cliente pergunta sobre a variedade da alface, indaga: “Não, é paraguaia”. Ou ainda, quando algum cliente esquece as compras em cima da mesa: “ não adianta pagar e não levar”.

Diante desse contexto, pode-se concluir que uma das motivações para a realização da *Feirinha de Camobi* pelas mulheres, diz respeito à oportunidade de obter ou complementar a renda da família. Além disso, encontraram na feira uma possibilidade de socializar, interagir, trocar saberes e vivências com os mais variados públicos.

Ficou evidente que a atuação da mulher na *Feirinha de Camobi* não pode ser resumida como sendo secundária ao trabalho masculino. Pelo contrário, desempenham um papel de destaque, constituindo um dos alicerces para a manutenção e funcionamento deste espaço de comércio. São responsáveis pela produção e comercialização de grande parte dos produtos nela comercializados. Quando os clientes se aproximam das bancas, se dirigem primeiramente às mulheres, não por questões de educação, mas por enxergá-las como as “donas das bancas”.

\*\*\*

Foi demonstrado neste capítulo que existe um forte protagonismo feminino na consolidação da *Feirinha de Camobi* e na execução das atividades que vem sendo desenvolvidas neste espaço. Embora os homens desempenhem papéis importantes, são as mulheres que ficam encarregadas da venda dos produtos, de anotar as encomendas e sanar as frequentes dúvidas dos clientes acerca dos produtos comercializados, sobretudo sobre os modos de fazer. Constatou-se que os homens transitam entre as bancas com maior frequência, demonstrando uma sociabilidade diferenciada das mulheres que tendem a permanecer nestas, o que demonstra também um maior comprometimento com seus clientes.



## TERCEIRO CAPÍTULO

### RELAÇÕES DE GÊNERO NO CONTEXTO DOMÉSTICO



## Um Novo Campo: Alguns dilemas da pesquisa

*A caminhada da pesquisa é sempre difícil, sujeita a muitas quedas.*

(Cardoso de Oliveira, 1996, p. 14)

Ao longo desta dissertação venho buscando elucidar como a *Feirinha de Camobi* interfere nas relações de gênero. No decorrer da escrita elucidei o protagonismo feminino na consolidação e manutenção da feira. Observei que muitas destas mulheres iniciaram as atividades na feira sozinhas, sem a presença dos maridos, que posteriormente passaram a frequentar este espaço por incentivo das esposas. O protagonismo também se evidenciou nas atividades desenvolvidas na feira, no ato de comercializar os produtos, como na forma de interagir com os clientes. Além disso, é na feira que encontram uma possibilidade de socializar e trocar experiências.

Através das observações aqui desenvolvidas, a *Feirinha de Camobi* pode ser considerada um espaço de atuação para essas mulheres, um local onde podem comercializar e interagir com os mais variados públicos. Todavia, para poder sustentar este argumento e compreender como ela interfere nas relações de gênero, faz-se necessário ampliar o grau de complexidade das observações. Seria equivocado dizer que as mulheres feirantes ocupam uma posição de destaque na feira, e por este motivo sua presença representa uma mudança significativa nas relações de gênero sem considerar as relações que se estabelecem no espaço íntimo destes trabalhadores, a casa. Conforme observou Carneiro (2008), em uma comunidade de pequenos produtores rurais chamada por ela de Colônia, a casa do pequeno produtor é um espaço socialmente ocupado, pois nela reside a família e a força de trabalho empregada na roça. Isto é, “as relações de parentesco, obrigações e direitos entre pais/filhos, irmãos, marido/mulher, transcendem o espaço da casa indo também organizar as relações de trabalho” (p. 13).

Nesse sentido, para apreender as complexidades que envolvem esse grupo social de feirantes e sobretudo as relações de gênero, é crucial atentar para relações que se estabelecem no interior da unidade familiar. Carneiro (1996), em outro estudo, realizado entre pequenos agricultores de uma aldeia dos Alpes no sudeste da França, observa que para entender as relações sociais de gênero e em particular a situação da mulher na sociedade rural francesa era preciso ter clareza sobre o tipo de organização social que se estabelece em torno da produção

agrícola. Segundo a autora, a família não deve ser entendida somente como um grupo socialmente estruturado segundo as condições históricas e culturais que a envolvem. É preciso “considerar o conjunto de valores que orientam e dão sentido as práticas sociais já que a família reúne indivíduos através de uma rede de relações que inclui como toda relação social uma parte ideal de pensamento ou se quisermos de representação” (CARNEIRO, 1996, p. 339). Nessa perspectiva, um estudo “das relações sociais de gênero dentro ou fora do grupo familiar deve contemplar dois aspectos de um lado as relações entre os indivíduos e de outro as representações e os valores que dão sentido a essas relações” (CARNEIRO, 1996, loc. cit.).

A escolha das famílias por mim observadas se deu pela relação de confiança mútua estabelecida ao longo da pesquisa, principalmente com os dois casais de feirantes que me acolheram desde o início da pesquisa. Muitas famílias não se mostraram solícitas com o trabalho e conseqüentemente com a minha presença em suas residências, pois estavam habituados comigo na feira, acompanhando suas atividades, mas a necessidade de uma aproximação mais íntima ainda não havia sido cogitada.

O receio de não conseguir fazer a inserção no ambiente doméstico dessas famílias era grande. Da mesma maneira que se mostravam desconfortáveis quando perguntava se as entrevistas poderiam ser gravadas, a expressão de dúvida ficava estampada em suas faces quando mencionada uma possível visita. Embora reiterasse as intenções e a importância da pesquisa, na maioria dos casos, a desconfiança acabava sobressaindo às minhas explicações. Quando cogitava o interesse em acompanhar as atividades que antecediam os dias de feira ou realizar uma simples visita para conhecer suas propriedades, faziam questão de ressaltar que estariam ocupados com a preparação da feira e não poderiam me dar atenção, alegavam que moravam longe ou que não sabiam se estariam em casa para me receber.

É interessante ressaltar que quando me oferecia para visitá-los, embora direcionasse o olhar para o casal, as mulheres esperavam uma iniciativa dos maridos ou o consentimento dos mesmos. Esse fato pode ser levado como um indicativo de que o homem é a figura de autoridade familiar, responsável pelas decisões que envolvem os interesses da unidade familiar e as relações com o mundo externo a esse núcleo.

Diante de tais circunstâncias e com o objetivo de não ocasionar nenhum mal-estar com os feirantes, optei por explorar o diálogo em dias de feira. Eram em conversas sobre fatos cotidianos, acontecimentos diários, que a realidade destes atores sociais se mostrava com naturalidade. Em conformidade com o capítulo anterior, a maior parte dos dados foi coletada

a partir da convivência e das observações junto ao grupo pesquisado, isto é, no espaço da *Feirinha de Camobi*.

Nesse sentido, saliento que alguns dos objetivos colocados no projeto de pesquisa foram parcialmente atendidos, devido ao fato de que almejava visitar um número maior de resistências do que realmente tive acesso. Foi possível acompanhar apenas quatro famílias de feirantes, aquelas com quem já mantinha uma relação mais próxima. Esses feirantes sempre fizeram questão que eu conhecesse suas rotinas de trabalho, vez ou outra me convidavam para festas de aniversários, tomar um chimarrão ou fazer uma visita de cortesia. Com esses a pesquisa deixou de ser o principal e único vínculo que nos unia, ultrapassando para uma relação mais íntima e duradoura. Quanto a uma relação “mais íntima e duradoura”, me refiro ao fato de frequentar a casa destes feirantes sem o propósito de sanar meus objetivos acadêmicos, mas devido a amizade construída ao longo dos anos. Sempre que possível, procuro manter contato, visitando-os na feira ou em suas residências, visto que o convite se estende até os dias atuais.

Destaco que optei pelo não uso da câmera fotográfica como ferramenta de pesquisa no ambiente doméstico destas famílias. Apesar da proximidade instaurada com estes feirantes, aparentavam desconfortáveis com a presença da câmera. Assim, os retratos obtidos foram das propriedades ou dos arredores da casa.

Ainda é pertinente destacar que tive a oportunidade de frequentar a residência de um quarto casal de feirantes que gentilmente concederam uma entrevista. Esta entrevista aconteceu devido à proximidade de sua residência com a dos meus interlocutores e dos laços de parentesco que os unia, visto que eram irmãos. Pode-se dizer que a relação construída com meus interlocutores contribuiu para que me aproximasse, pois não mantinha uma relação próxima com este quarto casal, poucas vezes se mostraram confortáveis com a minha presença na *Feirinha de Camobi*. Apesar de ter percebido um certo desconforto, seguido de um olhar receoso, foram receptivos e muito solícitos com a pesquisa.

Estes elementos, o de proximidade com meus interlocutores e o vínculo familiar entre eles possibilitaram que eu observasse a rotina de trabalho da filha de um dos meus informantes que, junto com o marido, também fazia feira e morava próxima à residência do pai, mais precisamente, na casa ao lado.

Ademais, as propriedades rurais se localizavam longe umas das outras e o transporte público era escasso nessas áreas, fazendo com que dependesse da carona dos feirantes para chegar nas residências. Em alguns casos precisava passar a noite na localidade. Em um

primeiro momento essa situação me pareceu problemática, mas acabou por facilitar a observação do cotidiano doméstico, particularmente as relações entre o marido e a esposa.

Dessa maneira, das quatro famílias que observei, em duas delas dormi em suas residências. Na primeira família que me acolheu, na qual realizei mais de uma visita, totalizando duas noites, mais especificamente, dois finais de semana, a escolha por permanecer no local se deu pela insistência dos membros da família, sobretudo, da esposa, que já havia me convidado a conhecer a propriedade da família, antes mesmo do início da pesquisa. Na segunda unidade familiar, passei apenas uma noite, movida pelas dificuldades com o deslocamento e pela hospitalidade oferecida. O grau de intimidade permitiu que eu entendesse melhor as relações que se estabeleciam em torno da família, não apenas nas atividades que eram vinculadas a feira, mas aquelas que envolviam os acontecimentos mais íntimos. Procurei atentar para os acontecimentos dentro do lar, desde o preparo da janta até a hora de deitar.

Era na hora das refeições, no final da tarde, quando se reuniam para tomar o tradicional chimarrão ou quando sentavam no sofá para acompanhar a novela, que conseguia estreitar os laços afetivos com os feirantes e com todos os membros da família. Quando passava o final de semana na companhia dos feirantes, interagia com seus filhos, acompanhando suas atividades cotidianas e seus momentos de lazer, como nos domingos chuvosos que a prática de jogar cartas era extremamente comum e mobilizava toda família em volta da mesa. Cabe salientar, que a proximidade com os filhos foi facilitada devido a minha idade ser próxima a deles e por compartilhar experiências semelhantes, como caso da filha de umas das minhas interlocutoras, que solicitou a minha ajuda para atualizar seu currículo acadêmico, visto que estava concluindo o curso superior em administração ou ainda, jogar cartas constituía uma prática familiar, pois fez parte da minha socialização.

Estas situações facilitaram consideravelmente as observações da realidade destes agricultores feirantes. Além disso, foi possível perceber como as atividades entre marido, esposa e filho acontecia nos dias que não estavam envolvidos com as atividades na feira, no dia considerados de descanso, o domingo. Esse fato, por exemplo, permitiu concluir que o “descanso” constituía em não desempenhar atividades na lavoura, pois era o dia que toda família costumava se reunir. Todavia, as mulheres não deixavam de realizar atividades domésticas, como limpar a casa, preparar o almoço e tratar os animais e tirar o leite da vaca.

Os feirantes também aproveitavam estes momentos para obterem informações mais precisas sobre minha vida, principalmente acerca da minha família, que muitas vezes parecia um pequeno interrogatório. Para Salem (1978) estaria ocorrendo uma inversão de papéis, onde

o pesquisado estaria buscando pontos de afinidade com o pesquisador, afim de situá-lo em seu mundo e através desse procedimento, amenizar sua posição de “invasor”. Nesse caso, deixei a posição de pesquisadora para assumir a de filha de agricultores, ocasionando uma identificação da minha realidade com a dos feirantes.

Apesar da relação de proximidade com estes feirantes, minha presença sempre foi tomada como visita, havendo inicialmente uma resistência em aceitarem minha ajuda nas tarefas por eles executadas. Prontificava-me em ajudar nos afazeres da casa, lavar a louça, varrer o chão, colocar a mesa, bem como aquelas realizadas fora do lar, como o trato dos animais, colher as verduras na horta, tirar o leite, entre outras. Embora reiterassem que não precisavam de ajuda com as tarefas domésticas, as mulheres acabavam aceitando que colaborasse, ao contrário dos homens que faziam questão de enfatizar que o trabalho era “pesado” e poderia vir a me machucar. Entre os trabalhos considerados pesados estavam aqueles que requeriam maior força física como carregar e descarregar as caixas, colher as frutas para feira ou adubar as verduras.

Acerca da definição de trabalho “leve” e “pesado”, Paulilo (1987, p. 07) ressalta que “trabalho leve não significa trabalho agradável, desnecessário ou pouco exigente em termos de tempo ou de esforço. Pode ser estafante, moroso, ou mesmo nocivo à saúde – mas é “leve” se pode ser realizado por mulheres e crianças”. Em outras palavras, “o trabalho é “leve” não por suas próprias características, mas pela posição que seus realizadores ocupam na hierarquia familiar” (PAULILO, 1987, loc. cit.).

A observação da unidade familiar torna-se então um elemento fundamental para compreensão das relações entre os gêneros. Com base nos dados coletados a partir das visitas e convivência com estes feirantes, procurei entender como a *Feirinha de Camobi* interfere nas relações de gênero no ambiente doméstico, atentado para as possíveis mudanças e conflitos que era pode acarretar na esfera familiar.

## 4.2. Divisão sexual do trabalho e Organização familiar camponesa

*Ele [o marido] é neutro dentro da casa, zero. Ele é visita dentro de casa, daquelas visitas assim, só chega, come. É um tal de come e dorme e vai para a lavoura, não atua em nada, zero. E assim, eu tenho que ser a babá, fazer comida, lavar a roupa, empregada gratuita<sup>30</sup>.*

(Dona Margarida, feirante, 63 anos.)

A partir dos dados coletados na convivência com cada casal de feirantes, acompanhando suas atividades em suas residências, tornou-se perceptível a existência de atividades socialmente definidas como masculinas e femininas. Segundo Kergoat (2009, p.67), as “condições que que vivem homens e mulheres não são produtos de um destino biológico, mas são antes de tudo construções sociais. Homens e mulheres não são uma coleção – ou duas coleções – de indivíduos biologicamente distintos”. Nesse sentido, “estão engajados em uma relação social específica: as relações sociais de sexo. Estas, como todas as relações sociais, têm uma base material, no caso o trabalho, e se exprimem através da divisão social do trabalho entre os sexos, chamada, de maneira concisa: divisão sexual do trabalho” (Kergoat, 2009, loc. cit.).

Hirata e Kergoat (2007, p.559) conceituam a divisão sexual do trabalho como sendo a “forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos (...) modulada histórica e socialmente. Além do mais, para a autora, essa forma particular da divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o “princípio de separação”, pois existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres e o “princípio hierárquico”, onde um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher.

Apesar da inegável importância do conceito e dos estudos acerca da divisão sexual do trabalho elaborados pelas autoras acima referidas, faz-se necessário chamar atenção para o contexto de realização de suas pesquisas, visto que partem sobretudo da inserção das mulheres no mercado de trabalho, divisão de tarefas domésticos nas camadas urbanas. Assim, para compreender as relações de gênero no ambiente doméstico dos feirantes, é preciso considerar as especificidades que envolvem a organização familiar camponesa. Afinal, precisamos

---

<sup>30</sup> Entrevista pertencente ao projeto Na Feira: Produção, Distribuição e Consumo entre Agricultores Feirantes na Região Central do Rio Grande do Sul. Realizada em 09 de abril de 2013.

considerar que as mulheres contempladas nessa pesquisa, pertencem a uma categorial social específica e não estão ligadas somente à esfera reprodutiva, mas também produtiva. Além disso, como é observado por Paulilo (2004), nas propriedades familiares rurais não é tarefa fácil separar o que é trabalho doméstico do que seria trabalho produtivo, visto que não há separação entre unidade familiar e de produção. No ambiente doméstico, muitos produtos elaborados pelas mulheres podem ser feitos tanto para o consumo da família como para serem comercializados, por exemplo, os embutidos, panificados, queijos e doces.

Diversos estudos destacam o caráter específico que a unidade camponesa possui, seu modo de produção, organização, os vínculos com a terra, utilização de mão de obra familiar, importância do parentesco. Entre estas características, evidenciam aspectos ligados à hierarquia que se estabelece em torno da unidade familiar, onde os papéis atribuídas a cada membro da família são determinados de acordo com a idade e o sexo (WOORTMANN E WOORTMANN, 1997; CARNEIRO, 1996; PESSANHA, 1981).

Em um estudo realizado entre pequenos agricultores no nordeste do Brasil, mais especificamente na Zona da Mata de Pernambuco, Heredia (1979) demonstrou que a relação entre a unidade de produção e a unidade de consumo se dava através da oposição casa-roçado. Era a oposição entre elas que organizava “a experiência de vida das unidades familiares, incluindo também as instâncias da vida cotidiana (...) o lugar que os diferentes membros da família ocupam dentro do grupo doméstico está diretamente ligado à sua posição com relação as atividades desenvolvidas no roçado ou na casa” (p. 77).

A autora explica que o roçado era visto como unidade de produção, uma vez que os produtos fornecidos por ele asseguram o abastecimento dos meios necessários para o consumo familiar, dando condição de existência à casa, definida como espaço de consumo, uma vez que o consumo dos produtos do roçado se concretizam nela. Nesse sentido, cabia ao pai de família prover o consumo coletivo do grupo doméstico e, como os bens necessários ao consumo eram fornecidos pelo roçado, era ele o responsável pelas atividades que se realizavam no roçado, enquanto a mulher era encarregada da organização e manutenção das atividades ligada a casa.

Nesse sentido, Woortmann e Woortmann (1997, p. 07) observam que “o processo de trabalho possui dimensões simbólicas que o fazem construir não apenas espaços agrícolas, mas espaços sociais e de gênero”. Ao analisarem o processo de trabalho agrícola de camponeses nordestinos, salientam que o homem controla o espaço produtivo externo à casa, e à mulher cabe o governo da mesma. Em outras palavras, “tudo que diz respeito a ao pasto e a roça é circuito masculino; o que diz respeito à casa é feminino” (ibidem, p. 135).



Diante deste contexto, em minha primeira visita a residência de Dona Maria e Seu Antônio, quando aceitei a carona dos mesmos para chegar à localidade, logo pude identificar aspectos que se baseiam na oposição casa-roçado. Ao deixarmos a feira no final da manhã de sábado, seguimos para o mercado, atividade esta que costumam realizar impreterivelmente após a feira. Na ocasião, enquanto Seu Antônio estaciona a caminhonete próximo ao supermercado, Dona Maria abre a caixinha onde fica armazenado o dinheiro das vendas na feira e pega uma quantia aproximada de oitenta reais, para melhor controlar os gastos. Apesar das compras serem realizadas com parte do dinheiro arrecadado na feira, Seu Antônio não interfere nas compras e fica esperando na caminhonete, constituindo a atividade de “fazer o mercado” numa atividade apenas de Dona Maria, ou seja, da mulher.

O exemplo acima demonstra que o fato de Dona Maria decidir a quantia que gastaria no mercado, sugere que ela dispõe de autoridade para tomar decisões referentes ao uso do dinheiro arrecadado com a venda dos produtos na feira, porém, a tarefa de fazer compras continua sendo atribuída às mulheres, pois apesar de ser realizada fora do lar, é uma atividade que está diretamente ligada aos afazeres domésticos, que por sua vez são identificados como exclusivamente como femininos.

Entre os afazeres domésticos está, fundamentalmente, a organização do consumo familiar. Dona Maria, dentro dessa lógica, tem autonomia de realizar o mercado porque ela estaria comprando produtos para o consumo familiar. Apesar do homem ser o responsável pela manutenção da família, é a mulher que decide sobre o que comer; é ela que colhe ou compra os produtos para o consumo assim como é ela quem organiza esse consumo de modo que todos dias haja comida na mesa para a família.

Apesar de serem responsáveis pela escolha dos produtos nas prateleiras dos supermercados, diante das minhas observações no ambiente doméstico destas famílias, notei que muitas vezes os homens dão “palpite” no que será servido nas refeições, pois as mulheres costumam perguntar aos maridos o que “gostariam de comer” ou se podem cozinhar determinados pratos. Em outros casos, determinam o que será servido, como de acordo com uma das minhas interlocutoras que toda noite faz polenta, pois o marido não come se não tiver<sup>31</sup>.

Seguindo essa lógica, a situação acima ocorre devido a mulher ser a responsável pelas atividades vinculadas ao espaço doméstico. Dentre as atividades, como a limpeza da casa, cuidado com a família, ocupa um lugar privilegiado nesta esfera de tarefas ligadas à preparação

---

<sup>31</sup> Mistura de fubá de milho com água e sal.

das refeições, o que também acaba por definir a casa como sendo um espaço de consumo (HEREDIA, 1979).

Outros demarcadores das atividades masculinas e femininas vão sendo delineados em seus cotidianos. Ao avistar a residência, já observo a filha do casal no varal recolhendo as roupas de cama enquanto o arroz termina de cozinhar, enquanto o irmão termina de vacinar o gado. Ao entrarmos em casa, Dona Maria imediatamente começa a colocar a mesa. Com o término da refeição, ela tira a mesa, lava a louça e guarda as compras do mercado e as sobras da feira. Enquanto isso, a filha termina de faxinar a casa, tarefa que teve que ser interrompida para dar início ao preparo do almoço.

A colaboração do marido ou dos filhos homens não foram evidenciadas em nenhum destes momentos. Pelo contrário, antes de almoçar Seu Antônio se dirige ao banheiro para trocar a roupa suja da feira e aguarda pela comida sentado em uma das pontas da mesa, apressando a esposa e a filha: “cadê o arroz”. Logo após realizar a refeição, segue para o quarto para descansar, deixando-as encarregadas de “limpar a cozinha”. Por sua vez, o filho se arruma para ajudar o vizinho em uma carneada de porcos, não oferecendo ajuda com as tarefas domésticas.

Na situação acima, é possível evidenciar que a filha do casal fica encarregada das tarefas domésticas na ausência da mãe, enquanto o filho se dedica às atividades fora da casa. Todavia, como será exposto adiante, toda a família se envolve nas tarefas consideradas produtivas, inclusive a filha de Dona Maria que também ajuda na lavoura. Nesse sentido, retomo as contribuições de Carneiro (2008) quando adverte que os papéis e as tarefas atribuídas às mulheres são resultado de um processo determinado não apenas pelas condições sociais gerais em que ela se encontra como o tipo de formação social e forma de produção, mas também pela história de seu próprio ciclo familiar. Ou seja, tarefas masculinas serão exercidas pelas mulheres sempre que for necessário ao interesse coletivo do grupo e serão consideradas “ajuda”, o que enfatiza o seu lugar complementar e subordinado na produção. Em outras palavras, “a divisão sexual do trabalho é socialmente construída e manipulável de acordo com o interesse dominante do grupo familiar” (CARNEIRO, 2008, p. 10).

Esta realidade também se observa no cotidiano Seu Pedro e Dona Márcia, que são pais de duas filhas, uma adolescente e outra ainda bebê, que ocasionou um afastamento parcial das atividades da feira. Ao chegar na residência do casal, observo que Seu Pedro carregar a Kombi com os produtos para no dia seguinte comercializa-los, enquanto a esposa cuida da filha. Assim, conta com a ajuda do sobrinho, enquanto a filha adolescente auxilia a mãe com

as tarefas domésticas e ao cuidado da irmã mais nova. Todavia, quando a mão de obra masculina não é suficiente, solicita a ajuda da filha. O mesmo se repete ao amanhecer, quando a filha acorda para ajudá-los a carregar as caixas e seguir para feira.



**Imagem 13 – Filha adolescente carregando os produtos na madrugada. Foto tirada em 14 de janeiro de 2017. Fonte: Arquivo Pessoal.**

Ainda de acordo com a autora, cabe indagar sobre os limites dessa manipulação e hierarquia de interesses internos à família, pois também são socialmente definidos. Como observado no exemplo descrito acima, em nenhum momento observei o filho homem ajudando a mãe e a irmã nas tarefas da casa, como lavar a louça, limpar a casa e no preparo das refeições. Assim, pode-se dizer que o emprego das meninas nas atividades da lavoura, quando os meninos se encontram ausentes, esteja ligado ao “predomínio da roça sobre as atividades realizadas na casa” (CARNEIRO, 2008, p. 10). Por outro lado, Woortmann e Woortmann (1997, p. 135), observam uma certa “plasticidade”, que permite a mulher “invadir o espaço ideologicamente definido como de trabalho masculino, pois a relação de gênero é hierárquica: o homem nunca “ajuda” a mulher na cozinha, espaço por excelência de seu trabalho e reconhecido como tal”.

A oposição casa-roçado, onde cabe a mulher realizar as tarefas ligadas à casa e ao preparo dos alimentos, também se manifesta nas atividades referentes a feira. Dona Margarida,

por exemplo, começa a preparar os pães e as cucas na sexta-feira. No verão, por conta do calor, começa os trabalhos no início da tarde. Faz todo o processo, desde o fermento, feito com batatas - muito valorizado por seus clientes - até o processo de embalagem. Entre uma fornada e outra, aproveita para tirar o leite da vaca, recolher as roupas e prepara o que o marido gostaria para o jantar. Enquanto isso, Seu Olinto colhe as verduras e carrega a caminhonete.

Por volta das dezenove horas, Seu Olinto dá por encerrada “suas atividades”, visto que terminou de carregar a caminhonete com as verduras e frutas, preparando um chimarrão e sentando-se em uma cadeira de praia para descansar e esperar pelo jantar, que seria preparado pela esposa. Paralelamente, Dona Margarida se divide em cuidar dos pães que deixou assando no forno, visto que “os clientes não gostam quando eles ficam escurinhos, queimadinhos em baixo ou muito cascudo” e tirar o leite da vaca para fazer seus queijos. Embora Dona Margarida tenha que se dividir em duas, uma na cozinha e outra no quintal, Seu Olinto continua a desfrutar do chimarrão. Após o jantar, o marido logo vai deitar, deixando a esposa com a louça e organizando os pães e as cucas nas caixas para facilitar e adiantar o trabalho do dia seguinte.

Tomando como exemplo, caso de Dona Margarida, percebe-se que a mulher é encarregada das atividades nos arredores da casa. Para Heredia, Garcia e Garcia Junior (1984, p. 31), “a casa não se restringe ao espaço físico ocupado pela construção, ela inclui também o terreiro (pátio), que a rodeia, local onde vive a criação (aves do quintal), cabras e porcos. As atividades que esses animais exigem, são também, como a casa, de responsabilidade feminina”.



**Imagem 14 - Quintal da casa de Dona Maria e Seu Antônio. Foto tirada em 23 de outubro de 2013. Fonte: Projeto Na feira: Produção, Distribuição e Consumo entre Agricultores Feirantes na Região Central do Rio Grande do Sul.**

Em suma, as situações acima evidenciam que as mulheres são encarregadas do trabalho doméstico, do quintal e preparar os produtos que serão vendidos na feira. Entretanto, é importante ressaltar que pude evidenciar indícios de uma divisão mais igualitária das tarefas, como no caso de Dona Joana que, ao relatar sua rotina de trabalho na preparação dos pães e doces para feira, conta que o marido “ajuda” na preparação destes produtos que também servem para o consumo da família, tarefas consideradas femininas, pois:

Tudo ele que sova o pão. Ele cuida. Só que o pão sou sempre eu que ponho no forno, eu nunca deixei ele sozinho, para tirar, ver que está cozido ele já sabe. Embalar é com ele e sovar é com ele (...) essa semana fizemos agnoline, entortamos os dois, ninguém mais aguentava, eu me doía tudo, tudo. Aí depois vem a tarde dos cavacos<sup>32</sup>. Aqueles até eu faço, depois ele frita. Não é muita coisa, mas. E os bicharedos também, as vezes ele mata umas galinhas, leva (Entrevista realizada em 14 de maio de 2016).

Tal situação, também se sobressaiu enquanto acompanhava a rotina de trabalho de um casal mais jovens de feirantes, que juntos fazem salgadinhos para vender. Embora enfrentasse

---

<sup>32</sup> Conhecido também como cueca-virada, é uma massa doce e frita.

dificuldades para me aproximar e interagir, principalmente com a esposa, observando a banca, percebi que como mencionado no capítulo anterior, o marido costumava se ausentar com frequência, deixando a mulher responsável pela venda dos produtos. Contudo, quando era questionada pelos clientes sobre a falta de ajuda do marido, deixava claro que em casa, ele era o “dono da cozinha” e sabia cozinhar melhor. Em suas palavras: “ Ele que o prendado da cozinha”.

Além disso, foi possível observar que as mulheres são as primeiras a acordar, preparam o café e agilizam as tarefas que envolvem a feira, como colocar água gelada na térmica e café na outra. Pouco antes das cinco horas da manhã, Dona Margarida, me acorda e imediatamente começa a lavar e embalar os queijos, explicando que precisam ser limpos pela manhã, visto que se lavasse antes de deitar, ficariam com cheiro forte. Enquanto isso, Seu Olindo faz o chimarrão e, em meio aos mates, reclama que a esposa é muito esquecida, pois havia esquecido de colocar a balança usada na feira para carregar durante a noite, como se está atividade fosse de exclusiva da mulher, embora a balança seja um item indispensável para a ambos fazerem a feira.

Um acontecimento semelhante a este último, foi igualmente percebido quando Seu Antônio questiona sua esposa sobre o esquecimento da caixa de isopor contendo salames. Embora Dona Maria seja categórica: “ah, meu filho, se tu não lembrou o problema e seu”! esse fato cotidiano demarca de forma explícita, o ambiente doméstico como um espaço feminino, bem como a reponsabilidade que recai sobre as atividades da casa e dos produtos nela manufaturados.

Cabe destacar ainda, que existe uma valorização dentro da família do trabalho produtivo sobre o trabalho reprodutivo, doméstico, pois mesmo sendo produtivo, o trabalho da mulher não tem o mesmo valor que o trabalho desempenhado pelo homem. Em uma entrevista<sup>33</sup> realizada com Dona Margarida, conta como é o processo de confecção dos capeletti que faz para vender na feira e ao ser questionada sobre a ajuda do marido, reclama que ele “não põe a mão em nada”. Visivelmente incomodado, o marido responde: “vamos trocar de serviço, eu fico em casa e tu vai na lavoura, vai ter que fazer o que eu faça na lavoura”. Segundo Heredia (1979, p. 79), as “atividades do roçado, na medida em que possibilitam a produção de bens essenciais para o consumo familiar, são consideradas “trabalho” em oposição às ligadas à casa, não reconhecidas como tal”.

---

<sup>33</sup> Entrevista pertencente ao projeto Na Feira: Produção, Distribuição e Consumo entre Agricultores Feirantes na Região Central do Rio Grande do Sul. Realizada em 09 de abril de 2013.





**Imagem 15 - Plantação de tomates na propriedade de Dona Maria e Seu Antônio. Foto tirada em 30 de outubro de 2016. Fonte: Arquivo pessoal.**

Pode-se dizer que se essa oposição organiza o trabalho entre os gêneros ela também aponta para uma complementariedade entre as atividades na roça e na casa assim como entre as atividades masculinas e femininas. Assim, organizam as relações sociais dentro da família estabelecendo uma unidade entre produção e consumo, entre marido e esposa, entre homem e mulher dentro da família camponesa.

Woortmann e Woortmann (1997), esclarecem que o trabalho é uma categoria cultural e tem múltiplos significados. Na cultura camponesa não pode ser pensada independentemente de outras, como terra, família e gênero. Ainda, diferente do que ocorre no universo de representações da produção moderna, o trabalho não pode ser pensado em si, visto que é uma categoria moral. Em síntese:

A noção de trabalho, como subjetiva, e o processo de trabalho como encadeamento de ações, marcam distinções de gênero. Nesse contexto cultural (...) a categoria trabalho só se aplica ao homem, mais especificamente ao pai de família. No espaço da roça no sítio, a mulher, os velhos e não-adultos em geral não “trabalham”, sua atividade se define com *ajuda*. É só no âmbito da casa que a atividade se define como

trabalho (ainda que menos valorizada), marcando assim, espaços de gênero (Woortmann; Woortmann, 1997, p. 134).

O que se pode perceber através dos casos expostos é que existem espaços e atividades socialmente definidas como masculinas e femininas. As tarefas consideradas como produtivas, realizadas sobretudo no roçado, responsável pela manutenção do núcleo familiar são mais valorizadas do que aquelas realizadas dentro da casa, local onde se realiza as atividades da esfera feminina e encontra-se sob administração da mulher que tem autonomia no nível das decisões internas e seus limites (CARNEIRO, 2008). Essa afirmação pode ser evidenciada quando Seu Antônio novamente apressa a esposa com a refeição e obtém como resposta: “lá fora tu faz o que quiser, aqui dentro mando eu”.

Entretendo, penso em conformidade com Carneiro (2008, p. 8), que o fato de estar ligada aos afazeres domésticos “não significa que a mulher não participe de nenhuma etapa do processo produtivo”. Ou ainda, “existem momentos no processo de trabalho agrícola em que homens e mulheres partilham o mesmo espaço, ao mesmo tempo. São os momentos de plantio, de capina (limpa) e da colheita” (WOORTMANN; WOORTMANN, 1997, p. 135).

Dona Maria, por exemplo, apesar dos problemas de saúde, das dores frequentes que hoje a limita de algumas atividades tanto doméstica como agrícola, faz questão ressaltar que toda a família se envolve nas tarefas da feira, todos costumam ajudar na plantio e colheita dos produtos, logo:

(...) a gente vai para a lavoura, todo mundo. Só a Isabela [**filha**] que não. Agora ela tem um problema; tem uma aroeira [**árvore**], quando ela vai, fica vermelha. Esse ano que não estou indo, sinto muita dor, mas os outros anos sempre fui com eles. Agora ficou mais fácil, compraram o trator, não precisam ficar carregando como uma vez, que era com o carrinho (Entrevista realizada em 31 de outubro de 2016).

Nas palavras de Dona Maria, percebe-se que ela sempre participou das atividades desenvolvidas na lavoura, porém, por questões de saúde, deixou de frequentar este espaço mais recentemente. O mesmo se observa com Dona Margarida, que devido à sobrecarga de trabalho, ocasionada com as tarefas da feira, não costuma frequentar a lavoura atualmente, pois tem todas as atividades de casa e do quintal:

E muita coisa, começo pelas seis e meia, seis horas, faço tudo que tem para fazer lá fora, recolho ovo, recolho as roupas, recolho a vaca, agora parei de tirar de noite o leite porque o terneiro já está com quatro meses e os dias já tão menor né depois tomo o meu banho e faço a polenta dele, que de noite é a polenta (Entrevista realizada em 09 de abril de 2013).



A participação na lavoura também faz parte do cotidiano de Dona Carmen. Apesar da filha trabalhar em casa e ajudá-la com as tarefas do lar, em conversa sobre o clima que estava fazendo na cidade, de sol intenso e forte calor, menciona que prefere acordar cedo e ir para lavoura com o marido e por volta das nove horas quando o sol começar a esquentar retornar para casa para dar início ao almoço. Assim, através do depoimento de Dona Carmem dá para perceber que as condições de trabalho da esposa não são iguais às do marido, assim como o tempo, pois “a mulher deve interromper sua jornada de trabalho na roça para atender às crianças, preparar a comida e dedicar-se às demais atividades que lhe são atribuídas pelo “destino” que lhe é socialmente construído” (WOORTMANN; WOORTMANN, 1997, P. 135).

### **4.3. Mulher na esfera do cuidado**

Outro fator que se sobressaiu em minhas observações e que também é por vezes visto como um trabalho improdutivo ou mesmo invisível em certas esferas da sociedade, é o uso da categoria “cuidado”. O cuidado tal como o trabalho doméstico realizado por essas mulheres também está sempre presente em suas vidas como um tipo de trabalho pesado (pois configura-se como uma sobrecarga às tarefas doméstica e a feira) e afetivo (porque envolve normalmente o cuidado da família), que se configura essencial a nossa existência.

Márcia, filha de Dona Margarida, é casada com Seu Pedro, juntos são pais de duas meninas, uma adolescente e outra ainda bebê. Atualmente, devido aos cuidados com a filha mais nova, Márcia raramente frequenta a feira. Em casa, observa-se que além das tarefas domésticas, Márcia cuida da filha, enquanto Seu Pedro carrega a Kombi com os produtos que serão comercializados na feira. Além do mais, enquanto a filha brinca na banheira, Márcia aproveita para cortar as abóboras em pequenos pedaços para facilitar o trabalho do marido na feira.

Outra interlocutora, Dona Maria, possui três filhos, o mais novo voltava da feira de bicicleta quando foi atropelado, precisando ficar hospitalizado por muito tempo. Hoje, devido à gravidade do acidente, necessita de consultas médicas frequentes bem como fazer uso de medicamentos controlados. Quando ela ainda fazia feira nas quartas, Dona Maria se dirigia para o hospital e realizava a marcação de consultas, dedicando-se ao cuidado intensivo do filho.

Recentemente, o “cuidado com o filho” é evidenciado quando Dona Maria lembra o marido várias vezes durante a feira que precisa comprar o colírio para o filho que está com irritação nos olhos.

Estes são apenas um dos exemplos para melhor mostrar como o cuidado está sempre sendo relegado ao mundo feminino. Seja com o cuidado dos filhos, seja com o cuidado do marido, dos pais ou de outras pessoas próximas.

A bibliografia sobre a categoria do cuidado evidencia que o mesmo está presente em todas as esferas da vida. Por exemplo, os produtos comercializados na feira: os legumes, os grãos, as verduras, as frutas, etc. precisam ser cultivados e cuidados constantemente para vingarem, pois, as plantações não se desenvolveriam caso fossem deixadas somente à mercê do tempo e do acaso. As cucas, os pães, as bolachas, as geleias, os doces, os queijos, os embutidos também precisam de cuidados. São várias etapas de produção que merecem atenção de quem o faz, o pão necessita ser sovado, deixado para descansar a fim de crescer para então depois ser cuidado no tempo de assar, assim como todos os outros alimentos possuem os seus processos e os seus graus de cuidado. Segundo a autora Solís (2009), o cuidado é uma forma de trabalho altamente feminilizado que não deixou de se mostrar presente na vida de minhas interlocutoras:

És preciso llamar la atención: El cuidado está en los intersticios de las dicotomías más de la provisión social. Cuando hablamos de cuidados hablamos de muchas cosas. Los cuidados están a caballo entre lo asalariado y no asalariado; lo público y lo privado; lo formal y lo informal; la familia, el Estado, el mercado y el voluntariado; las ayudas monetarias y los servicios; la persona cuidada, la que cuida y la familia (...). El cuidado está en todo, es una forma de habitar la realidad, pero el cuidado es también un trabajo, una actividad que entraña carga, explotación los cuidados atraviesan hoy distintas esferas y nos permiten estudiar las continuidades (por ejemplo, la feminización de todos los cuidados) y las distintas racionalidades bajo las que opera. Es pues un lugar privilegiado para detectar transformaciones, tanto en la familia, las relaciones amorosas, intergeneracionales, entre los sexos como en el Estado (SOLÍS, 2009, p. 24 e 26).

Este cuidado, tal como referido acima, pôde ser observado quando frequentava a feira e as residências dos feirantes. Na feira, os gestos de preocupação e proteção, vinham sobretudo do público feminino, principalmente quando estava com problemas de saúde, embora fosse um simples resfriado, voltavam com receitas de remédios caseiros, chás, xaropes. Na casa dos feirantes, a preocupação com a alimentação, com a temperatura, se precisava de mais cobertura para dormir, se passaria frio também ficava evidente.

#### 4.4. Atuação feminina

Em síntese, demonstrei que a relação entre unidade de produção e unidade de consumo, consolidada na oposição casa-roçado orientam as escolhas e as práticas sociais das famílias aqui analisadas. Ao homem cabe o sustento da família, as atividades consideradas produtivas, enquanto às mulheres as tarefas da casa, como lavar roupa, cozinhar, cuidar dos filhos, da família, além das atividades do “quintal” como tirar o leite da vaca e no trato dos animais. Além disso, demonstrei que as mulheres costumavam acompanhar seus maridos nas atividades agrícolas. Todavia, raramente observei os homens ajudando nas tarefas domésticas, consideradas como não trabalho, visto que “para a mulher rural em regime de economia familiar, o trabalho agrícola é uma extensão das suas tarefas domésticas” (HEREDIA; CINTRÃO, 2006, p. 04).

Entretanto, cabe salientar que as mulheres exercem influência sobre as decisões familiares. Em conversa com Dona Maria e Seu Antônio, percebi que a casa que construíram durante a pesquisa é motivo de muito orgulho e de muito esforço. Sobre a importância da *Feirinha de Camobi* no processo de construção da mesma, Dona Maria faz questão de ressaltar que o dinheiro da feira contribui para pagar os pedreiros, visto que a casa foi em parceria com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Além da iniciativa de comercializar na feira, partiu de Dona Maria a ideia de se inscrever no Sindicato para concorrer as casas, Seu Antônio foi comunicado posteriormente:

**Pesquisadora:** A casa vocês terminaram de construir com o dinheiro da feira?

**Maria:** Com a feira. A gente pagou os pedreiros.

**Pesquisadora:** E quem ganhou?

**Maria:** Os dois. Mas quem foi lá me escrever fui eu, ele nem sabia.

**Pesquisadora:** Essa casa foi pelo Sindicato?

**Maria:** Pelo sindicato, pelo fundo perdido. Aí disseram assim, eu já tinha tentando uma vez, sabe. Um dia estavam falando que vinha esse dinheiro para fazer essas casas, aí fui lá e me escrevi sabe, mas levou uns dois anos para chamar para ir lá. Aí a gente foi lá, fez toda a papelada, pagou os R\$1800,00 da papelada. Em seguida a gente foi lá assinar a papelada, dia 12 de junho, por que dia 13, dia de Santo Antônio e ele disse que pode, se vocês quiserem começar a construir, mas como estava chovendo, eu disse, só depois que parar de chover (Entrevista realizada em 30 de outubro de 2016).

Em conformidade, Dona Margarida relata uma história semelhante, sobre o processo de aquisição e construção da casa nova:

Ah, morava lá na casa velha, não tinha casa, meu sonho era ter uma casa, aí quando veio esse plano do Lula, depois de toda aquela função do Lula. Pá, pá, pá e foi e foi pedido casa tal, mas ele não veio individual no caso só para mim né, ele deu para todos, todos os agricultores da região sul, aí eu como tem a Cresol [**banco**] que é uma cooperativa e a gente já estava amigo lá, um dia eu fui lá e disse assim, escuta moço eu queria saber esses negócios das casas, como é que funciona, aí o Olinto como diz o outro se tu vai atrás, sempre pisando no pé, não seja boba como é que tu vai conseguir, tu não tem terra no teu nome. Digo, deixa eu falar com o rapaz aqui, ele vai saber me dar uma resposta, eu não vou naquela porque eu não tenho, vai ver que tem uma forma, um jeito de a gente consegui, digo como é essas casas que estão dando essas casas? Tão, tão dando essas casas, mas porque que não ele disse, vamos botar aqui seu nome. Aí boto lá o meu nome né, aí ele sempre pisando atrás né, negativo, não, mas capaz que tu vai consegui, mas da onde digo não, eu vou consegui, tu vai ver se eu não vou consegui, ai fui lá um dia com a mãe e digo mãe vamos lá que a mãe assina pra mim, faz alguma coisa, sei lá Entrevista realizada em 09 de abril de 2013).

Diante dessas observações, é importante perceber que apesar de haver uma lógica na divisão de trabalho e na hierarquia familiar, ela não pode ser considerada com rigidez, pois como evidenciado, existe uma possibilidade de negociação entre as posições ocupadas pelo marido e pela mulher. Em outras palavras, não se pode absolutizar a posição de subordinação da mulher, visto que o próprio “cuidado” revela essa autoridade feminina em determinados assuntos dentro da família, visto que é ela quem sabe cuidar.

O fato de Dona Margarida e Dona Maria tomarem a iniciativa de recorrer ao financiamento para a construção da casa, demonstra que elas ocupam uma posição de autoridade nas decisões familiares. O mesmo se observa quando Dona Maria pega determinada quantia arrecadada com a venda dos produtos na feira e segue para o mercado, deixando o marido esperando na caminhonete, demonstrando assim que ele não controla o dinheiro que será gasto com as compras.

É importante perceber ainda, que é no interior da casa, onde as atividades são menos valorizadas, consideradas secundárias, se comparadas as realizadas na lavoura, que estas mulheres desfrutam do conhecimento doméstico para elaboração de pães, cucas, doces. É com a venda desses produtos, elaborados em suas cozinhas, que obtém uma renda e alcançam o reconhecimento dos clientes e das demais pessoas que frequentam a feira.

## **Considerações Finais**

Este trabalho teve como objetivo compreender as relações de gênero em uma feira de pequenos agricultores localizada na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul /RS, mais especificamente na *Feirinha de Camobi*. Procurei compreender de que modo a realização da feira interfere nas relações de gênero, tanto no espaço doméstico como no âmbito do trabalho. Contudo, ao longo do percurso, um conjunto de outras questões foram se mostrando relevantes para entender o campo de pesquisa.

Encontrei muitas dificuldades para assimilar o processo de construção da *Feirinha de Camobi*, devido à falta de documentos oficiais e dos diferentes relatos. Baseada em entrevistas realizadas com os feirantes e com as demais pessoas que participaram do processo de construção deste espaço de comércio, constatei que este fenômeno foi pensado pela associação de moradores do bairro, Sociedade Amigos de Camobi (SACA), professores, alunos e funcionários da UFSM como um espaço de convivência, onde o bairro pudesse conviver, se encontrar e os pequenos agricultores vender seus produtos de forma direta, do produtor para o cliente.

A venda direta consiste em uma das principais características da *Feirinha de Camobi*. Os clientes costumam comprar por acreditarem na superioridade dos produtos frente a outros canais de comercialização, pois a confiança depositada nos produtos vendidos na feira advém da comercialização face a face, visto que podem sanar suas dúvidas sobre a origem e processamento dos produtos com os feirantes.

Esse espaço se caracteriza ainda por ser propício para construção de novas sociabilidades. Os clientes podem passear com seus filhos, animais de estimação e interagir com os mais variados públicos. Contudo, ainda existe uma série de carências ligadas a infraestrutura e a falta de diálogo com os órgãos públicos e de fiscalização. Além disso, a entrada de produtos considerados “de fora” acaba por dividir opiniões, ocasionando conflitos entre os clientes e os próprios feirantes.

No que se refere as relações de gênero, pude perceber a existência de uma divisão sexual do trabalho e hierarquia de gênero, pois cabe a mulher a venda dos pães,ucas, doces, geleias, enquanto o homem fica encarregado das verduras, dos legumes, do feijão, entre outros produtos agrícolas. No entanto, através das observações, pude elucidar um protagonismo feminino na construção, manutenção e organização da *Feirinha de Camobi*. Partiu das mulheres a iniciativa de comercializar. Começaram sem a presença dos maridos, que passaram a acompanhá-las anos depois. Esse fato fez com que os clientes as vissem como as “donas da banca”, se dirigindo primeiramente a elas para adquirir os produtos. A preferência pelo

atendimento se dá também pela forma como o produto é comercializado e das informações fornecidas sobre eles, como o tempo, modo de preparo e os ingredientes utilizados.

O que também pode ser observado na *Feirinha de Camobi*, é que existe um comprometimento maior por parte das mulheres, pois dificilmente elas se ausentam de suas bancas ou esquecem das encomendas solicitadas pelos clientes. Os homens costumam transitar com frequência no espaço da feira e entre as bancas, deixando-as sozinhas, ocasionando uma diferenciação no modo de interagir e socializar com os colegas de trabalho e com as demais pessoas que frequentam a feira. Por fim, cabe ressaltar que as mulheres possuem mais facilidade em calcular o preço dos produtos e posteriormente “fazer” o troco. Embora os homens atendam os clientes, eles alcançam o dinheiro e deixam as esposas encarregadas de devolver o troco.

No caso do espaço doméstico, foi crucial considerar o modo de organização da família camponesa para compreender como a *Feirinha de Camobi* interfere nas relações de gênero. O que pude perceber com isso, é que o homem continua sendo o responsável pelos espaços tidos como produtivos, externos a casa, espaço masculino por excelência, enquanto a mulher cabe o cuidado da casa, do marido e filhos. Além disso, as atividades realizadas por elas não são consideradas como trabalho, mas “ajuda”, embora executem as mesmas atividades que o marido, como aquelas do roçado.

É importante notar, que o fato do homem estar ligado a lavoura e a mulher à casa, não significa que ela esteja restrita as tarefas consideradas improdutivas. Pelo contrário, acompanhando a rotina de trabalho das famílias, percebi que as mulheres não apenas contribuem para a manutenção do grupo doméstico, executando tarefas como limpar a casa, cozinhar, cuidar dos filhos, acompanhar os maridos no plantio e colheita dos produtos para o consumo da família e dos destinados a comercialização na feira, elas também possuem poder de decisão sobre os assuntos familiares e o acesso ao dinheiro.

A partir do exposto, conclui-se que, se por um lado a feira torna a rotina das mulheres mais trabalhosa, ocasionando uma carga extra de trabalho, por outro permite que elas frequentem não apenas um espaço público, mas de comércio, o qual exercem pleno domínio, seja na sua organização, manutenção ou venda dos produtos. Além disso, embora não executem as mesmas atividades que seus maridos, seja na *Feirinha de Camobi* ou em casa, elas estão presentes e atuando. Assim, ter poder de decisão não significa necessariamente exercer as mesmas tarefas, fato este que se observa tanto na feira como em casa. Sendo assim, chamo

atenção para as implicações de se ter um olhar excessivamente masculino para as relações de gênero, julgando as mulheres sempre como submissas e subordinadas.

## Referências Bibliográficas

ANDRADE, M. **Conflitos agrários e memória de mulheres camponesas**. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, v.15, n.2, p. 455-451, 2007.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. **Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária**. In: X Congresso Nacional de Educação. PUCPR: Curitiba, 2011.

BEAUD, S.; WEBER, F. **Guia para a Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2007.

BOURDIEU, P. et al. **O Ofício de Sociólogo**. [1968]. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 2005.

BRANDEMBURG, A. **Do rural tradicional ao rural socioambiental**. *Ambient. Soc.* Vol. 13, n. 2, p 417-428, 2010.

BRUMER, A. **Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 12, n. 1, p.205-227, 2004.

\_\_\_\_\_. **Previdência social rural e gênero**. Sociologias (UFRGS), Porto Alegre, v. 7, p. 50-81, 2002

BRUSCHINI, M. C. A. **Trabalho e Gênero no Brasil nos Últimos Dez Anos**. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, p. 537-572, set./dez. 2007.

CABRAL, J. de P. **Sem palavras: Etnografia, Hegemonia e Quantificação**, In: Mana, Vol. 14, no. 1, p. 61-86, 2008.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. Revista de Antropologia, São Paulo, v.39, n.1, p.13-37, 1996.

CARNEIRO, M. J. **Herança e Gênero entre Agricultores Familiares**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n.1, p. 22-55, 2001.

\_\_\_\_\_. **Esposa de agricultor**. Revista Estudos Feministas, Rio de Janeiro, v. 4, n.2, 1996.



\_\_\_\_\_. **Trabalho, “ajuda” e disputas: uma etnografia das confecções de lingerie em domicílios rurais.** Estudos de Sociologia, Araraquara, v.11, n.20, p.99-125, 2006.

\_\_\_\_\_. Melhor para a cabeça do que para o bolso: O significado do suco de maça para os camponeses dos Alpes franceses. In: Woortmann, E.; Cavignar, J. (Org). **Ensaio sobre Antropologia da Alimentação: Saberes, dinâmica e patrimônio.** 1ed. Natal: ABA/edufm, 2016.

\_\_\_\_\_. “Rural” como categoria de pensamento. **Ruris**, vol. 2, no.1, p. 939, 2008.

CRUZ, F. T. da; MENASCHE, R. **Do consumo à produção: produtos locais, olhares cruzados.** Revista IDEAS (Online), v. 5, p. 91-114, 2011.

CRUZ, F. T; SCHNEIDER, S. **Qualidade dos alimentos, escalas de produção e valorização de produtos tradicionais.** Revista Brasileira de Agroecologia, p. 22-38, 2010.

CINTRÃO, P. R. **Segurança, qualidade e riscos: a regulação sanitária e os processos de (i) legalização dos queijos artesanais de leite cru em Minas Gerais.** Tese- Programa de PósGraduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Rio de Janeiro, 2016.

DAMATTA, R. O ofício de etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, E. de O. **A aventura sociológica.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1978.

DAROLT, M. R. Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos: reconectando produtores e consumidores. In: **Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura.** Organizadores: Paulo André Niederle, Luciano de Almeida, Fabiane Machado Vezzani. Curitiba: Kairós, 2013.

FOOTE WHYTE, W. **Sociedade de Esquina.** [1943]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

FONSECA, C. **Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação.** Revista Brasileira de Educação, n. 10, p. 58-78, jan. 1999.

GARCIA, Marie-France. **O segundo sexo do comércio: Camponesas e negócio no Nordeste do Brasil.** Rev. bras. Ciências Sociais. v.7 n.19 Rio de Janeiro jun., 1992. Disponível em: [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_19/rbcs19\\_08.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_19/rbcs19_08.htm). Acesso em: 09/11/2017.

\_\_\_\_\_. **Feira e trabalhadores rurais: as feiras do Brejo e do Agreste Paraibano.** Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional UFRJ. Rio de Janeiro, 1984.

GEERTZ, C.; **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro, LTC, 1989.

HARTMANN, L. “Revelando” **Histórias: os usos do audiovisual na pesquisa com narradores da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai.** Campos 5(2): 65-86, 2004.

HIRATA, H; KERGOAT, D. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho.** Cadernos de Pesquisa, v.37, n.132, 2007.

HEREDIA, B. M. **A Morada da Vida. Trabalho Familiar de Pequenos Produtores no Nordeste do Brasil.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, p.1-127.

HEREDIA, B; GARCIA, Marie France; GARCIA JR., A. O lugar da mulher em unidades domésticas camponesas. In: AGUIAR, Neuma (Coord.). **Mulheres na força de trabalho na América Latina.** Petrópolis: Vozes, 1984.

KAYSER, B. **La Renaissance Rurale,** Paris, A, Colin, 1990.

LENOIR, R. Objeto Sociológico e o problema social. IN: Champagne, P. et al. **Iniciação à Prática Sociológica.** Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MARIN, J.B.M. Jovens rurais nas feiras de Santa Maria: trabalho, sociabilidade e consumo. In: **Mercados, campesinato e cidades: abordagens possíveis** / Organizado por Maria Catarina Chitolina Zanini. – São Leopoldo: Oikos, 2015.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental:** um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARTINS, H. T. de S. **Metodologia qualitativa de pesquisa.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 287-300, maio/ago. 2004.

MENASCHE, R; TORRENS, J. C. S. **Gênero e agricultura familiar: cotidiano de vida e trabalho na produção de leite.** Curitiba: DESER/CEMTR, v. 1. 107, p.1996.

MILLS, C. W. Sobre o artesanato intelectual. In: **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, p.21-63, 2009.

PAULILO, M, I, S. **O peso do trabalho leve**. Ciência Hoje, Rio de Janeiro: SBPC, v. 5, n. 28, p. 64-70, jan./fev. 1987.

\_\_\_\_\_. **Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise**. Revista Estudos Feministas, CFH, v. 12, n.01, p. 229-252, 2004.

\_\_\_\_\_. **Movimento de Mulheres Agricultoras: Terra e Matrimônio**. Cadernos de Pesquisa, Florianópolis- SC, n.21, p. 1-21, 2000.

PERROT, M. **Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros**. Trad.Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª.Ed , 1988.

PEIRANO, M. **Etnografia não é Método**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

PORTILHO, F. Sociabilidade, confiança e consumo na feira de produtos orgânicos. In: BARBOSA, L.; PORTILHO, F.; VELOSO, L. **Consumo: cosmologias e sociabilidades**. Rio de Janeiro: MAUAD X; Seropédica: EDUR, 2009.

PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val diChiana (Toscana: 29 de junho de 1944): Mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena et al. (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Ed. UNESP, p. 67-75, 2009.

RADOMSKY, G; SCHNEIDER, S. **Nas teias da economia: o papel das redes sociais e da reciprocidade nos processos locais de desenvolvimento**. Sociedade e Estado, Brasília, v.22, n.2, p.249-284, maio/ ago.2007.

ROCHA, A. L. C; ECKERT, C. Etnografia: saberes e práticas. In: **Ciências Humanas: Pesquisa e Método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

SEYFERTH, G. **Identidade Camponesa e Identidade Étnica** (Um estudo de caso). Anuário Antropológico, n. 91, 1993.

\_\_\_\_\_. **Família, condição feminina e imigração.** In: Fazendo Gênero 10. Desafios dos feminismos. Florianópolis. v. 1. p. 1-15, 2013.

SARTI, C. A. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória.** Estudos Feministas, Florianópolis, 12(2): 35-50, maio-agosto, 2004.

SOLÍS, C. V. **Culturas del cuidado entransición:** espacios, sujetos e imaginarios en una sociedad de migración. Barcelona: Editorial UOC, 2009.

SILVA, J. F. G. **O Novo Rural Brasileiro.** Nova economia, Belo horizonte. 7(1):43-81, 1997.

STRATHERN, M. **O gênero da Dádiva. Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia.** Campinas, Editora da Unicamp, 2006.

SIQUEIRA, H. S.; COLOMÉ, F. **Feira de Economia Solidária: reflexões sobre a relação consumo e cidadania.** Encontro Nacional de Estudos do Consumo. 2010.

SABOURIN, E. Os mecanismos de qualificação e certificação como interfaces entre reciprocidade e troca mercantil. In: **Mercados e agricultura familiar: interfaces, conexões e conflitos** / Marcelo Antônio Conterato [et al.] (Org.). Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

SCOTT, J. **Gênero: Uma categoria útil para a análise histórica.** Tradução: DABAT, C. R.; ÁVILA, M. B. Texto original: Joan Scott – Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.

SPANEVELLO, R. M. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar.** Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

VEDANA, V. **“Fazer a Feira” estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre.** Dissertação de mestrado. UFRGS, 2004.

\_\_\_\_\_. **No Mercado tem tudo que a boca come. Estudo Antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo.** Tese de Doutorado, Porto Alegre, 2008.

VELHO, G. Observando o Familiar. In: Édson de Oliveira (org). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método de pesquisa social**. Rio de Janeiro, Zahar, p. 3646, 1978.

ZANINI, M. C.; FROELICH, P. Etnicidade na feira: a comida como interlocução. In: MENASCHE, Renata. (Org.). **Saberes e Sabores da Colônia**. 1ed. Porto Alegre: EDUFRGS, v. 1, p. 103-114, 2015.

ZANINI, M.C; SANTOS, O. M, colonas italianas no sul do Brasil: estigma e identidade. In: **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos** / Delma Pessanha Neves, Leonilde Servolo de Medeiros (Org). – Niterói: Alternativa, p. 89- 106, 2013.

WOORTMANN, E. **Herdeiros, parentes e compadres: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste**. Brasília: EdUnb; São Paulo: Hucitec, 1995.

WOORTMANN, E; WOORTMANN, K. **O Trabalho da Terra: A lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

WEISHEIMER, N. **Jovens agricultores: gênero, trabalho e projetos profissionais**. In: XXIX Encontro Anual da ANPOCS, Caxambú, 2005.

\_\_\_\_\_ **A situação juvenil na agricultura familiar**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

WILKINSON, J. **Sociologia econômica, a teoria das convenções e o funcionamento dos mercados: inputs para analisar os micro e pequenos empreendimentos agroindustriais no Brasil**. Ensaio FEE, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 805- 821, 2002.